Projeto *"Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral"*

Fevereiro/2014

EQUIPE

PROFESSORES PESQUISADORES

Duval Fernandes (Coordenador)
Maria da Consolação G. de Castro

BOLSISTAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Bruna Beatriz Pimenta
Paula Guedes
Taís de Fátima Xavier
Vanessa do Carmo

PARCEIROS LOCAIS

Belo Horizonte – Centro Zanmi
Brasília – IMDH
Campinas – NEPO/UNICAMP
Curitiba – Pastoral do Migrante
Manaus – Pastoral do Migrante
São Paulo – CEM
Porto Velho - Unir

Belo Horizonte, fevereiro de 2014

RESUMO

A migração dos haitianos para o Brasil é um processo que teve início em 2010 e avançou até formar um fluxo que vem se transformando em permanente. Apesar das medidas tomadas pelo governo e do apoio da sociedade civil organizada, a falta de instrumentos legais de uma política migratória adequada faz com que a chegada desses imigrantes ao país se transforme em uma situação única, que coloca desafios para a sociedade brasileira como um todo. Esta pesquisa, como parte do projeto Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil: diálogo bilateral, buscou traçar o perfil dos imigrantes que chegaram ao Brasil utilizando os registros administrativos disponíveis no Ministério das Relações Exteriores e no Conselho Nacional de Imigração do Ministério do Trabalho. Ao mesmo tempo, foram levantadas informações por meio de duas pesquisas, uma que ouviu 340 imigrantes haitianos nas cidades de Belo Horizonte, Curitiba, São Paulo e Porto Velho, e outra, de cunho qualitativo, que realizou nove grupos focais nessas mesmas cidades, além da cidade de Manaus. Os principais resultados indicam que o grupo desses imigrantes é formado por pessoas predominantemente jovens, com idades entre 20 e 39 anos, em sua maioria com nível de instrução equivalente ao ensino fundamental incompleto. Para os que não têm visto de entrada para o Brasil, o trajeto feito acontece via redes de tráfico de imigrantes e em condições de extrema vulnerabilidade. Apesar de os imigrantes reconhecerem que a situação que vivem no Brasil é melhor do que a que vivenciavam no país de origem, as condições de trabalho e moradia não permitem poupar o bastante para manter um fluxo regular de remessas para as famílias no Haiti e indicam a necessidade do estabelecimento de um diálogo bilateral entre o governo brasileiro e o do Haiti para combater as redes de tráfico e fornecer informações aos candidatos à emigração sobre as condições de vida e trabalho no Brasil.

Palavras-chave: Migração haitiana para o Brasil. Tráfico de imigrantes. Situação de vulnerabilidade migratória.

LISTA DE SIGLAS

AC – Acre
Aids - Vírus da Imunodeficiência Humana Adquirida
AM – Amazônia
BH – Belo Horizonte
CGIg - Coordenação Geral de Imigração – CGIg
CNAI - Centro Nacional de Apoio ao Imigrante
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNIg – Conselho Nacional de Imigração
Conare – Comitê Nacional para os Refugiados
CPF - Cadastro de Pessoa Física na Receita Federal
CPIR – Coordenadoria da Promoção da Igualdade Racial
CPM – Centro Pastoral do Migrante
CPMM - Centro Pastoral e de Mediação dos Migrantes
Fies – Fundo de Financiamento Estudantil
GF – Grupo Focal
IMDH - Instituto Migrações e Direitos Humanos
INSS - Instituto Nacional de Seguro Social do Ministério da Previdência Social Brasileira
MG – Minas Gerais
Minustah - Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti
MRE – Ministério das Relações Exteriores
MS – Mato Grosso do Sul
MTe – Ministério do Trabalho e Emprego
OIM – Organização Internacional para a Migração
ONG – Organização Não Governamental
PR - Paraná
Pe. – Padre
RH – Recursos Humanos
RO - Rondônia
RN – Resolução Normativa
Seas - Secretaria Estadual de Assistência Social

Senac - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

Senai – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

Sincre – Sistema Nacional de Cadastramento e Registro de Estrangeiros

Sine – Sistema Nacional de Emprego

SP – São Paulo

SUS – Sistema Único de Saúde

TCLC - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Ufro – Universidade Federal de Rondônia

Unicamp – Universidade Estadual de Campinas

Unir – Fundação Universidade Federal de Rondônia

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa dos estados e municípios onde a pesquisa foi realizada 23

Figura 2 – Pirâmide etária dos haitianos com vistos concedidos pelo CNIg/2012 ..30

Figura 3 - Mapa do local de nascimento dos imigrantes haitianos que obtiveram visto no Consulado do Brasil em Porto Príncipe – 2012 35

Figura 4 - Mapa do local de nascimento dos imigrantes haitianos que obtiveram visto nas representações diplomáticas do Brasil – 2013.....36

Figura 5 - Mapa do local de destino no Brasil indicado pelos haitianos quando da obtenção do visto junto às representações consulares brasileiras - 2012/2013 37

Figura 6 - Mapa do fluxo dos haitianos que entraram no Brasil por Epitaciolândia e Brasileia, no período de janeiro de 2010 e março de 2014. 39

Figura 7 - Mapa do fluxo dos haitianos que entraram no Brasil por São Paulo e Guarulhos, no período de janeiro de 2010 e março de 2014. 40

Figura 8 - Mapa do fluxo dos haitianos que entraram no Brasil por Tabatinga, no período de janeiro de 2010 e março de 2014.....41

Figura 9 - Proporção de imigrantes haitianos por cidade de residência Brasil 2001 a 2014 42

Figura 10 - Proporção dos imigrantes haitianos por sexo segundo cidades selecionadas de residência selecionadas, Brasil 2010 a 2014. 43

Figura 11 - Resolução utilizada para a concessão de vistos aos haitianos, segundo local de residência, cidades selecionadas. Janeiro 2010 a março de 2014. 44

Figura 12 - Distribuição etária dos haitianos por sexo/2013.....45

Figura 13 - Mapa do local de origem no Haiti dos imigrantes residentes em Belo Horizonte.....49

Figura 14 - Mapa do local de origem no Haiti dos imigrantes residentes em Brasília 50

Figura 15 - Mapa do local de origem no Haiti dos imigrantes residentes em Campinas.....51

Figura16 - Mapa do local de origem no Haiti dos imigrantes residentes em Curitiba 52

Figura17 - Mapa do local de origem no Haiti dos imigrantes residentes em Porto Velho.....53

Figura18 - Mapa do local de origem no Haiti dos imigrantes residentes em São Paulo.....54

Figura 19 – Mapa das principais rotas migratórias de haitianos para o Brasil 56

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 01 – Número de vistos concedidos aos haitianos – 2011/2012 30

Quadro 02 – Estados onde a solicitação de refúgio foi apresentada/2011-2012 31

Quadro 03 – Nível de instrução dos haitianos demandantes de autorização de residência/2011 e 2012 32

Quadro 04 - Tipos de vistos* concedidos por sexo/2012 e 2013 34

Quadro 05 – Estado civil dos imigrantes maiores de 18 anos de idade que obtiveram vistos no Consulado do Brasil em Porto Príncipe 34

Quadro 06 - Ocupação declarada pelos haitianos demandantes de vistos – 2013.38

Quadro 07 – Grau de instrução dos haitianos entrevistados por sexo/2013 46

Quadro 08 – Ocupação dos entrevistados antes da emigração/2013.....47

Quadro 09 – Gastos dos imigrantes haitianos com a viagem/2013 58

Quadro 10 – Tipo de visto dos haitianos para a entrada no Brasil/2013 59

Quadro 11 – Motivos declarados para a migração/2013.....59

Quadro 12 – Tipo de informação buscada pelos imigrantes haitianos/2013 60

Quadro 13 – Tipo de residência no momento da entrevista/2013.....61

Quadro 14 - Setor de ocupação dos haitianos no momento da entrevista/2013.....63

Quadro 15 – Dificuldades encontradas pelos imigrantes haitianos no Brasil/2013 .65

Quadro 16 - Sugestões dos imigrantes haitianos para o governo brasileiro/2013 ..68

Quadro 17– Sugestões dos imigrantes haitianos para o governo do Haiti/2013.....68

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO....10
1 INTRODUÇÃO....11
2 PERCURSO METODOLÓGICO....17
2.1 Concepção metodológica....17
2.2 Identificação dos entrevistados e parceiros....20
2.3 Descrição das etapas de investigação....24
3 RESULTADOS DA PESQUISA....28
3.1 Informações administrativas....28
3.2 Informações do Ministério do Trabalho....29
3.2.1 As variáveis....29
3.3 Informações do Ministério das Relações Exteriores – MRE....32
3.3.1 Os dados....32
3.3.2 As variáveis....33
3.4 Informações da Polícia Federal – Ministério da Justiça....38
4 O sujeito migrante haitiano com destino ao Brasil....44
4.1 A pesquisa....44
4.1.2 O perfil....45
4.1.3 O trajeto....48
4.1.4 A vida no Brasil....61
4.1.4.1 O acesso à moradia....61
4.1.4.2 O acesso ao trabalho....62
4.1.4.3 Acesso a serviços e dificuldades no processo migratório....64
4.1.4.4 Avaliação do projeto migratório....65
4.2 O olhar dos imigrantes haitianos (grupos focais femininos e masculinos)....69
4.2.1 Projeto migratório....69
4.2.1.1 Motivos para ter deixado o Haiti....69

4.2.1.2 Trajeto feito até chegar ao Brasil 72
4.2.1.3 Custos com a viagem até o Brasil 74
4.3 A vivência do trabalho 76
4.4 A vivência da moradia 79
4.5 Acesso à educação 82
4.6 Acesso à saúde 84
4.7 Família 88
4.8 Acesso a benefícios e equipamentos sociais 89
4.9 Sociabilidade no Brasil 91
4.10 Avaliação do processo migratório 92
4.11 Governo brasileiro 95
4.12 Governo haitiano 98
5 DIÁLOGO COM AUTORIDADES DO PODER PÚBLICO E COM EMPRESAS 100
5.1 Poder público/Prefeituras Municipais 101
5.2 Empresas que empregam haitianos/Estados pesquisados 110
5.3 Diálogo com as Pastorais e/ou Centro de Atendimento a Migrantes 120
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 124
REFERÊNCIAS 129
ANEXOS 131

AGRADECIMENTO

É com grande satisfação que o Conselho Nacional de Imigração (CNIg), Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil, e a Organização Internacional para a Migração (OIM) apresentam o relatório da fase brasileira da pesquisa "**MIGRAÇÃO DOS HAITIANOS AO BRASIL E DIÁLOGO BILATERAL**".

Esse trabalho é fruto da estreita parceria entre o CNIg e a OIM e foi viabilizado por meio do Fundo de Desenvolvimento da OIM, no âmbito do acordo de cooperação entre as duas instituições.

O relatório da pesquisa, agora disponibilizado, é parte de um esforço maior, empreendido pela OIM, que visa conhecer de forma ampla o processo de migração dos haitianos em direção ao Brasil. Assim, foram também realizados levantamentos no Haiti, na Bolívia, no Equador e no Peru, que tinham por objetivo contribuir nesse processo, indicando as condições dos imigrantes no país de origem e naqueles por onde é feito o trajeto. Os trabalhos realizados nesses países e no Brasil permitiram o intercambio de experiências entre os pesquisadores envolvidos nas pesquisas, ampliando o conhecimento do processo migratório em estudo.

O processo de construção da etapa brasileira da pesquisa contou com a participação de vários parceiros, que se ocuparam dos levantamentos nas cidades escolhidas, indicadas como as mais expressivas no processo migratório dos haitianos para o Brasil, no momento do início do trabalho.

Foi de fundamental importância para a pesquisa a colaboração de órgãos da administração federal como o próprio CNIg, o Ministério das Relações Exteriores e a Polícia Federal, que facilitaram o acesso às suas bases de informação, o que permitiu conhecer com maior precisão a situação dos imigrantes haitianos.

Por último, fica o agradecimento aos imigrantes haitianos que se dispuseram a contribuir com o trabalho de pesquisa, contando um pouco das suas histórias e dos problemas encontrados em todo o processo migratório. Esses imigrantes, assim como tantos outros, estão dando uma inestimável colaboração na formulação de políticas que, no futuro, poderão transformar a vida de todos aqueles que vivem no país, inclusive os brasileiros.

1 INTRODUÇÃO

Na história do Haiti, as catástrofes naturais e os problemas políticos e sociais são vivenciados pela população há séculos.

O terremoto que atingiu o Haiti em janeiro de 2010 não destruiu somente cidades, causando a morte de milhares de pessoas, atingindo a infraestrutura econômica e habitacional. Por conta do horário em que ocorreu e dos locais que sofreram o maior impacto, o terremoto jogou por terra a esperança de dias melhores para o já combalido país, ao ceifar a vida de milhares de jovens, funcionários públicos e profissionais qualificados que, de uma forma ou de outra, buscavam contribuir para a reconstrução do país, que tentava sair de mais uma das inúmeras crises políticas que atingiram aquela nação caribenha.

No mesmo ano um surto de cólera chegou ao país, matando mais de 8.000 pessoas. Em 2012, dois furacões, Issac e Sandy, atingiram duramente o Haiti, impactando fortemente a produção agrícola do país, importante fonte de recursos econômicos.

O conjunto dessas situações adversas tem servido de estímulo para que expressiva parcela da população abandone o país em busca de melhores condições de vida (CHAVES, 2008). O Banco Mundial (2011) estima que aproximadamente 10% da população do país tenham emigrado (1.009.400 pessoas), mas outras fontes indicam que a diáspora haitiana já teria ultrapassado a casa de 3.0 milhões de pessoas (HATIAN DIÁSPORA, 2011). Vários são os destinos escolhidos. A mais numerosa comunidade está nos Estados Unidos, seguida pela República Dominicana. Outros países da América e Caribe também recebem um grande contingente de haitianos, com destaque para Canadá, Cuba e Venezuela. Na Europa o país de maior afluência é a França.

As remessas enviadas por esses migrantes representam aproximadamente 25% do PIB do país e são estimadas em 1,5 bilhão de dólares (BANCO MUNDIAL, 2011). Apesar dos recursos que aportam ao Haiti, a emigração tem também seu lado nefasto. Em 2010, daqueles que receberam educação superior no país, 85% se encontravam no exterior. No caso dos médicos formados no país, 36,5% estariam, já em 2000, fora do Haiti (BANCO MUNDIAL, 2011).

Considerando a história migratória do Haiti, a incorporação do Brasil no roteiro migratório não é uma surpresa muito grande, mas chama a atenção por se tratar de

um novo destino que não era incluído nas escolhas anteriores dos imigrantes. Pode-se dizer que após o terremoto estavam presentes no país com maior vigor os fatores de expulsão que contribuem para a criação e ampliação de uma diáspora (JACKSON, 2011).

Para a escolha dos destinos há de se considerar a legislação migratória dos países desenvolvidos que, após setembro de 2001, impõem severas restrições à imigração de uma maneira geral e, em especial, à migração irregular. As razões para a incorporação do Brasil na rota do processo migratório dos haitianos não são muito claras. Alguns autores (FERNANDES, 2010; SILVA, 2013) indicam que a presença das tropas brasileiras no Haiti poderia ter contribuído para disseminar a ideia do Brasil como país de oportunidades, principalmente no momento em que grandes obras estavam em execução e a taxa de desemprego em descenso. Também citam a realização do Jogo da Paz[1] como fator que contribuiu para disseminar a imagem do Brasil naquele país. Por outro lado, dentre o leque de razões para a escolha do novo destino, há o entendimento de que o governo brasileiro teria feito um convite explícito aos haitianos para que emigrassem para o Brasil. Tal "convite" teria ocorrido durante a visita do presidente Lula àquele país em fevereiro de 2010. (COSTA, 2012).

Independente da razão inicial, o fato é que após o terremoto teve início o fluxo migratório de haitianos para o Brasil. Os trajetos são diversos (PATARRA, FERNANDES, 2011; SILVA, 2013) e vão se alterando no tempo conforme as facilidades ou dificuldades oferecidas nestes. Importante notar que, dos países da América do Sul, somente quatro[2], em 2010, não exigiam visto para a entrada de haitianos no seu território no caso de viagem de turismo. A partir de 2012 o Peru passou a exigir visto dos haitianos e no Equador houve, em 2013, uma tentativa de restringir a entrada destes, mas a medida não foi implementada. Mesmo com tais facilidades, nenhum desses países tornou-se o destino final para um grande número de imigrantes haitianos, como foi o caso do Brasil. Tal fato pode indicar que essa migração não é gestada unicamente pelas facilidades de entrada no país, como preconizam os que criticam as medidas tomadas pelo governo brasileiro, mas é determinada pela intenção de chegar e de se estabelecer na região de destino.

[1] Partida de futebol realizada em Porto Príncipe, em agosto de 2004, entre as seleções do Haiti e do Brasil.
[2] Argentina, Chile, Equador e Peru.

Durante o ano de 2010 pequenos grupos de haitianos, que não somavam duas centenas de imigrantes, chegaram à fronteira brasileira com o Peru. Ao final de 2011 havia indicações da presença de mais de 4.000 haitianos no Brasil (COSTA, 2012; SILVA, 2013), número esse que não cessou de aumentar, sendo que ao final de 2013 estimava-se que o montante já teria ultrapassado a casa dos 20.000 imigrantes, com indicações de que o número total poderia chegar a 50.000 ao final de 2014.

Tal fluxo fez com que a percepção da presença dos haitianos fosse vista com alguma desconfiança por certa parcela da sociedade, nesse grupo estando incluídos alguns órgãos da impressa nacional que compararam a chegada dos imigrantes a uma invasão[3]. Por outro lado, esse movimento migratório teve também o efeito positivo de levar o governo e a sociedade civil a iniciarem um processo de discussão da legislação migratória introduzindo nos debates a visão do respeito aos direitos humanos dos imigrantes. Ao mesmo tempo, foi possível avançar no estabelecimento de laços de solidariedade entre diversos setores da sociedade no acolhimento e atendimento aos haitianos.

No âmbito dos governos federal, estadual e municipal, nas cidades mais afetadas pela chegada desses imigrantes as respostas institucionais foram diversas. Enquanto o governo do estado do Acre se engajava em apoiar a montagem de uma estrutura de atendimento aos haitianos que chegavam à cidade de Brasiléia, o governo do estado do Amazonas, especificamente no caso das cidades de Tabatinga e Manaus, a princípio ignorou o problema e posteriormente deu pequenas contribuições para manter as ações da sociedade civil (SILVA, 2013). Essas diferenças nas respostas dos governos estaduais refletem um pouco a percepção das autoridades sobre o problema e seus compromissos com os direitos humanos dos imigrantes.

No plano federal, as repostas foram mais efetivas, mas mesmo assim pouco ordenadas, com medidas tomadas para solucionar situações pontuais extremas que não contribuíam para um planejamento, mesmo de curto prazo, para atender às demandas surgidas com o volume crescente de imigrantes haitianos.

Após o trajeto até a fronteira brasileira, os haitianos ainda têm de enfrentar um longo processo para a regularização da sua situação migratória. O ponto de

[3] Jornal O Globo do dia 17/01/14 País “Tião Viana, do PT, critica governo federal após invasão de haitianos”. Jornal O Globo 11/01/12 Capa “Brasil fecha fronteira para conter ‘invasão’ de haitianos”

partida é a solicitação de refúgio apresentada à autoridade migratória nas cidades fronteiriças. A abertura desse processo leva à emissão de um protocolo que permite ao imigrante a obtenção de carteira de trabalho e CPF[4] provisórios, enquanto a solicitação de refúgio é analisada pelo Conare[5]. Tais documentos são essenciais para o ingresso do imigrante no mercado formal de trabalho e o envio de remessas. Por tal solicitação de refúgio não se enquadrar nos requisitos definidos em lei e convenções internacionais, ela é recusada. Ante essa situação, que levaria à permanência irregular dos haitianos no Brasil, o governo federal tomou medidas para que tal fato não acontecesse e, em janeiro de 2012, por meio de Resolução Normativa – RN (n.º 97) do Conselho Nacional de Imigração – CNIg, concedeu visto humanitário permanente pelo prazo de cinco anos aos imigrantes haitianos. Este visto seria retirado junto ao consulado brasileiro na cidade de Porto Príncipe, no Haiti, sendo, no entanto, o número de vistos restrito a 1.200 por ano, não incluídos nesse total os vistos para reunificação familiar. Essa Resolução tinha prazo de vigência de dois anos.

Em relação aos imigrantes haitianos que já se encontravam em território brasileiro, o CNIg continuou a conceder o visto humanitário por meio da RN nº 27[6]

Ao se avaliar a aplicação da RN nº 97 (FERNANDES *ET ALLIS*, 2013), observa-se que, apesar da louvável tentativa de solucionar um problema que tomava proporções de calamidade pública, quer nas cidades fronteiriças, quer nas que atuavam como polo de atração dessa migração, como a cidade de Manaus, o efeito esperado não foi alcançado. Não houve redução da chegada de imigrantes haitianos ao Brasil via fronteira norte e o número de vistos emitidos pelo consulado, 100 por mês, não conseguia atender à crescente demanda. Em novembro de 2012 todos os agendamentos para a concessão de vistos em 2013 estavam completos e o Consulado do Brasil abriu uma lista de espera. Assim, ao final de 2012 voltava-se a repetir na fronteira a situação observada antes da promulgação da RN n.º 97, com a superlotação do abrigo construído para acolher os imigrantes na cidade de Brasiléia e, em Porto Príncipe, formavam-se gigantescas filas na porta do consulado brasileiro compostas por pessoas que esperavam obter o visto de entrada para o Brasil.

[4] CPF - Cadastro de Pessoa Física na Receita Federal
[5] Conare – Comitê Nacional para os Refugiados
[6] RN nº 27 de 25/11/1998 Disciplina a avaliação de situações especiais e casos omissos pelo Conselho Nacional de Imigração.

Tentando contornar a situação no Consulado no Haiti, o governo, por meio da RN n.º 102, em abril de 2013, retirou a limitação do número de vistos aos haitianos que não mais ficariam restritos a 1.200, permitindo também a sua concessão em consulados brasileiros em outros países, como no Peru, no Equador, na Bolívia e na República Dominicana. A última alteração da RN n.º 97 aconteceu em outubro de 2013, em relação a seu prazo de vigência, que encerraria em janeiro de 2014, e foi prorrogado por mais um ano.

Ao se analisarem os resultados das medidas tomadas pelo governo federal fica claro que elas não conseguiram alcançar os objetivos propostos inicialmente quando da análise da questão pelo CNIg no momento da aprovação da RN n.º 97.

> "[...] o controle da atuação dos coiotes na fronteira norte brasileira; a abertura de um canal para a concessão de vistos de forma mais simples; a regularização da situação migratória dos cerca de quatro mil haitianos que já se encontram em território brasileiro; e o envio de auxílio material para alojamento, alimentação e cuidados de saúde para esses imigrantes nos estados do Acre e do Amazonas" (CNIg, 2012).

Vários fatores contribuíram para limitar o alcance destas medidas. A atuação dos "coiotes" tem se ampliado com o estabelecimento de uma rede de tráfico de imigrantes por todo o trajeto que inclui a passagem pelo Equador e pelo Peru. Tal fato contribui para que o número de imigrantes chegados às cidades fronteiriças venha se ampliando não só em volume, mas também pela incorporação de novas rotas via Venezuela, Bolívia e Argentina. Uma vez mais, no início de 2014, a situação na cidade de Brasiléia mostrou-se caótica com a presença de mais de 1.200 imigrantes, em sua maioria haitianos[7], aguardando o atendimento para a regularização da sua situação migratória ou uma oportunidade de trabalho, via contratação por alguma empresa que chegue à cidade em busca de trabalhadores.

É nesse contexto que se inscreve a realização desta pesquisa, cujo objetivo é contribuir no conhecimento do perfil e das demandas desses imigrantes. Esse levantamento se inscreve no âmbito de um projeto maior[8], que inclui pesquisas no Haiti, no Equador, no Peru e na Bolívia, compondo um quadro completo que trata da origem, do trajeto e do destino dos migrantes haitianos.

---

[7] Além de haitianos, em menor número chegaram á fronteira Norte do Brasil imigrantes de várias nacionalidades dentre elas se destacam aqueles originários do Senegal e de Bangladesch .

[8] Projeto Migração dos Haitianos ao Brasil: um diálogo bilateral OIM e MTe.

Dois foram os caminhos adotados na pesquisa realizada no Brasil, um de cunho quantitativo, com a aplicação de 340 questionários aos imigrantes haitianos, e outro qualitativo, utilizado a metodologia de grupo focal aplicada em nove sessões. Agregaram-se ainda entrevistas com empregadores dos imigrantes, representantes da sociedade civil e órgãos de governo que atendem aos haitianos.

Os levantamentos foram realizados nas cidades de Porto Velho, Belo Horizonte[9], Curitiba e São Paulo, onde os haitianos responderam a questionários e participaram de grupos focais. Em Brasília e Campinas houve só a aplicação de questionários; e em Manaus, a realização de um grupo focal.

Este relatório está dividido em cinco partes, além dessa introdução. Na primeira são discutidos os percursos metodológicos adotados durante o processo de levantamento de informações. Em seguida são analisados os dados das bases de informação oficial, que são os registros da Coordenação Geral de Imigração – CGIg e do Conselho Nacional de Imigração – CNIg do Ministério do Trabalho, os registros dos vistos concedidos pelos consulados brasileiros disponíveis no Ministério das Relações Exteriores, e as informações fornecidas pela Polícia Federal do Ministério da Justiça.

A analise dos resultados da pesquisa foi dividida em duas partes, uma tratando das informações obtidas com aplicação dos instrumentos de coleta e outra discutindo os depoimentos levantados nos grupos focais.

Finaliza esta publicação um capítulo apresentando as entrevistas realizadas com representantes da sociedade civil e técnicos do governo que atuavam no acolhimento aos haitianos e outro capítulo tratando das considerações finais.

[9] Além de na cidade de Belo Horizonte, foram entrevistados haitianos residentes nos municípios de Contagem e Esmeraldas, que pertencem à região Metropolitana de Belo Horizonte.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 Concepção metodológica

A concepção metodológica que norteou os estudos sobre os haitianos no Brasil é de natureza quantitativa e qualitativa, por ser direcionada ao longo de seu desenvolvimento. A abordagem quantitativa caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações quanto no tratamento destas por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples até as mais complexas (RICHARDSON, 1989). Esse método possui como diferencial a intenção de garantir a precisão dos trabalhos realizados, conduzindo a um resultado com poucas chances de distorção. De uma forma geral, os estudos de campo quantitativos guiam-se por um modelo de pesquisa em que o pesquisador parte de quadros conceituais de referência tão bem estruturados quanto possível, com base nos quais formula hipóteses sobre os fenômenos e situações que quer estudar. A coleta de dados enfatiza números (ou informações conversíveis em números) que permitam verificar a ocorrência ou não das consequências, e daí então a aceitação (ainda que provisória) ou não de hipóteses. Os dados são analisados com apoio da estatística (inclusive multivariada) ou de outras técnicas matemáticas. Richardson (1989) advoga que esse método é frequentemente aplicado nos estudos descritivos (aqueles que procuram descobrir e classificar a relação entre variáveis), os quais se propõem a investigar “o que é”, ou seja, descobrir as características de um fenômeno como tal.

A metodologia qualitativa, por sua vez, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise de dados; seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos. Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situe sua interpretação dos fenômenos em foco.

Segundo Godoy (1995), os estudos de pesquisa qualitativa diferem entre si quanto ao método, à forma e aos objetivos. Esse autor ressalta a diversidade

existente entre os trabalhos qualitativos e enumera um conjunto de características essenciais capazes de identificar uma pesquisa desse tipo, a saber:

1. o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental;
2. o caráter descritivo;
3. o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador;
4. o enfoque indutivo. (GODOY, 1995, p. 62).

A pesquisa de natureza qualitativa assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo “traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e prática, entre contexto e ação” (MAANEN, 1979, p. 520). Em sua maioria, os estudos qualitativos são feitos no local de origem dos dados e não impedem o pesquisador de empregar a lógica do empirismo científico (adequada para fenômenos claramente definidos), mas partem da suposição de que seja mais apropriado empregar a perspectiva da análise fenomenológica quando se trata de fenômenos singulares e dotados de certo grau de ambiguidade.

O desenvolvimento de um estudo de natureza qualitativa supõe um corte temporal-espacial de determinado fenômeno por parte do pesquisador. Esse corte define o campo e a dimensão em que o trabalho se desenvolverá, isto é, o território a ser mapeado. O trabalho de descrição tem caráter fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio dele que os dados são coletados.

Segundo Minayo (1994), as relações entre abordagens qualitativas e quantitativas demonstram que:

a) as duas metodologias não são incompatíveis e podem ser integradas num mesmo projeto;

b) uma pesquisa quantitativa pode conduzir o investigador à escolha de um problema particular a ser analisado em toda a sua complexidade, por meio de métodos e técnicas qualitativas e vice-versa;

c) a investigação qualitativa é a que melhor se coaduna ao reconhecimento de situações particulares, grupos específicos e universos simbólicos.

Nas pesquisas quanti-qualitativas existem diferentes possibilidades de técnicas de coleta de dados, entre elas a pesquisa documental, a entrevista oral e o grupo focal, utilizadas para a realização do estudo em questão.

Para a realização desta pesquisa foi construído um foco de análise: os próprios haitianos tangenciados por meio de entrevistas orais com o consentimento destes. Isso porque, considerando o objeto de estudo e os objetivos centrais propostos pela OIM, acredita-se ser fundamental conversar com os haitianos que estão vivendo no Brasil, escutar o que têm a dizer sobre a vinda para o país, o trajeto, o processo migratório no Brasil etc. Como o idioma falado por quase toda a população haitiana é o creole, também conhecido como *créole*, trabalhou-se em todos os estados onde a pesquisa foi realizada com tradutores ou com haitianos que têm domínio do português, o que enriqueceu muito a pesquisa. Nessa perspectiva, os relatos dos haitianos entrevistados que residem no Brasil, seja na entrevista individual ou nos grupos focais (femininos e masculinos), foram reveladores da imagem que estes possuíam e possuem do Brasil, bem como da situação em que vivem atualmente.

Lançou-se mão da entrevista como mecanismo de estruturação e registro das conversas, produzindo fontes históricas orais que compõem o *corpus* documental analisado. Entretanto, vale dizer que se teve em mente que essa é uma metodologia de trabalho e não uma simples técnica. Essa técnica exigiu experiência em gravação, transcrição e conservação de depoimentos, bem como o aparato que a cerca (gravadores, *transcribers*, modelos de organização etc.).

Utilizou-se também como ferramenta metodológica a técnica do grupo focal (GF). Essa técnica é caracterizada por um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade. É uma técnica rápida e de baixo custo para a avaliação e obtenção de dados e informações qualitativas, fornecendo aos gerentes de projetos ou instituições uma grande riqueza de informações qualitativas sobre o desempenho de atividades desenvolvidas, prestação de serviços, novos produtos ou outras questões. O objetivo principal de um grupo focal é revelar as percepções dos participantes sobre os tópicos em discussão.

Para os diálogos institucionais, utilizou-se também a entrevista com roteiro definido previamente. Vale ressaltar que nesse quesito foram fundamentais o apoio

e a assessoria da Irmã Rosita Milesi, do Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH), que indicou contatos em todos os estados onde a pesquisa foi realizada.

2.2 Identificação dos entrevistados e parceiros

A definição das áreas onde a pesquisa foi realizada teve por objetivo atender à diversidade da distribuição espacial dos imigrantes no Brasil. Procurou-se ainda evitar o levantamento em áreas que foram objeto de pesquisas recentes tratando da migração dos haitianos, como, por exemplo, a cidade de Manaus. Por conta de problemas logísticos, cidades fronteiriças como Tabatinga e Brasiléia foram descartadas, ainda mais se considerando que ali seria simplesmente um ponto de passagem, sendo que a ideia inicial foi a de coletar informações junto a imigrantes com história migratória e tempo de residência diversos no país.

Outra questão que se colocava era a necessidade de contar com o apoio de parceiros em cada uma das localidades escolhidas, pois contatos anteriores com os imigrantes haitianos haviam demonstrado uma certa dificuldade de interação, quer por conta de uma desconfiança natural em relação ao contato com um estranho, quer por conta da barreira linguística, fator que no decorrer dos trabalhos de campo trouxe muita dificuldade nos levantamentos. Tal situação também foi obsevada nos outros países onde a pesquisa foi realizada, principalmente no Equador e no Peru.

Tendo em vista esses parâmetros, optou-se por selecionar as cidades de Porto Velho, no estado de Rondônia; Curitiba, no estado do Paraná; São Paulo, no estado de mesmo nome; e Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais.

Em cada cidade foram identificadas instituições parceiras[10] que auxiliaram nos levantamentos. Aos parceiros foi solicitado que contribuíssem na preparação dos grupos focais, identificando os participantes e um local para a realização da reunião. Eles ficaram também responsáveis pela aplicação dos questionários junto aos haitianos.

A equipe de coordenação da pesquisa supervisionou a realização do grupo focal e fez o treinamento dos entrevistadores. Em cada cidade foram feitas duas viagens, na primeira se explicava os objetivos da pesquisa e o que seria esperado

[10] Em Porto Velho, Profa. Marília Pimentel, da UNIR; em Curitiba, Pe. Gustot Lucien, da Pastoral do Migrante; em São Paulo, Pe. Paolo Parisi, do Centro Scalabriniano de Migração; em Belo Horizonte, Pascal Puze, da ONG Mezami.

do coordenador local. Na segunda viagem, os grupos focais foram realizados e capacitados os entrevistadores. No caso de Porto Velho, por conta da distância, todo o processo aconteceu em uma única viagem.

O coordenador local teve total liberdade para compor a equipe de entrevistadores, cabendo à coordenação preparar e realizar o treinamento. No caso de Porto Velho, a aplicação dos questionários ficou a cargo de estudantes universitários que já tinham algum contato com os haitianos em atividades de extensão da Universidade Federal de Rondônia – Unir. Em São Paulo, em um primeiro momento, a opção foi treinar alguns imigrantes haitianos para aplicar os questionários junto aos seus compatriotas. Apesar de ser uma proposta interessante, a sua implementação não surtiu o efeito desejado. Vários dos entrevistadores treinados, ao encontrar uma ocupação, deixavam de lado as entrevistas. Houve muita dificuldade para o entendimento do que vem a ser uma pesquisa e mesmo de como responder às questões. Uma vez que o levantamento não caminhava como esperado, optou-se por capacitar os voluntários da Casa do Imigrante, que faziam o atendimento aos imigrantes para que aplicassem os questionários.

Em Curitiba foram treinados dois imigrantes haitianos para aplicar os questionários e novamente sugiram dificuldades na sua aplicação, mas com a intervenção direta do coordenador local o problema foi contornado. Em Belo Horizonte optou-se por capacitar alguns dos membros da ONG responsável pelos levantamentos, que multiplicaram a capacitação para um grupo de haitianos.

Apesar de todo o empenho das pessoas envolvidas, o levantamento demandou mais tempo do que o esperado e, ao se fazer a supervisão dos questionários preenchidos, houve rejeição de expressiva parcela dos instrumentos de coleta enviados. Tal fato forçou a coordenação a buscar outras parcerias e locais para a aplicação dos questionários. Nessa busca é que foram incluídas no levantamento as cidades de Campinas[11] e Brasília[12].

Por se tratar de uma pesquisa inserida em um projeto maior com levantamentos em mais de quatro países, a construção do instrumento de coleta deveria, na medida do possível, refletir o percurso dos outros trabalhos, de forma a permitir estabelecer pontos de contato entre as pesquisas.

[11] Profa. Rosana Baeninger, da Unicamp.
[12] Irmã Rosita Milesi, do IMDH.

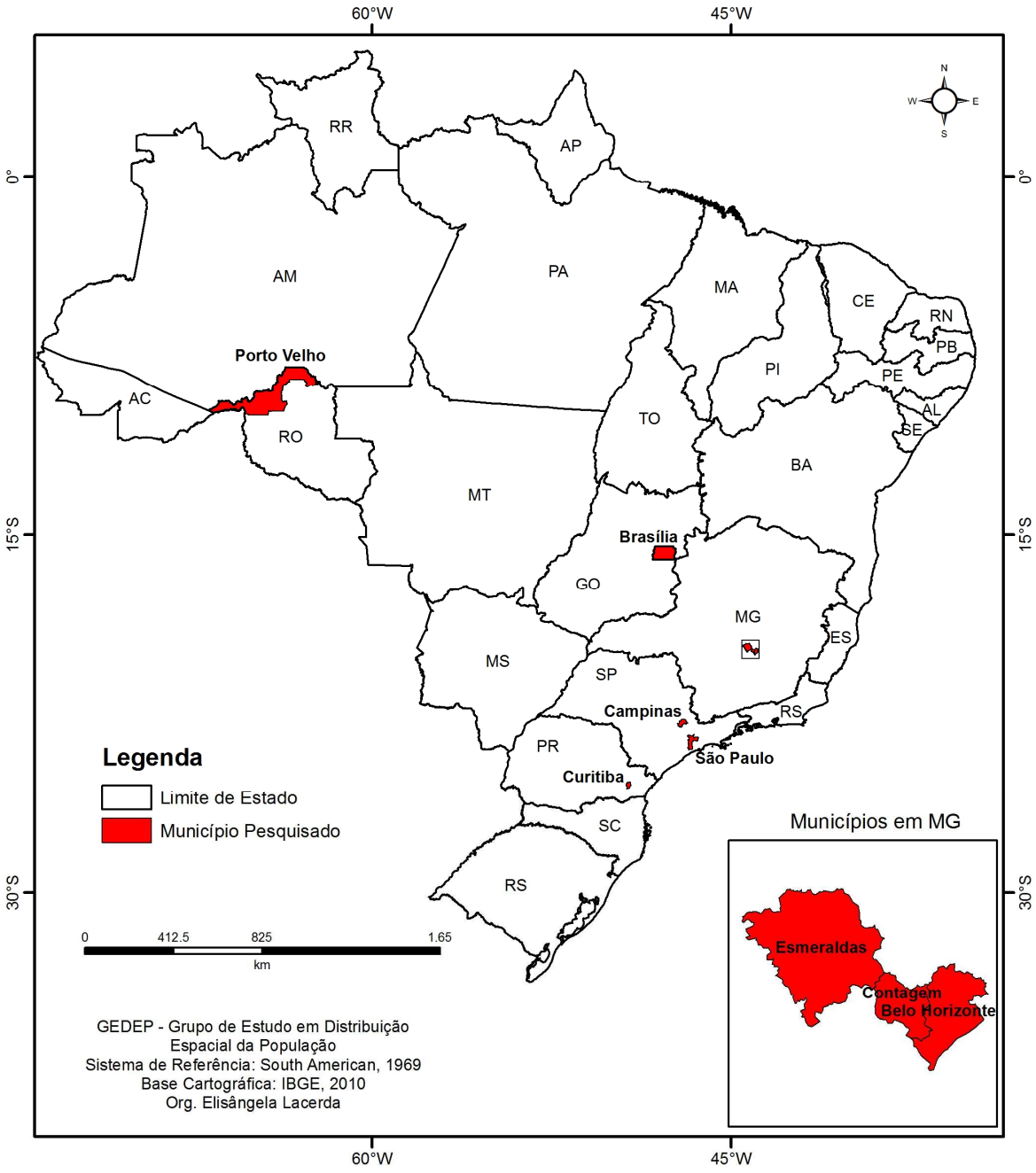
Nesse sentido, realizou-se em Brasília, nos dias 20 e 21 de fevereiro de 2013, um encontro dos coordenadores responsáveis pelos levantamentos nos outros países. Foi solicitado a cada coordenador que apresentasse seu plano de trabalho e a metodologia que pretendia aplicar na sua pesquisa. Por conta das características da migração haitiana em cada país, somente no Brasil é que se propôs a realização de um levantamento com componentes de pesquisa quantitativa e qualitativa. Nos outros casos a opção foi por um levantamento exclusivamente qualitativo. Dessa forma, buscou-se reproduzir nos roteiros das pesquisas algumas das preocupações que seriam consideradas nos instrumentos a serem aplicados no Brasil, tanto nos grupos focais quanto na pesquisa qualitativa.

A preparação do instrumento de coleta levou em conta experiências de levantamentos anteriores realizados junto a imigrantes, tanto no Brasil como no exterior. Algumas das questões foram adaptadas à situação da migração haitiana e uma proposta de documento foi apresentada no encontro em fevereiro. Nesse momento, o texto recebeu contribuições dos presentes, que permitiram aprimorar o instrumento. Uma vez preparado o questionário em português, foi elaborada uma versão em *créole* que poderia facilitar o levantamento. No avançar da pesquisa observou-se que teria sido útil ter uma versão do documento em francês, pois alguns haitianos que não conheciam o português mostraram dificuldades na leitura do *créole*.

A definição do número de questionários não foi tarefa fácil, pois não se conhecia o número de haitianos presentes em cada região ou mesmo o total desses imigrantes que estavam no Brasil. Por outro lado, a entrada crescente de imigrantes e sua mobilidade no país impossibilitavam definir um número mínimo de questionários para cada região. Assim, calcados em experiências de outras pesquisas (FERNANDES, NUNAN, 2008; SILVA, 2013;) definiu-se em 340 o número de questionários a serem aplicados, considerando o número mínimo de 85 em cada uma das cidades selecionadas.

Por diversas razões não foi possível manter a distribuição proposta e a distribuição final dos levantamentos foi a seguinte: Porto Velho, 87; Curitiba, 61; Belo Horizonte, 96; São Paulo, 60; Campinas, 13; e Brasília, 23.

Figura 1 – Mapa dos estados e municípios onde a pesquisa foi realizada



Além dos problemas típicos de um trabalho de campo, no caso da presente pesquisa, deve-se adicionar a dificuldade dos haitianos em responder a um questionário, mesmo escrito em *créole*. Se em princípio as recusas em colaborar foram mínimas, as dificuldades iniciavam quando se tentava explicar a necessidade de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLC, documento exigido pela legislação brasileira quando da realização de pesquisas com seres

humanos. Como a maioria das pessoas nunca tinha passado pela experiência de uma pesquisa, as explicações não faziam muito sentido. Outro ponto foi a dificuldade na compreensão das questões, já que várias exigiam a lembrança de locais e datas por onde haviam passado os haitianos no processo migratório.

Em relação aos grupos focais, em cada cidade foram realizados dois grupos, um com homens e outro com mulheres. Em cada grupo realizado em *créole*, buscou-se capacitar um coordenador que dominava tanto o *créole* como o português. Em seis grupos a coordenação ficou a cargo de haitianos que, momentos antes do início da atividade, recebiam uma capacitação de como deveriam atuar. Os grupos focais em Belo Horizonte foram coordenados por um dos membros da ONG parceira que não era haitiano, mas dominava os dois idiomas.

O grupo focal realizado em Manaus, voltado exclusivamente às mulheres, permitiu testar a lista de perguntas a serem colocadas para discussão.

Além do roteiro distribuído aos participantes, foram preparados cartazes em *créole* contendo cada um dos pontos que seriam tratados no grupo focal.

Nem todos os grupos focais transcorreram da forma esperada, em alguns o número máximo de participantes foi ultrapassado, o que causou problemas para a coordenação do grupo; em outros, como o número mínimo de participantes não foi atingido, aplicou-se a metodologia de roda de conversa, que também deu um bom resultado.

Como é habitual nesse tipo de reunião, a coordenação local ficou responsável pela preparação do lanche e a distribuição de brindes aos participantes. A preparação do lanche, pelo menos em um caso, contou com a participação de haitianas que elaboraram um cardápio de quitutes típicos do Haiti, o que contribuiu para facilitar a interação do grupo.

2.3 Descrição das etapas de investigação

Primeira etapa – Elaboração dos instrumentos de coleta de dados. Foram elaborados dois questionários para aplicação junto aos haitianos, sendo um em português e o outro em *créole*. No caso dos roteiros para os grupos focais, estes também foram feitos em português e em *créole*. As entrevistas com representantes da sociedade civil e técnicos de governo que tratavam do atendimento aos haitianos foram realizadas seguindo um roteiro de questões previamente elaborado.

Em todos os casos, buscou-se, ao tratar com os haitianos, primeiramente reconstruir que tipos de informação tinham sobre o Brasil, antes de conhecer de fato o lugar. Questionou-se também a decisão destes de vir para o Brasil. Em seguida, pediu-se que contassem a experiência vivida no trajeto até a chegada ao país. Procurou-se, além disso, conhecer a opinião dos entrevistados sobre o acesso às políticas públicas brasileiras nas áreas da saúde, educação, assistência social, dentre outras. E, finalmente, pediram-se sugestões sobre como o governo brasileiro e o governo haitiano poderiam colaborar para a melhoria de vida dos haitianos migrantes.

Antes, porém, de iniciar as entrevistas orais e os grupos focais, foi discutido ainda um termo de consentimento livre e esclarecido, deixando claros os objetivos do estudo, os instrumentais a serem utilizados, bem como o livre arbítrio do entrevistado em participar da pesquisa, podendo desistir se assim desejasse.

Segunda etapa – Em cada estado selecionado para participar da pesquisa foram inicialmente feitos contatos por telefone e e-mails com pessoas-chave indicadas pela Irmã Rosita, do IDHMU.

Terceira etapa – Foram realizadas viagens (pelo coordenador da pesquisa e um pesquisador) aos quatro estados integrantes da pesquisa para conversa com os parceiros locais, visando apresentar os objetivos, a metodologia do estudo e a definição de cronograma para a capacitação da equipe que desenvolveu o trabalho de campo (entrevistas orais) e para a realização dos grupos focais, femininos e masculinos.

Quarta etapa – Realização da capacitação das pessoas selecionadas pelos parceiros locais para participar do desenvolvimento da coleta de dados e para serem coordenadoras dos grupos focais.

Quinta etapa – Realização dos nove grupos focais, sendo cinco com mulheres haitianas e quatro com homens haitianos. Vale destacar que em Manaus foi realizado apenas um grupo focal, com participação de mulheres haitianas como pré-teste para conhecer as reações às questões colocadas e se os pontos levantados atenderiam plenamente aos objetivos do levantamento. Nos estados que integraram a pesquisa foram realizados dois grupos focais: um feminino e um masculino. Foram cerca de 20 horas de gravação, que uma vez traduzidas e transcritas foram repassadas aos pesquisadores para organização e tratamento dos dados. Para o processo de transcrição, em Belo Horizonte optou-se por contar com

a ajuda de alguns haitianos que frequentavam um curso de português oferecido pela ONG que coordenou a pesquisa na cidade. Foram escolhidos os melhores alunos do curso e as gravações foram divididas entre eles. O coordenador local, que conhece o *créole*, ficou encarregado de acompanhar as transcrições e fazer a correção do texto final.

Sexta etapa – Realização das entrevistas individuais com haitianos de ambos os sexos. Foi definido como amostra um número de 85 entrevistas em cada estado a serem feitas pela equipe, que foi capacitada sob a coordenação dos parceiros locais. Essa etapa foi monitorada de perto pela coordenação geral da pesquisa e muitos foram os obstáculos para o alcance da meta de entrevista estabelecida.

O primeiro obstáculo foi a dificuldade de contato com os haitianos, pois apesar de todas as precauções tomadas, o tempo estipulado para as entrevistas foi ultrapassado na maioria dos casos. Uma interação entre entrevistado e entrevistador, que deveria durar de 30 a 40 minutos, se estendia, invariavelmente, por 90 minutos.

O maior obstáculo para agilizar o levantamento era a pouca familiaridade dos entrevistados com o processo. Outra situação que contribuiu para atrasar o cronograma da pesquisa de campo foi a dificuldade de se encontrar os haitianos, pois muitos trabalhavam durante o dia e outros passavam o tempo em busca de emprego. Assim, as entrevistas eram realizadas à noite ou nos finais de semana.

Outro problema que causou preocupação foi o elevado número de questionários que, enviados pelos coordenadores locais, eram recusados na fase de supervisão, pois não estavam completos ou apresentavam problemas de coerência interna entre as informações prestadas. As recusas chegaram a representar 45,0% dos questionários enviados.

Como o levantamento seguia com certa morosidade pelos problemas mencionados, optou-se por ampliar o número de cidades no quadro do levantamento, com a inclusão de Brasília e Campinas, e investir em contatos na cidade de Belo Horizonte, com uma equipe de pesquisadores ligada diretamente à coordenação, o que permitiu maior agilidade para se chegar ao número de questionários desejados.

Quando os questionários eram respondidos em *créole*, havia a necessidade de se fazer a tradução das respostas. Em alguns casos os próprios coordenadores

locais cuidaram dessa tarefa, mas em outros momentos teve-se de contar com o auxílio de um estudante universitário haitiano residente em Belo Horizonte para tal.

3 RESULTADOS DA PESQUISA

3.1 Informações administrativas

Os registros administrativos são considerados importantes instrumentos para pesquisas, principalmente na área de migração internacional. Apesar do desenho das bases de dados não buscar atender a necessidades acadêmicas, as informações disponíveis contribuem na definição de perfis e, eventualmente, no volume e na estrutura sociodemográfica dos imigrantes.

No caso desta pesquisa, duas foram as bases de informações utilizadas. A primeira tem como referência o Ministério do Trabalho e contém dados coletados junto aos processos para a obtenção dos vistos, encaminhados ao CNIg pelo Comitê Nacional para Refugiados – Conare e disponíveis na Coordenação Geral de Imigração – CGIg daquele ministério.

A segunda base tem como fonte o Ministério das Relações Exteriores e contém as informações levantadas quando da solicitação de vistos pelos haitianos junto às representações consulares brasileiras no exterior.

Ainda foi possível contar com dados fornecidos pela Polícia Federal do Ministério da Justiça. No entanto eles estavam em formato de tabelas, no aplicativo Excel, o que não permitiu uma exploração mais elaborada destas informações, pois, ao contrário das outras bases, não se tinha os dados por indivíduos.

Por se tratar de bases criadas com informações que têm por objetivo a instrução de processos administrativos, há várias restrições que devem ser levadas em consideração quando da sua utilização. Por outro lado, as bases não trazem todos os dados que estariam disponíveis nos documentos que as originaram, colocando assim problemas de cobertura e qualidade da informação, usuais em bases administrativas que têm o propósito de meramente registrar os eventos e não a totalidade das suas características.

É importante salientar que, mesmo com as dificuldades assinaladas, essas bases permitem ter um abrangente quadro do perfil dos haitianos no Brasil.

3.2 Informações do Ministério do Trabalho

3.2.1 Os dados

As informações dessa base são coletadas quando da instrução do processo de solicitação do refúgio, no momento da chegada do imigrante ao Brasil e no seu primeiro contato com as autoridades da migração que, na maioria dos casos, acontece em cidades dos estados da fronteira norte do Brasil.

Dessa forma, salvo informações que constam diretamente no passaporte, todas as outras são obtidas por meio da declaração do interessado, e dentre elas se inclui a profissão/ocupação e o nível de instrução deste.

Os dados cobrem o período de 2011 a 2012, mas as informações coletadas diferem de um ano a outro. Por exemplo, para o ano de 2011, não é possível calcular a idade dos imigrantes, pois a data de nascimento não está disponível na base. As informações sobre a ocupação aparecem em menos de 2% dos casos nos períodos considerados e por essa razão não serão aqui analisadas.

Em relação aos dados sobre o nível de instrução, é importante lembrar que o sistema escolar do Haiti é diferente daquele em utilização no Brasil, principalmente no tocante às séries e graus de ensino. Assim, os dados relativos à educação constantes nas bases do CNIg devem ser considerados como indicativos de um nível de instrução e, possivelmente, não correspondem à real escolaridade dos imigrantes.

3.2.1 As variáveis

Como pode ser observado no Quadro 01, o número de haitianos que receberam a autorização de permanência no país concedida pelo CNIg foi de 5.580 pessoas nos dois períodos considerados, sendo elas em sua maioria do sexo masculino, 87,1% do total, proporção essa que se mantém, grosso modo, nos dois anos estudados.

Quadro 01 – Número de vistos concedidos aos haitianos – 2011/2012

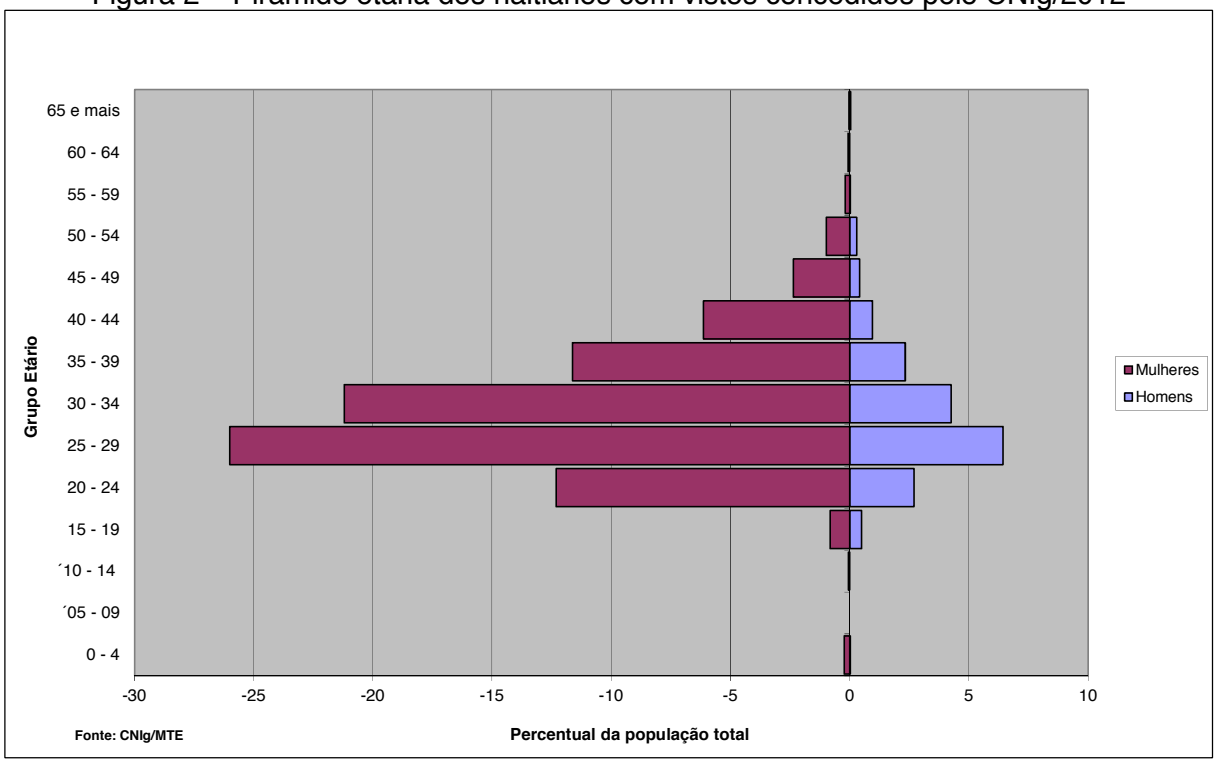
Ano	Homens	Mulheres	Total
2011	597	123	720
2012	4.017	843	4.860

Fonte: MTe/CNIg

Em relação à idade dos imigrantes haitianos, somente na base de informações de 2012 foi possível levantar essa informação, que é disponibilizada na pirâmide etária a seguir.

Mais de 30% da população está concentrada na faixa etária de 25 a 29 anos, seguida dos imigrantes do grupo etário de 30 a 34 anos, que representam aproximadamente 25% da população em estudo. Na pirâmide pode-se observar que a quase totalidade dos haitianos que obtiveram a permissão de estada no país estão em idade ativa.

Figura 2 – Pirâmide etária dos haitianos com vistos concedidos pelo CNIg/2012



O quadro a seguir apresenta os locais onde a solicitação de refúgio foi apresentada, vindo depois a ser transformada em autorização de permanência definitiva. Os estados do Acre e do Amazonas respondem por mais de 90% das solicitações, indicando claramente os pontos de entrada mais importantes no país, que seriam as cidades de Tabatinga, no Amazonas, e Brasiléia, no Acre.

Vale notar que algumas solicitações foram apresentadas em outros estados, com maior número de casos aparecendo em São Paulo.

Quadro 02 – Estados onde a solicitação de refúgio foi apresentada/2011-2012

Estado	2011		2012	
	Nº absoluto	%	Nº absoluto	%
Acre	246	34,3	1.232	25,3
Amazonas	434	60,2	3.482	71,8
São Paulo	24	3,3	108	2,2
Outros	8	1,1	34	0,6
Não Inf.	8	1,1	4	0,1
Total	**720**	**100**	**4.860**	**100**

Fonte:MTe/CNIg

Na quase totalidade dos casos, as autorizações de residência, tanto em 2011 como em 2012, foram concedidas com base na Resolução Normativa n.º 27, que disciplina as concessões de visto em situações especiais ou casos omissos. Essas demandas foram apresentadas pelo Conare. Outras resoluções foram também utilizadas para a concessão das autorizações de permanência, sobretudo no estado de São Paulo, onde houve casos de haitianos classificados como marítimos: três em 2011 e nove em 2012, cujos vistos foram solicitados por empresa de navegação de turismo e para reunificação familiar. Apesar de a Resolução Normativa n.º 97 já estar em vigor no ano de 2012, os registros do CNIg não a colocam como indicação de amparo legal para a concessão da autorização de residência.

Em relação ao nível de instrução, observa-se no Quadro 03 que, para o ano de 2011, a maioria dos imigrantes do sexo masculino declarou ter o primeiro grau incompleto, fato que não se repetiu em 2012, em que o nível de instrução com maior prevalência foi o segundo grau incompleto. No caso das mulheres, em 2011, dentre as que indicaram o nível de instrução, não havia diferença entre o número daquelas com o primeiro grau incompleto e o segundo grau incompleto. Em 2012, o nível de instrução segundo grau incompleto foi o mais apontado dentre as mulheres que declararam o nível de instrução.

Ao se observar os imigrantes do sexo masculino e feminino, não há um nítido diferencial entre os diversos níveis de instrução que possa indicar a prevalência de um ou outro grupo.

Importante salientar que a proporção dos casos não informados, em 2012, e da informação classificada como outros, em 2011, é muito elevada, o que pode concorrer para impedir análises mais conclusivas.

Quadro 03 – Nível de instrução dos haitianos demandantes de autorização de residência/2011 e 2012

Nivel de instrução	2011				2012			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	Nº absoluto	%	Nº absoluto	%	Nº absoluto	%	Nº absoluto	%
Analfabeto	7	1,2	2	1,6	33	0,8	6	0,7
Primeiro grau incompleto	186	31,2	23	18,7	893	22,2	173	20,5
Primeiro grau completo	34	5,7	12	9,8	169	4,2	30	3,6
Segundo grau incompleto	85	14,2	23	18,7	1.240	30,9	256	30,4
Segundo grau completo	61	10,2	11	8,9	349	8,7	74	8,8
Superior incompleto	15	2,5	5	4,1	185	4,6	57	6,8
Superior completo	16	2,7	7	5,7	67	1,7	14	1,7
Outros	132	22,1	29	23,6	73	1,8	14	1,7
Não informado	61	10,2	11	8,9	1.008	25,1	219	26
Total	**597**	**100**	**123**	**100**	**4.017**	**100**	**843**	**100**

Fonte: MTe/CNIg

3.3 Informações do Ministério das Relações Exteriores – MRE

3.3.1 Os dados

A base de dados fornecida pelo Ministério das Relações Exteriores – MRE contempla informações coletadas pelas representações diplomáticas quando da solicitação de vistos pelos haitianos.

Por força da Resolução Normativa n.º 97, o número de vistos concedidos em 2012 pelo Consulado do Brasil em Porto Príncipe foi de 1.200, mais 182 relativos à reunificação familiar, o que levou a um total de 1.382 vistos concedidos.

Em 2013, a Resolução Normativa n.º 102, de 26 de abril, revogou o limite máximo de vistos que poderão ser concedidos em um ano e abriu a oportunidade de se obter o visto em outras representações consulares, além do Consulado do Brasil em Porto Príncipe.

Apesar de os dados terem origem em uma única base, em alguns consulados, como no caso do Consulado do Brasil em Quito, não houve a preocupação de se incluir na base o sexo e outras informações pessoais do solicitante do visto.

Outro problema maior diz respeito às informações sobre ocupação e instrução que, em alguns momentos, são apresentadas juntas ou incompletas. Tal situação

exigiu a realização de um processo de “limpeza” da base e correção das informações. Mesmo assim não foi possível conseguir ajustar os dados relativos à instrução e ocupação para o ano 2012, e em 2013 a informação sobre instrução teve de ser descartada, pois em mais em 90,0% dos casos esse item aparecia em branco na base fornecida pelo Itamaraty.

Por outro lado, segundo indicado por funcionários da representação diplomática brasileira em Porto Príncipe, dados sobre instrução, ocupação e local onde os haitianos pretendiam residir no Brasil nem sempre expressam a verdade.

No caso da ocupação, há no imaginário local a ideia de que, ao se indicar no formulário de solicitação de visto uma profissão técnica que, a princípio, é demanda no mercado de trabalho do Brasil, a concessão do documento será mais rápida e fácil. Em relação ao local de destino, faz-se a opção de declarar uma cidade da qual mais se ouviu falar e não uma que realmente se saiba onde fica ou se tenha a intenção de ir.

3.3.2 As variáveis

As informações obtidas junto ao Ministério das Relações Exteriores indicam que em 2012 foram concedidos, pelo consulado em Porto Príncipe, 1.384 vistos, sendo 182 (13,1%) para reunificação familiar. No ano de 2013, até o final do mês de agosto, foram concedidos 2.615 vistos, sendo 2.380 pelo consulado em Porto Príncipe, 227 pelo consulado em Quito e 8 pelo consulado em São Domingos. Do total de vistos, 419 (16,1%) foram para reunificação familiar.

O quadro a seguir indica a distribuição desses vistos segundo o sexo dos solicitantes. Observa-se que a maioria dos vistos foram concedidos aos homens, tanto em 2012 como em 2013. Em relação ao tipo de visto, em cada ano analisado houve aumento na concessão de vistos para reunificação familiar, sempre com a predominância das mulheres. Importante salientar que, no caso dos homens, esse visto atende às crianças do sexo masculino que acompanham as suas mães. Por exemplo, em 2012, somente quatro homens que obtiveram visto de reunificação familiar tinham mais de 18 anos de idade.

Quadro 04 - Tipos de vistos* concedidos por sexo/2012 e 2013[13]

Tipo de Visto	2012				2013**				Não Infor.*
	Masculino	%	Feminino	%	Masculino	%	Feminino	%	
Visto permanente	911	94,8	291	68,8	1.560	92,2	401	58,2	235
Reunião familiar	50	5,2	132	31,2	131	7,8	288	41,8	
Total	961	100	423	100	1.691	100	689	100	

Fonte: MRE, 2013
* Vistos concedidos no Haiti, Equador, República Dominicana e Peru

O quadro a seguir apresenta o estado civil dos imigrantes maiores de 18 anos de idade que obtiveram vistos no Consulado do Brasil em Porto Príncipe. Constata-se que, dentre as mulheres, em 2012, 31,7% viviam em algum tipo de união, enquanto no caso dos homens esse percentual era de 22,6%. As informações de 2013 indicam que 35,8% das mulheres estavam em algum tipo de união ao receber o visto e, no caso dos homens, esse percentual era de 15,2%. Dentre os haitianos que obtiveram o visto no consulado em Porto Príncipe em 2012 e 2013, há forte prevalência de pessoas solteiras (incluindo divorciados e viúvos), mesmo entre as mulheres.

Quadro 05 – Estado civil dos imigrantes maiores de 18 anos de idade que obtiveram vistos no Consulado do Brasil em Porto Príncipe

Estado Civil	2012				2013			
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres	
	Nº absoluto	%	Nº absoluto	%	Nº absoluto	%	Nº absoluto	%
Casado	201	22,1	113	30,4	217	13,7	186	31,6
Divorciado	2	0,2	1	0,3	0	0	1	0,2
Solteiro	696	76,6	248	66,7	1.341	84,7	370	62,9
União estável	5	0,6	5	1,3	24	1,5	25	4,3
Viúvo	2	0,2	5	1,3	2	0,1	6	1
Não informado	3	0,3	0	0	0	0	0	0
Total	909	100	372	100	1.584	100	588	100

Fonte: MRE/dados até 29/08/2013

Em relação à idade dos haitianos no momento da concessão do visto, assim como acontece com aqueles que apresentaram solicitação de refúgio no território brasileiro, os que demandaram vistos nos consulados estavam em sua totalidade em idade produtiva (15 a 64 anos). Para os dois anos em estudo, 2012 e 2013, ao se observar em separado os haitianos que obtiveram o visto permanente, isto é, desconsiderando os vistos de reunificação familiar, 14, 3% deles tinham entre 20 e

[13] Dados coletados até 29.08.2013

24 anos no momento da concessão dos vistos; 28,8%, de 25 a 29 anos; e 24,3%, de 30 a 34 anos. Quanto aos vistos de reunificação familiar, aproximadamente 50,0% das pessoas que obtiveram esse tipo de visto tinham menos de 18 anos.

Os registros do Ministério das Relações Exteriores fornecem, também, o local de nascimento dos requisitantes dos vistos. Os mapas a seguir indicam para 2012 e 2013 as cidades de nascimento dos haitianos que obtiveram visto de residência no Brasil. Importante lembrar que, por conta da migração interna no país, essa informação não permite conhecer a última localidade de residência do haitiano antes de partir para o Brasil.

Figura 3 - Mapa do local de nascimento dos imigrantes haitianos que obtiveram visto no Consulado do Brasil em Porto Príncipe – 2012

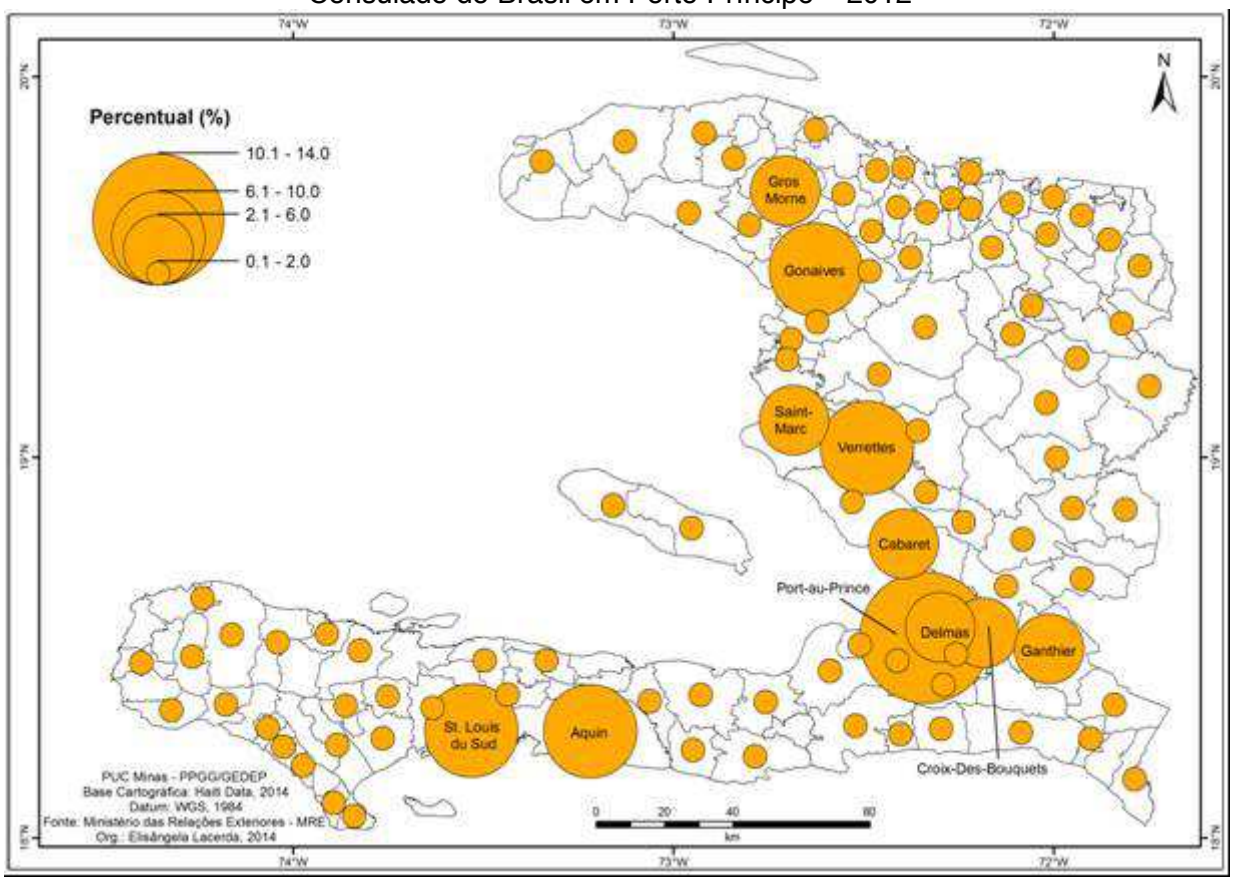
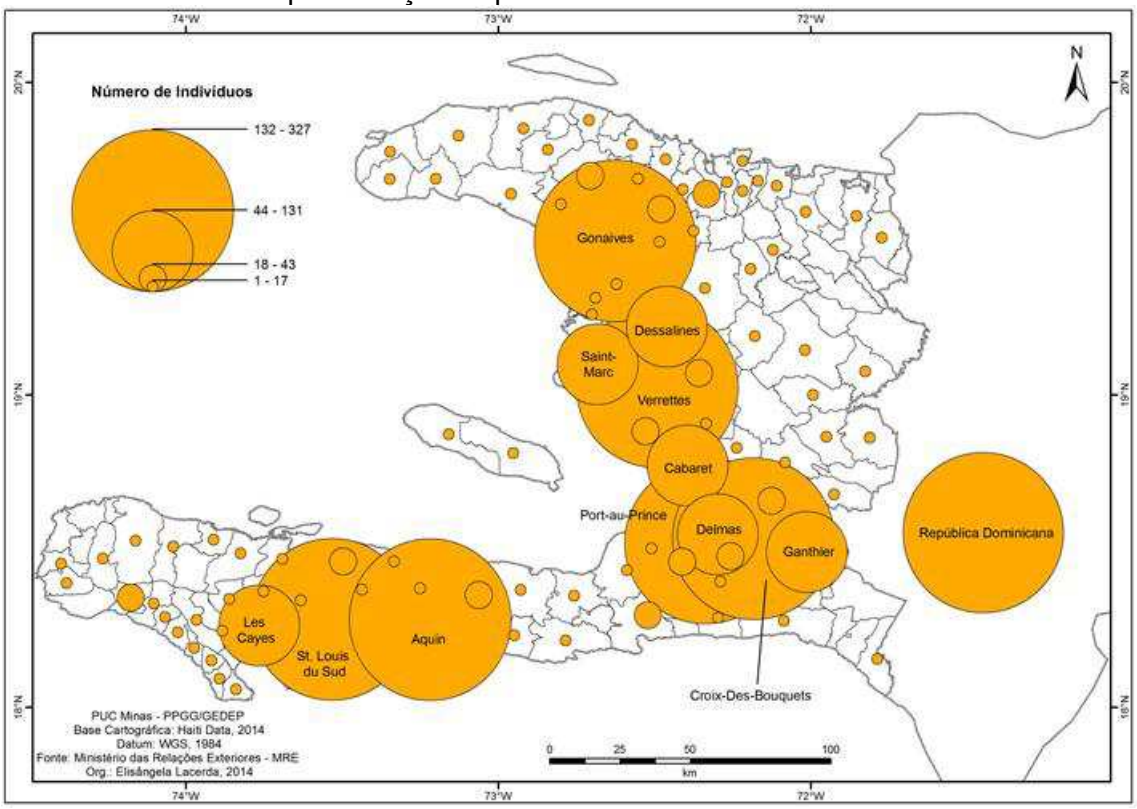


Figura 4 - Mapa do local de nascimento dos imigrantes haitianos que obtiveram visto nas representações diplomáticas do Brasil – 2013[14]

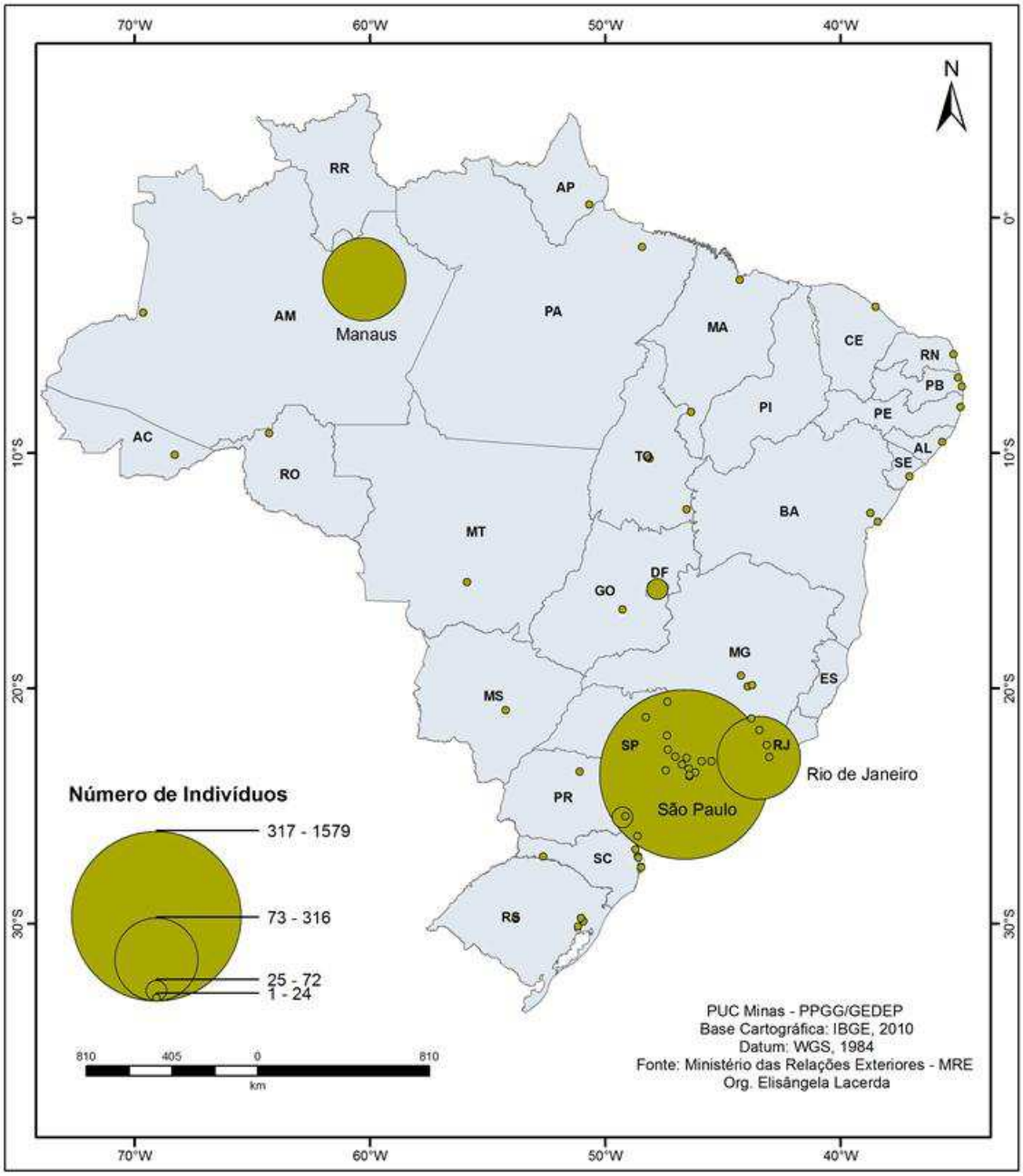


O mapa do local de residência dos haitianos no Brasil apresentado a seguir foi elaborado levando-se em conta o conjunto das informações de 2012 e 2013, pois, nesse último ano, a falta de registro desse item na base de dados foi de 48,8%. Importante considerar que essa informação nem sempre condiz com a realidade que o imigrante vai encontrar no Brasil e a sua mobilidade espacial na busca por emprego leva a deslocamentos após a chegada ao país.

Mesmo com essas restrições, fica clara a preferência pelas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Manaus, possivelmente locais onde já se desenvolveu uma rede social de acolhida a esses imigrantes.

[14] Dados coletados até 29.08.2013.

Figura 5 - Mapa do local de destino no Brasil indicado pelos haitianos quando da obtenção do visto junto às representações consulares brasileiras - 2012/2013[15]



[15] Dados coletados até 29.08.2013.

Em relação à ocupação declarada pelos haitianos no momento da solicitação do visto, observa-se que, para os homens, as ocupações ligadas à construção civil são as que mais se destacam, seguidas pelas ocupações de nível técnico. Em relação às mulheres, as ocupações de nível técnico são as mais importantes, seguidas por aquelas do setor serviços. Chama a atenção que 17,4% das mulheres tenham declarado não exercer nenhuma ocupação no momento da solicitação do visto.

Quadro 06 - Ocupação declarada pelos haitianos demandantes de vistos – 2013[16]

Ocupação	Sexo					
	Não Inf.**		Masculino		Feminino	
	Nº.Abs.	%	Nº. Abs.	%	Nº. Abs.	%
Ocupação nível superior	5	2,13	72	4,26	19	2,76
Ocupação de nível técnico	36	15,32	363	21,47	236	34,25
Ocupação técnica construção civil	70	29,79	895	52,93	21	3,1
Ocupação setor de alimentação e hotelaria	12	5,11	6	0,35	59	8,56
Ocupação no comércio	9	3,83	15	0,89	99	14,37
Outras ocupações no setor serviços	59	25,11	179	10,59	129	18,72
Ocupação no setor de agricultura	1	0,43	13	0,77	4	0,58
Não ocupados	14	5,96	143	8,46	120	17,42
Ocupação não declarada	29	12,34	5	0,3	2	0,29
Total	**235**	**100**	**1.691**	**100**	**689**	**100**

Fonte: MRE, 2013
** Vistos concedidos no Equador, República Dominicana e Peru

3.4 Informações da Polícia Federal – Ministério da Justiça

Os dados fornecidos pela Polícia Federal estão disponíveis no Sistema Nacional de Cadastramento e Registro de Estrangeiros – Sincre e têm como referência o período de janeiro de 2010 a março de 2014. As informações que compõem esse cadastro são as obtidas quando do contato dos imigrantes com as autoridades de imigração brasileiras.

A base tem como referência as cidades de residência declarada pelos imigrantes haitianos e contemplam informações sobre o local de entrada no Brasil, tipo de visto obtido, idade, sexo e instrução. Em relação á este último dado, não há um especificação clara sobre o nível de instrução dos imigrantes, o que prejudica a sua utilização.

[16] Dados coletados até 29.08.2013.

Segundo as informações da Polícia Federal os pontos de entrada dos haitianos no Brasil totalizariam 27 cidades, distribuídas nas regiões Norte, Sudeste e Sul. No entanto, 84,8% dos imigrantes entram no Brasil por somente 5 cidades, a saber: São Paulo e Guarulhos (37%), Tabatinga (29,7%), Epitaciolândia e Brasiléia, (18,1%). Essas cidades são na realidade pontos de passagem, pois salvo o caso de São Paulo e Guarulhos, onde 43,8% dos que entraram por estas cidades ali fixam residência, nos demais casos os imigrantes tendem a buscar outras cidades como mostram as figura abaixo.

Figura 6 - Mapa do fluxo dos haitianos que entraram no Brasil por Epitaciolândia e Brasileia, no período de janeiro de 2010 e março de 2014.

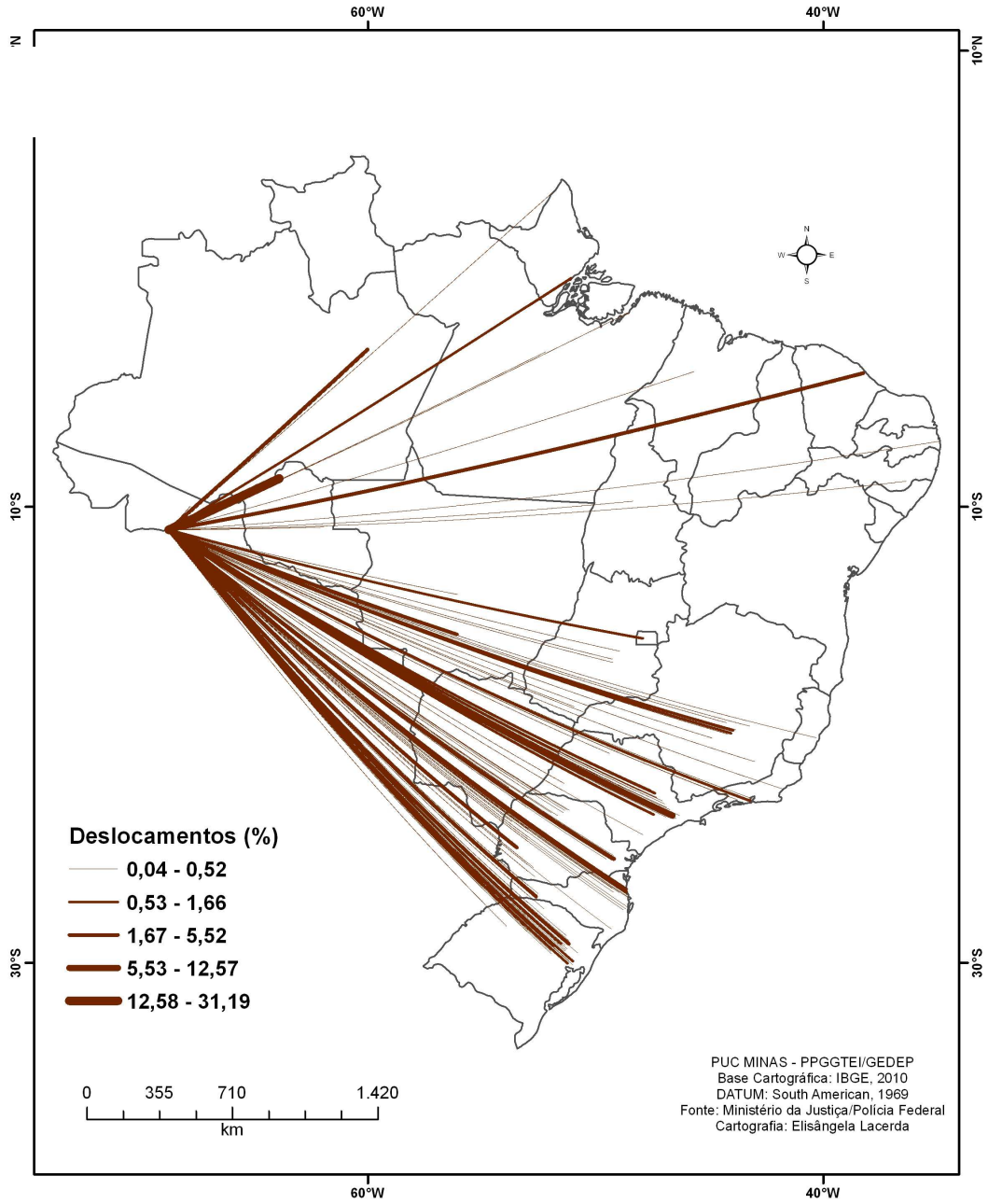


Figura 7 - Mapa do fluxo dos haitianos que entraram no Brasil por São Paulo e Guarulhos, no período de janeiro de 2010 e março de 2014.

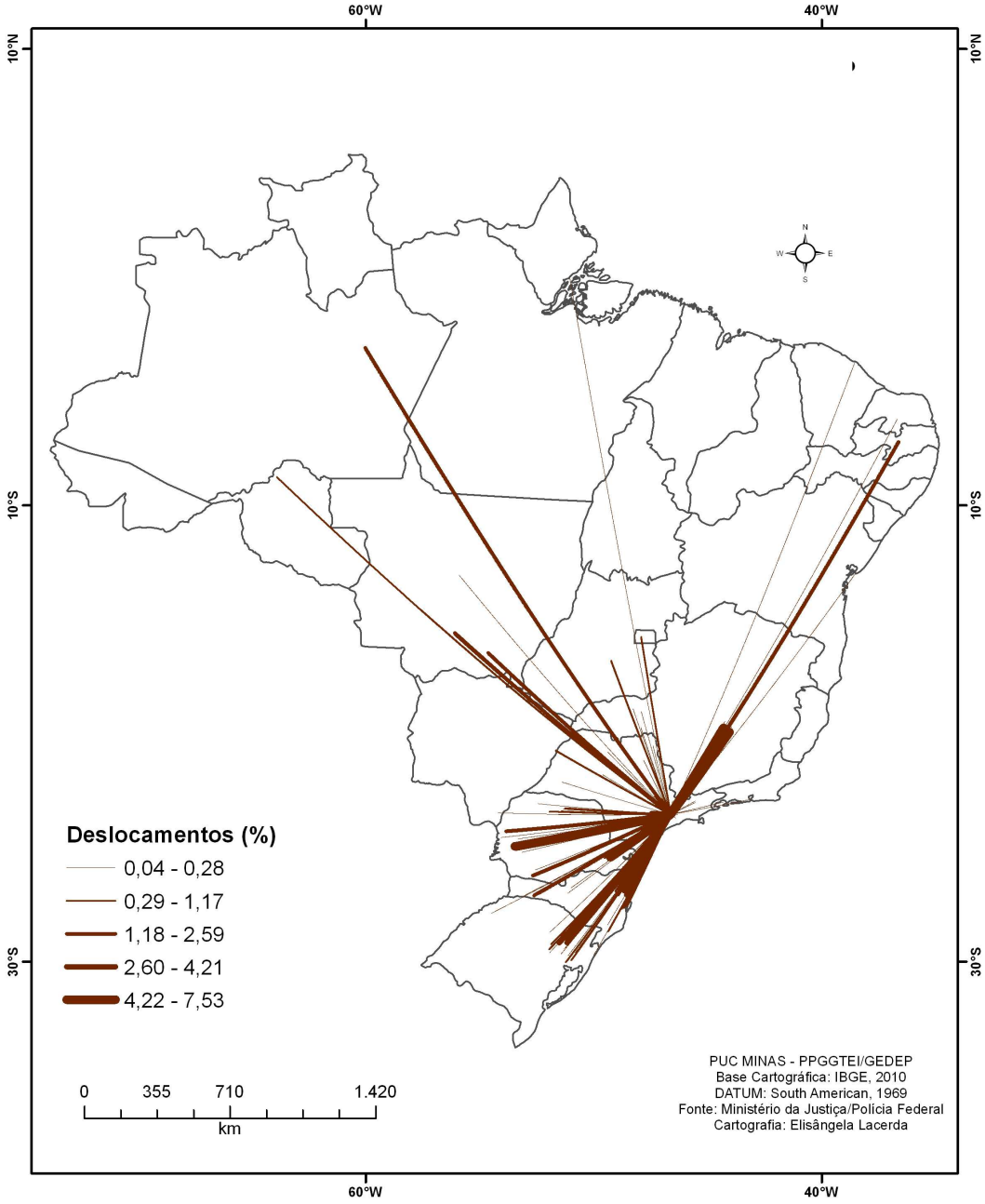
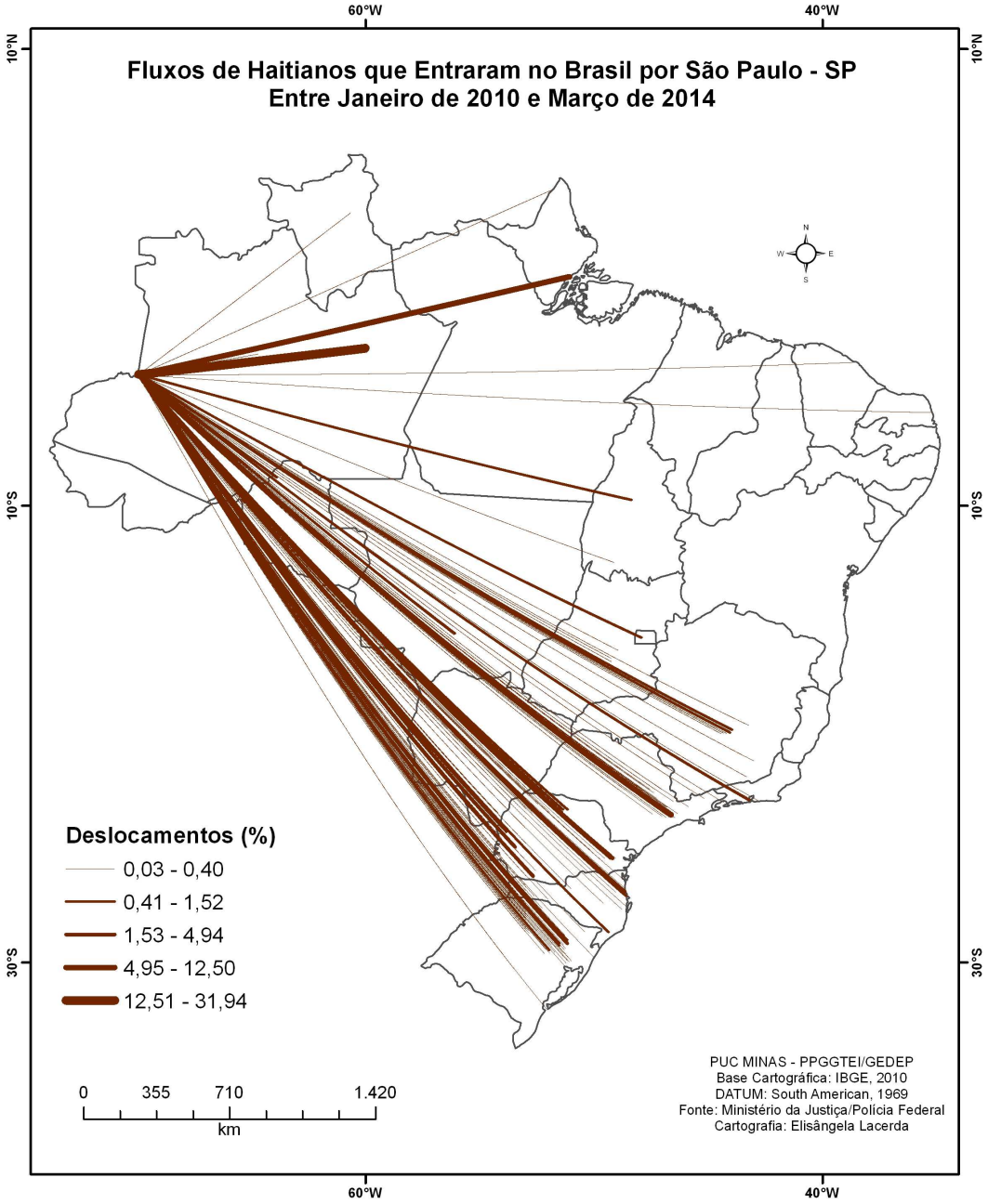
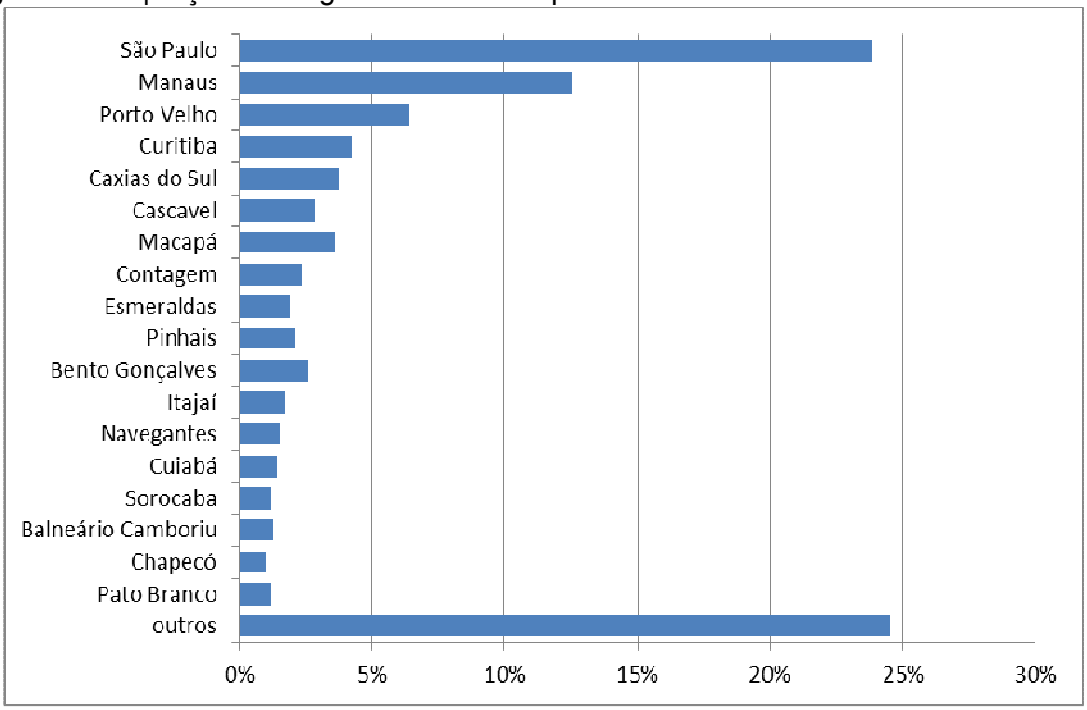


Figura 8 - Mapa do fluxo dos haitianos que entraram no Brasil por Tabatinga, no período de janeiro de 2010 e março de 2014.



Em relação ao local de residência dos imigrantes haitianos no Brasil, os dados da Polícia Federal indicam 267 municípios. No entanto, 18 deles receberam mais de 75% desses imigrantes, como indica a figura abaixo. Os maiores destaques são por conta de São Paulo com 24% do total e Manaus com 13%.

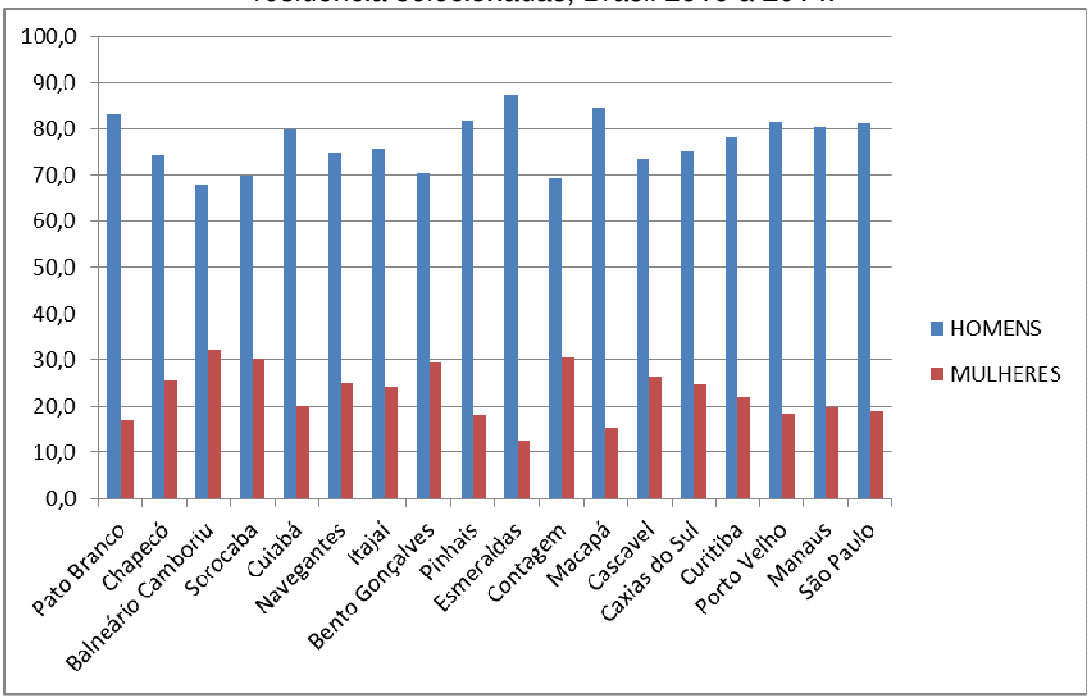
Figura 9 - Proporção de imigrantes haitianos por cidade de residência Brasil 2001 a 2014



Fonte: SINCRE - Sistema Nacional de Cadastramento e Registro de Estrangeiros/DPF.

Ao se observar a distribuição deste imigrantes por sexo em cada uma das mais importantes cidades de residência, como mostrado na figura abaixo, nota-se que há, como esperado, uma maior predominância dos imigrantes do sexo masculino. Apesar disso em algumas cidades como Contagem, Bento Gonçalves, Sorocaba e Camboriú a proporção de mulheres residentes é próxima de 30%. Tal fato pode indicar um processo de reunião familiar ou melhores oportunidades de trabalho para as mulheres nestas cidades.

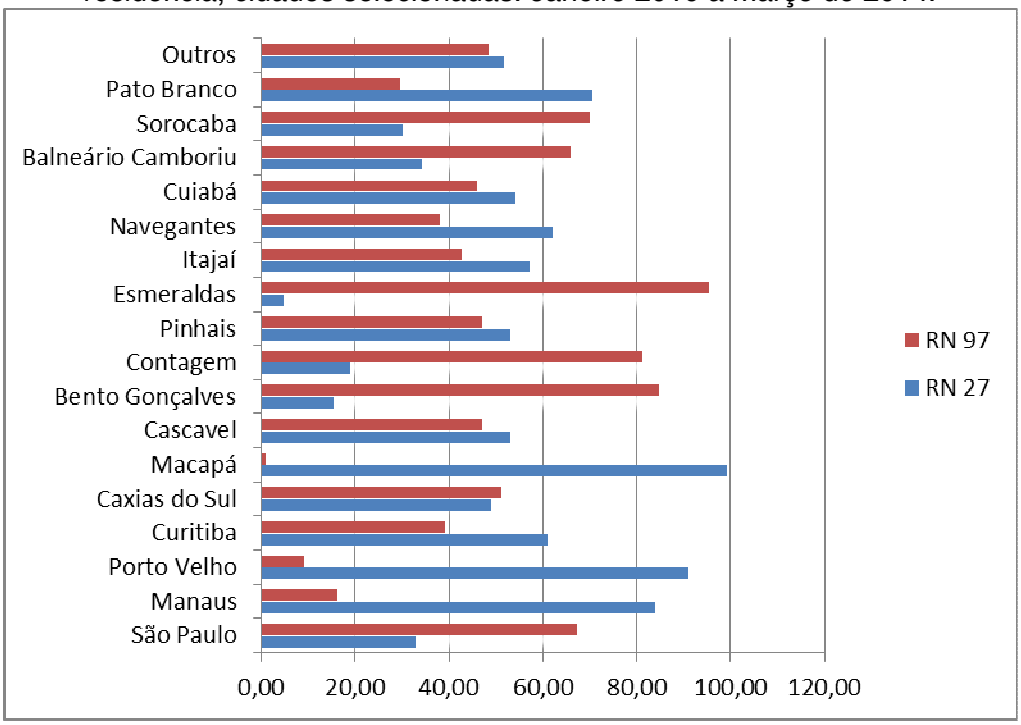
Figura 10 - Proporção dos imigrantes haitianos por sexo segundo cidades selecionadas de residência selecionadas, Brasil 2010 a 2014.



Fonte: SINCRE - Sistema Nacional de Cadastramento e Registro de Estrangeiros/DPF.

Considerando os dados sobre a base legal para a concessão dos vistos aos haitianos, Resolução Normativa (RN) nº 27, visto humanitário concedido, no Brasil, para aqueles imigrantes que tiveram o seu pedido de refugio recusado, ou Resolução Normativa (RN) nº 97, visto concedido pelas autoridades consulares no exterior, observa-se que para as 18 mais importantes cidades de residência informadas pelos imigrantes haitianos, há uma clara diferença entre o tipo de RN aplicada, segundo o local de residência. A RN nº 27 foi mais utilizada para a concessão de vistos aos residentes em Macapá (99,1%), Porto Velho (90.9%) e Manaus (83,9%). Os que obtiveram o visto por meio da RN nº 97 são mais representativos nas cidades de Esmeraldas (95,2%), Bento Gonçalves (84,6%) e Contagem (81,1%). A figura abaixo indica para as 18 cidades as resoluções aplicadas na concessão dos vistos.

Figura 11 - Resolução utilizada para a concessão de vistos aos haitianos, segundo local de residência, cidades selecionadas. Janeiro 2010 a março de 2014.



Fonte: SINCRE - Sistema Nacional de Cadastramento e Registro de Estrangeiros/DPF.

4 O sujeito migrante haitiano com destino ao Brasil

4.1 A pesquisa

O trabalho de levantamento dos dados aconteceu no período de julho a dezembro de 2013, tendo sido entrevistados 340 haitianos nas seguintes cidades: Belo Horizonte, Brasília, Campinas, Curitiba, Porto Velho e São Paulo.

Em cada estado foram contatados e capacitados parceiros que cuidaram do levantamento local das informações. A equipe de coordenação realizou a capacitação das equipes locais.

Em alguns estados foram os próprios haitianos que fizeram o levantamento, auxiliados pelos coordenadores locais. Em outros estados foi possível contar com a participação de estudantes brasileiros para os levantamentos.

A experiência demonstrou que, apesar dos avanços que significaram contar com a colaboração dos próprios sujeitos das pesquisas (haitianos) nos levantamentos, houve dificuldades na sua capacitação.

Outro ponto importante a ser considerado é que, em alguns casos, principalmente em questões que os haitianos entendiam como mais delicadas ou como invasivas da sua privacidade, o número de recusas em conceder as respostas foi elevado. Nesses casos, as análises levaram em conta somente os que forneceram as respostas às questões colocadas.

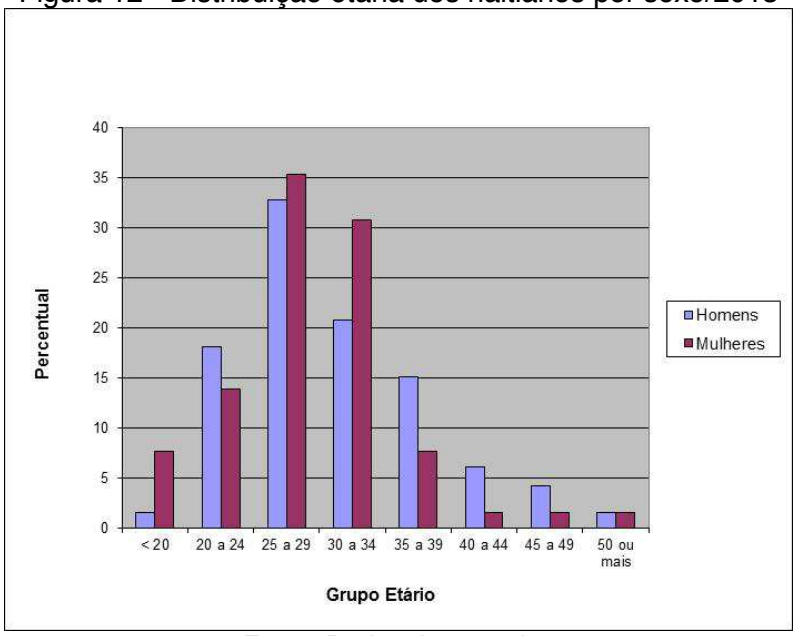
A seguir são apresentados os resultados desse levantamento dividido conforme os tópicos do instrumento de coleta de dados.

4.1.2 O perfil

Como demonstrado nas análises das bases de dados administrativos, a participação das mulheres no conjunto dos imigrantes haitianos que vêm para o Brasil não ultrapassa 20,0% do total. Nesse sentido, buscou-se manter no levantamento o mesmo volume dessa participação. Assim, o número de homens entrevistados foi de 275 (81,0%), e das mulheres, 65 (19,0%).

O gráfico a seguir indica a distribuição por grupos etários de homens e mulheres que foram entrevistados. Observa-se que, independente do sexo, todos os haitianos pesquisados estavam, no momento da entrevista, em idade ativa. As mulheres apresentam uma estrutura etária mais jovem, com média de idade de 28,4 anos, e os homens, de 30,6 anos.

Figura 12 - Distribuição etária dos haitianos por sexo/2013



Fonte: Dados da pesquisa

Em relação ao estado civil dos entrevistados, 50,8% das mulheres declararam ser solteiras, enquanto 63,3% dos homens disseram estar nessa mesma situação. Interessante notar que, dentre as mulheres, 36,9% declararam algum tipo de união, 15,4% estavam casadas e 21,5%, vivendo em união consensual. No caso dos homens, 31,3% declararam também estar em algum tipo de união, sendo 21,1% casados e 10,2% em união consensual.

Ao se analisar o grau de instrução dos haitianos que foram entrevistados é importante levar em conta que não se solicitou nenhuma comprovação do grau de ensino declarado. Por outro lado, por se tratar de um sistema de ensino diverso daquele utilizado no Brasil em termos de número de séries, podem ter ocorrido algumas dificuldades em se determinar o exato grau de instrução dos imigrantes. Quando não havia certeza de qual o grau mais elevado concluído, os entrevistadores foram orientados a coletar a última série cursada dentro do sistema de ensino do Haiti que, posteriormente, foi ajustada ao sistema educacional brasileiro.

Os dados do quadro a seguir mostram o grau de ensino declarado pelos haitianos no momento da entrevista. Pode ser observado que não há uma diferença muito grande entre homens e mulheres em termos do grau de instrução nos níveis mais elevados, pois 42,1% dos homens indicaram um grau de ensino no mínimo secundário completo, enquanto 43,2% das mulheres indicaram a mesma situação.

No entanto, ao se somar os que declararam ter segundo grau completo e incompleto, 50,8% das mulheres estariam nessa situação contra 41,8% dos homens.

Quadro 07 – Grau de instrução dos haitianos entrevistados por sexo/2013

Grau de instrução	**Sexo**			
	Homens		**Mulheres**	
	Nº absoluto	**%**	**Nº absoluto**	**%**
Ensino fundamental incompleto	16	5,8	5	7,7
Ensino fundamental completo	56	20,4	10	15,4
Segundo grau incompleto	50	18,2	13	20
Segundo grau completo	65	23,6	20	30,8
Superior incompleto	22	8	4	6,2
Superior completo	29	10,5	4	6,2
Não responderam	37	13,5	9	13,8
Total	**275**	**100**	**65**	**100**

Fonte: Dados da pesquisa

A ocupação exercida pelos haitianos antes de iniciar a migração para o Brasil foi levantada considerando a última atividade realizada ainda no Haiti. Importante notar que parcela significativa dos entrevistados declarou mais de uma ocupação. Nesses casos, foi solicitado que o entrevistado indicasse a que ele achava mais importante ou em qual ocupação auferia maior renda.

O quadro a seguir apresenta o resultado do levantamento. Como havia pulverização do número de ocupações declaradas, optou-se por agregá-las em grandes grupos, deixando em destaque aquelas que apareciam com maior frequência.

Quadro 08 – Ocupação dos entrevistados antes da emigração/2013

Ocupação	Sexo			
	Homens	%	Mulheres	%
Motorista	14	5,1	0	0,0
Serviços técnicos	21	7,6	0	0,0
Construção civil	74	26,9	2	3,1
Comércio	24	8,7	15	23,1
Outros serviços	28	10,2	17	26,2
Agricultura	7	2,5	0	0,0
Profissional do setor da educação	34	12,4	6	9,2
Estudantes	28	10,2	10	15,4
Não trabalhavam	17	6,2	11	16,9
Não responderam	28	10,2	4	6,2
Total	**275**	**100**	**65**	**100**

Fonte: Dados da pesquisa

No caso dos homens, 26,9% dos entrevistados estavam trabalhando no setor da construção civil antes da emigração. Importante notar que o setor de educação, principalmente relativo aos professores, aparece como o segundo mais importante, indicando saída de pessoal qualificado do Haiti que, no entanto, teria dificuldades em exercer essas atividades no Brasil sem o devido reconhecimento de diplomas. Os que não exerciam nenhuma atividade laboral, os não ocupados e estudantes somaram 16,4% dos homens entrevistados.

Em relação às mulheres, a maioria, 26,2%, declarou trabalhar antes de sair do país no setor de comércio, nesse caso, como vendedoras ou ambulantes, seguidas por aquelas que indicaram a ocupação no setor de serviços, 23,1%, com predominância de costureiras, cozinheiras e ocupações afins. Cabe observar a elevada participação no conjunto das mulheres entrevistadas daquelas que

declararam não estar ocupadas ou estudando no momento da emigração, que somam 32,3%.

4.1.3 O trajeto

No momento da entrevista foi solicitado aos haitianos que fizessem a descrição do trajeto indicando as dificuldades que apareceram. Por se tratar de levantamento realizado em parceria com as instituições que acolhem esses imigrantes, a maior parte dos entrevistados (52,6%) saiu do Haiti em 2013, seguidos por aqueles que partiram em 2012 (21,2%). O número dos entrevistados que saíram do país antes do terremoto é muito reduzido (1,8%).

Quando foi perguntado qual o país de partida da emigração para o Brasil, 87,1% declararam ser o Haiti, e 10,0% indicaram a República Dominicana, o restante apontou algum país da América do Sul. Dentre aqueles que indicaram o Haiti, 35,4% informaram residir em Gonaïve, 25,1% em Porto Príncipe, 7,3% em Saint Marc, e 5,95% em Cap Haïtien.

Os mapas a seguir mostram o local de origem e de residência dos entrevistados. Observa-se que Gonaïve é o ponto de partida da maioria dos entrevistados, mas a cidade de Porto Príncipe aparece, em alguns casos, como a segunda mais importante. Para os que foram entrevistados em Brasília, a cidade de Cap Haitien foi indicada como o ponto de origem mais importante. Em relação à Campinas, a quase totalidade dos entrevistados indicou como local de residência no Haiti, a cidade de Porto Príncipe.

Figura 13 - Mapa do local de origem no Haiti dos imigrantes residentes em Belo Horizonte

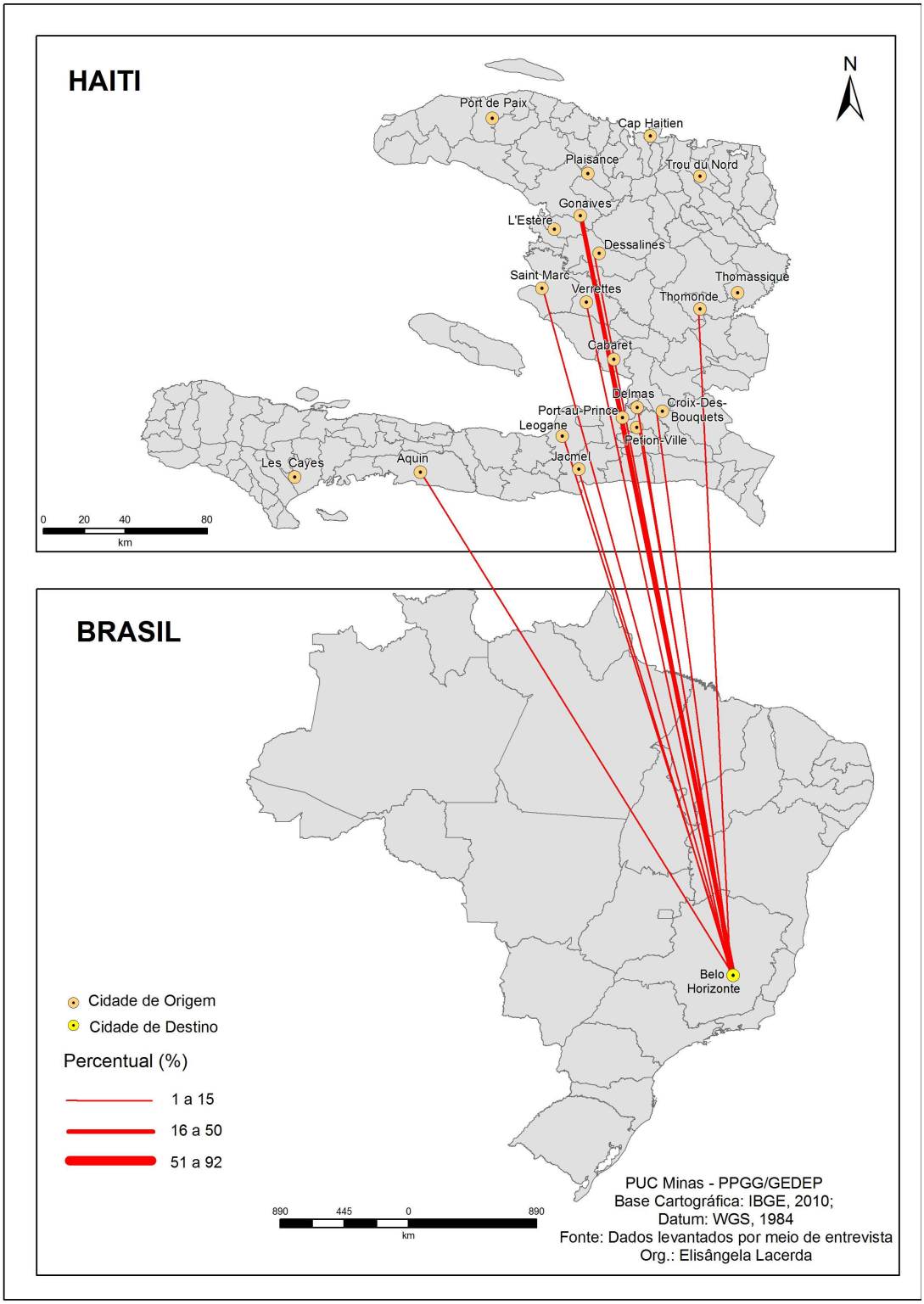


Figura 14 - Mapa do local de origem no Haiti dos imigrantes residentes em Brasília

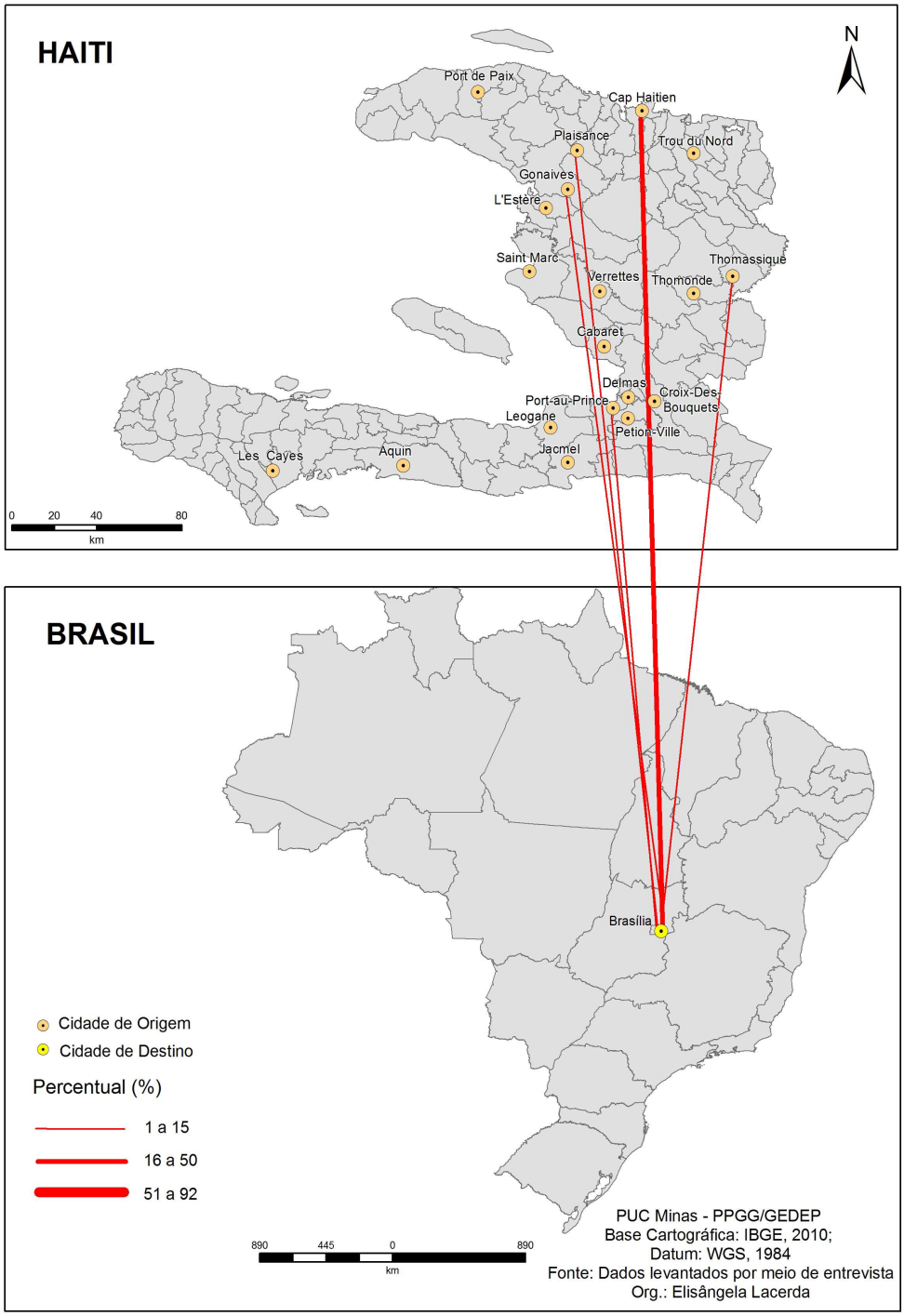


Figura 15 - Mapa do local de origem no Haiti dos imigrantes residentes em Campinas

Figura16 - Mapa do local de origem no Haiti dos imigrantes residentes em Curitiba

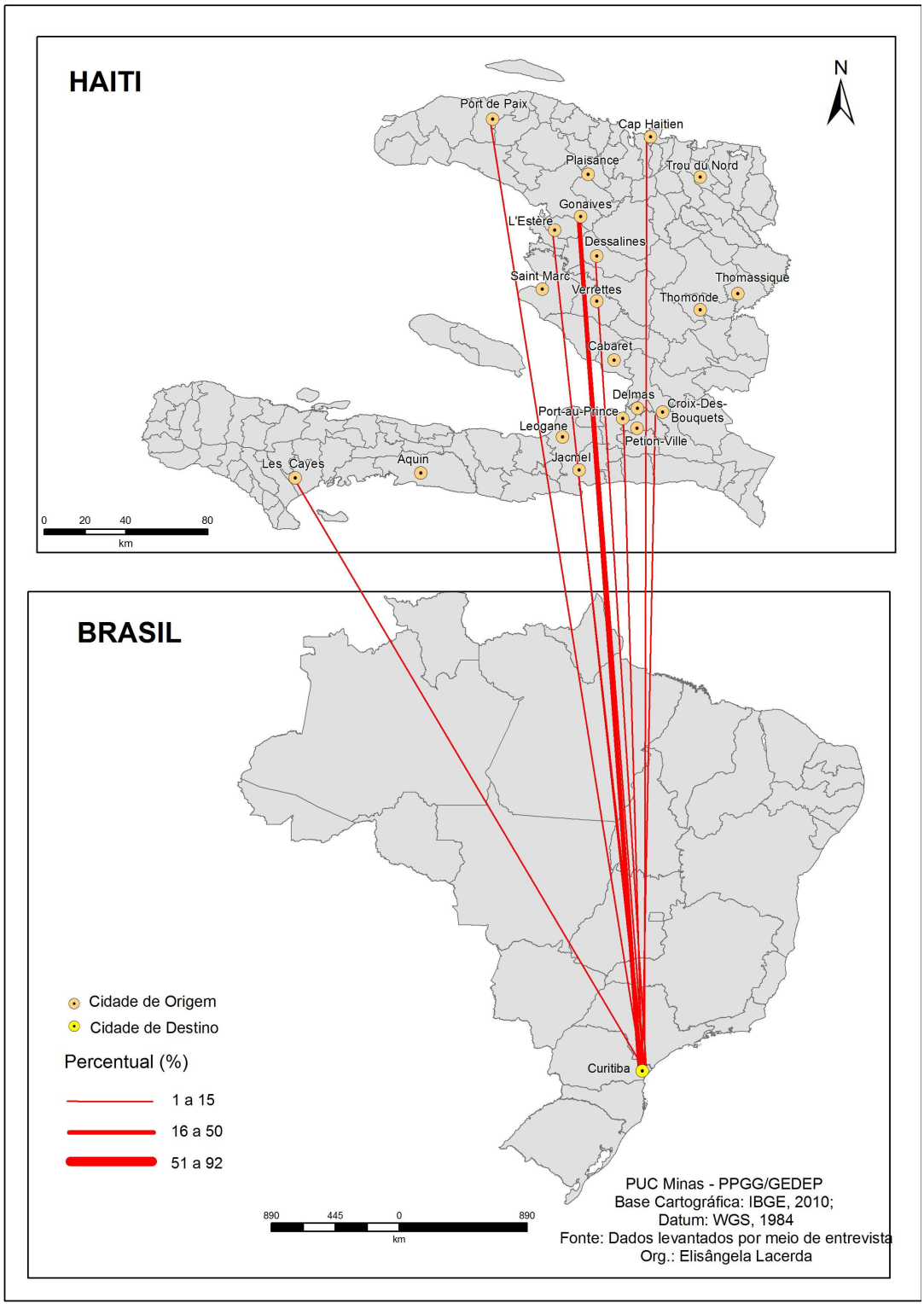
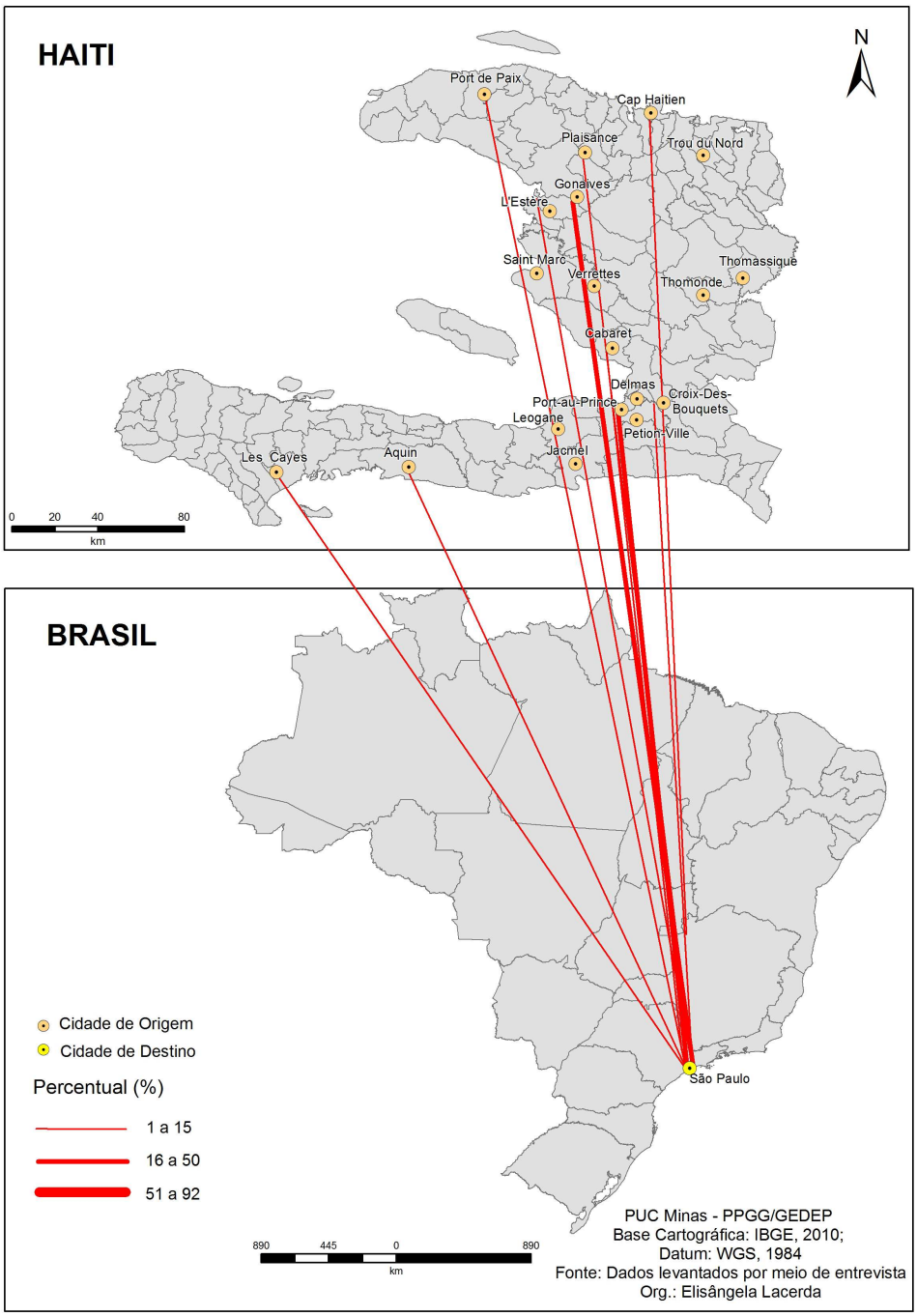


Figura17 - Mapa do local de origem no Haiti dos imigrantes residentes em Porto Velho

Figura18 - Mapa do local de origem no Haiti dos imigrantes residentes em São Paulo



O tempo de trajeto até ao Brasil foi diverso, segundo o momento da saída. Para os que deixaram o Haiti em 2013, 73,9% fizeram o trajeto em até 15 dias. Dos que saíram em 2012, só 30,8% disseram ter feito o trajeto no mesmo período de tempo. Importante ressaltar que, de todos os que responderam a esse quesito, 11,3% indicaram ter gasto mais de 120 dias para chegar ao Brasil.

Mesmo com as limitações do levantamento, é importante observar que há uma clara redução no tempo gasto no trajeto na medida em que o tempo passa, influenciando nisso o aumento na concessão dos vistos por parte do governo brasileiro e, para os que transitam pelos países da América do Sul, ao que parece, o caminho está bem “sinalizado”, o que reduz o tempo do trajeto.

Em relação ao caminho percorrido, indicado no mapa a seguir, salvo no caso daqueles imigrantes que já tinham o visto obtido nas representações diplomáticas brasileiras (19,7%) e que, portanto, fizeram o trajeto do Haiti diretamente para algumas cidades no Brasil, geralmente, São Paulo. Os outros, em sua maioria, seguiram as rotas já conhecidas, que incluem a chegada por via aérea ao Equador, seguindo em direção ao Peru e entrando no Brasil por Tabatinga e Brasiléia. Nota-se que uns poucos, não mais do que 5,0% do total, tomaram rotas diversas que incluíram a passagem por Argentina, Bolívia ou Chile antes de chegar ao Brasil.

Figura 19 – Mapa das principais rotas migratórias de haitianos para o Brasil

O trajeto até ao Brasil, segundo os entrevistados, foi realizado na companhia de outra pessoa para 47,2% dos haitianos que responderam a essa questão, os restantes afirmaram ter feito o trajeto sozinho. Dentre os que fizeram o trajeto acompanhados, 60,0% estavam com pelo menos um familiar.

Ao serem demandados sobre os problemas que tiveram no trajeto até o Brasil, 43,8% dos haitianos afirmaram ter tido algum tipo de dificuldade no caminho. Vários são os depoimentos que incluem desde a discriminação e o cansaço pela extenuante jornada até relatos de roubos. Dentre os que declararam ter encontrado algum problema, 69,7% os tiveram com as autoridades de migração, seguidos daqueles que tiveram problemas com os habitantes locais, que somam 20,6%. Dificuldades com policiais e companheiros de viagem foram reportadas, respectivamente, por 4,9% e 4,8% dos entrevistados que responderam a essa questão. Ao se observar o tipo de problema encontrado pelos imigrantes, constatou-se que o mais importante foi aquele relacionando ao roubo de dinheiro no trajeto, que aconteceu em 56,2% dos casos relatados. Em 65,1% dos casos, os responsáveis pela subtração do dinheiro foram as autoridades de migração, o que foi seguido pelos roubos cometidos por nativos (28,8%). Na maioria dos casos, esses relatos estão ligados a fatos ocorridos no trajeto, especialmente no território peruano.

Ao serem perguntados se foi necessário contar com o apoio de outra pessoa para fazer a viagem, 56,6% dos entrevistados que responderam a essa questão o fizeram de forma afirmativa. Em relação ao tipo de auxílio recebido, 93,0% indicou ser um apoio financeiro, obtido, na maioria dos casos, junto a parentes e amigos.

O Quadro 09, a seguir, apresenta o montante gasto declarado pelos imigrantes. Em média, os haitianos gastaram USD 2.912,72 no trajeto, mas há indicações de gastos mais elevados, que chegam a ultrapassar mais de USD 5.000,00.

Quadro 09 – Gastos dos imigrantes haitianos com a viagem/2013

Gastos USD	Nº absoluto	%
Até 1.000	15	4,4
1.001 a 2.000	39	11,5
2.001 a 3.000	76	22,4
3.001 a 4.000	40	11,8
4.001 a 5000	13	3,8
mais de 5.000	8	2,4
Não se aplica	31	9,1
Não Responderam	118	34,7
Total	**340**	**100**

Fonte: Dados da pesquisa

Dos que pediram apoio financeiro para viajar, 38,9% estavam no momento da entrevista com dívidas por conta dos gastos com a viagem. O valor médio dessa dívida chegava a USD 1.908,34, mas 45,3% deviam valores que ultrapassavam USD 2.000,00, chegando mesmo, em dois casos, a USD 6.000,00, montante extremamente elevado tendo-se em conta a realidade salarial brasileira[17].

Foram também levantados o tipo de visto ou a situação quando da entrada no Brasil. Como indicado no quadro a seguir, 62,9% dos entrevistados obtiveram o visto humanitário previsto na Resolução Normativa n.º 97 do CNIg. Os entrevistados que entraram no país com visto obtido junto às representações diplomáticas brasileiras no exterior representaram 19,7%. Em proporção menor, 9,7% dos entrevistados declararam ter entrado no país com visto de três meses, que seria um visto de turista. Não foi possível levantar onde esse tipo de visto foi concedido e nem se tal documento era verdadeiro. No entanto, em conversas informais com alguns haitianos e pessoas ligadas às ONGs que os assistem, foram levantados indícios de que tais documentos não seriam oficiais e expedidos por autoridade brasileira. Tanto que, em um dos casos, foi necessário apresentar uma solicitação de refúgio para que o detentor desse tipo de visto tivesse a sua situação migratória regularizada.

[17] Salário mínimo em 2013 - R$ 678,00 ou USD 308,10 (câmbio USD 1,00 – R$ 2,20).

Quadro 10 – Tipo de visto dos haitianos para a entrada no Brasil/2013

Tipo de Visto	Nº absoluto	%
Visto de três meses	33	9,7
Visto humanitário	214	62,9
Visto obtido no consulado	67	19,7
Visto de estudante	12	3,5
Não responderam	14	4,1
Total	**340**	**100**

Fonte: Dados da pesquisa

Ao se pesquisarem as razões que levaram os haitianos a fazer a migração para o Brasil, foi solicitado aos entrevistados que indicassem os motivos em ordem de importância. No levantamento ficou claro que não havia uma razão única, mas sim um conjunto de motivos que nos remete sempre à extrema vulnerabilidade desse grupo de imigrantes. No quadro a seguir estão indicadas as principais razões para a migração, o primeiro motivo declarado pelos entrevistados. Fica evidente que a maior parte deles (61,5%) fez o trajeto em busca de trabalho. A melhoria na qualidade de vida fica em segundo lugar (14,7%) dentre as razões alegadas e a ajuda à família como o objetivo da migração fica em terceiro lugar (6,5%). É importante indicar que, dentre as razões alegadas para a migração, diversos entrevistados colocaram em segundo lugar a possibilidade de seguir os estudos no Brasil, desejo esse frustrado logo ao chegar ao país, pois as exigências para a equivalência de diplomas e certificados são maiores do que as possibilidades financeiras e de obtenção da documentação pelos haitianos.

Quadro 11 – Motivos declarados para a migração/2013

Motivos	Nº absoluto	%
Trabalho	209	61,5
Melhor qualidade de vida	50	14,7
Estudar	19	5,6
Ajudar a família	22	6,5
Crise no Haiti	7	2,1
Outros	13	3,8
Não responderam	20	5,9
Total	**340**	**100**

Fonte: Dados da pesquisa

Procurou-se também conhecer no levantamento se os entrevistados tiveram interesse de buscar informações sobre o Brasil antes de iniciar o trajeto. Dos haitianos pesquisados, 55,6% declararam que buscaram algum tipo de informação sobre o país de destino. O quadro a seguir apresenta o local e as pessoas que foram procuradas nessa busca de informação. As mídias, principalmente a Internet, se destacam e foram fonte de informações para 43,4% dos entrevistados. Os amigos foram fonte para 22,8% dos imigrantes, seguidos por parentes (8,5%) e pessoas que estavam vivendo no Brasil no momento da entrevista (8,5%). A participação das representações diplomáticas brasileiras como polo de informação não é expressiva (4,2%). Na categoria "outros" chama a atenção o caso da declaração de três entrevistados que indicaram "coiotes" como as pessoas às quais recorreram em busca de informações.

Quadro 12 – Tipo de informação buscada pelos imigrantes haitianos/2013

Tipo de Informação	Nº absoluto	%
Trabalho	91	48,1
Obtenção de visto/regularização	18	9,5
Informações gerais sobre o Brasil	23	12,2
Educação/Cultura	38	20,1
Outros	4	2,1
Não responderam	15	7,9
Total	**189**	**100**

Fonte: Dados da pesquisa

Quando questionados sobre a quais tipos de informação sobre o Brasil eles tiveram acesso, os entrevistados, em sua maior parte (48,1%), indicaram estar interessados em conhecer as oportunidades de trabalho no país de destino. O conhecimento sobre a cultura e o ensino foi objeto de interesse de 20,1% dos pesquisados. Interessante notar que a preocupação com a obtenção do visto ou mesmo uma possível regularização do *status* migratório não se caracterizava como uma das maiores preocupações desses imigrantes, já que somente 9,5% dos que buscavam informações se preocuparam com o tema.

Ao serem perguntados se antes de emigrar já tinham um contato no Brasil, 57,4% dos entrevistados declararam que conheciam alguma pessoa. Em 66,6% dos casos essa pessoa era um amigo, e para os restantes (33,4%), tratava-se de um parente. Cabe ressaltar que dentre os que não buscaram informações sobre o país

de destino, 47,6% declararam conhecer alguém no Brasil. Assim, ao se considerar os que buscaram informação sobre o país de destino, associados aos que, apesar de não terem informações, conheciam alguém no Brasil, temos que 75,8% dos imigrantes haitianos ou tinham um contato ou alguma informação sobre o país. Tais resultados indicam que não são muitos os que fazem o trajeto sem qualquer informação ou mesmo sem a possibilidade de contar com uma referência quando da sua chegada.

4.1.4 A vida no Brasil

Para o conhecimento das condições de vida dos haitianos no Brasil foram colocadas uma série de questões que tratavam de aspectos ligados à moradia, ao trabalho e ao conhecimento de alguns direitos dos imigrantes.

4.1.4.1 O acesso à moradia

Ao se tratar da moradia, foi perguntado aos imigrantes qual tipo de residência ocupavam no momento da entrevista. Como indicado no quadro a seguir, em 68,8% dos casos foi informada uma residência compartilhada com outros imigrantes, podendo esta ser uma casa ou um apartamento. Quartos em pensão, hotel ou casa de família são as formas de moradia de 15,0% dos entrevistados. As moradias individuais foram informadas por 4,1% dos imigrantes.

Quadro 13 – Tipo de residência no momento da entrevista/2013

Tipo	Nº absoluto	%
Apartamento individual	14	4,1
Um quarto	51	15
Moradia dividida com outros imigantes	234	68,8
Casa de acolhimento	14	4,1
Moradia cedida pela empresa	12	3,5
Não responderam	15	4,4
Total	**340**	**100**

Fonte: Dados da pesquisa

Ainda tratando de aspectos ligados à moradia, os entrevistados indicaram que em 85,6% dos casos a residência era alugada. Destes, 47,1% sentiram dificuldade no momento de fazer o contrato de aluguel.

Tratando-se exclusivamente daqueles que dividiam residência com outra pessoa, apurou-se que, nesses casos, o número médio de moradores era da ordem de 4,3 pessoas por moradia e cada quarto era dividido em média por 2,7 pessoas. Por não haver sido levantada informação sobre o tamanho das residências ou o número de cômodos, não se pode afirmar de forma conclusiva se a situação de moradia dos haitianos é precária. No entanto, os números apurados na pesquisa mostram uma densidade elevada nos domicílios, assim como um elevado número médio de pessoas dividindo o mesmo quarto.

4.1.4.2 O acesso ao trabalho

Em relação à inserção dos haitianos no mercado de trabalho, foram levantadas informações sobre o primeiro emprego obtido pelo imigrante quando da sua chegada ao Brasil e qual sua situação no momento da entrevista.

O primeiro contato com o mercado de trabalho aconteceu para 67,1% dos entrevistados pouco após sua chegada ao Brasil. A maior parte deles, em seu primeiro emprego, atuou na construção civil (59,7%), seguida pelo setor de serviços gerais (13,8%), indústria (11,2%) e serviços ligados ao setor de alimentação (7,3%).

Para encontrar o primeiro emprego, 60,2% dos entrevistados que responderam a essa questão tiveram ajuda de amigos e parentes, 16,3% conseguiu por conta própria, 15,3% por meio de contato direto com a empresa, e 8,2% por intermédio de uma agência.

Ao serem perguntados sobre a situação atual de trabalho, 47,3% dos entrevistados que responderam a essa questão não haviam mudado de trabalho e ainda estavam no primeiro emprego.

Dos que trabalhavam no momento da entrevista, 71,9% tinham carteira assinada, 2,4% trabalhavam por conta própria e 25,7% exerciam uma atividade no mercado informal sem carteira assinada. Interessante notar que 20,9% dos haitianos entrevistados informaram que preferem trabalhar sem carteira assinada, uma vez que entendem serem os ganhos maiores nessa situação. Portanto, seria possível

inferir que uma parcela daqueles que não têm carteira assinada estaria no mercado informal por vontade própria, situação que mereceria uma análise mais aprofundada.

O quadro a seguir indica os setores nos quais os haitianos desenvolviam suas atividades. Importante notar que 26,2% dos entrevistados declararam não estar trabalhando no momento da entrevista e, dentre estes, um estava recebendo seguro-desemprego. A construção civil aparece como o setor que mais absorve a mão de obra dos imigrantes haitianos (30,3%), seguida pela indústria de alimentos (12,6%). Os serviços gerais (7,9%) e o comércio (5,6%) são os setores que absorvem outra importante parcela da mão de obra desses imigrantes.

Quadro 14 - Setor de ocupação dos haitianos no momento da entrevista/2013

Setor	Nº absoluto	%
Construção civil	103	30,3
Indústria de alimentos	43	12,6
Comércio	19	5,6
Serviços domésticos	7	2,1
Serviços gerais	27	7,9
Indústria em geral	8	2,4
Hotelaria	2	0,6
Informática e automação	4	1,2
Sem trabalho	89	26,2
Não responderam	38	11,2
Total	**340**	**100,0**

Fonte: Dados da pesquisa

Vale a pena ressaltar que, dentre aqueles que declararam estar trabalhando no momento da entrevista, 66,8% indicaram que a atividade exercida não era compatível com as suas habilitações.

As condições de trabalho foram levantadas por um conjunto de questões que buscaram identificar alguns aspectos da situação laboral desse grupo de imigrantes. Dentre os que declararam estar trabalhando, somente 7,1% indicaram que no local de trabalho havia algum tipo de comunicação escrita em *créole*, como bilhetes ou avisos. Entre aqueles que exerciam alguma atividade em empresas, 86,5% afirmaram que recebiam instruções e equipamentos de segurança no trabalho. Em 47,1% dos casos, as jornadas de trabalho variavam entre 40 e 44 horas, sendo que 30,1% dos entrevistados tinham jornadas semanais mais longas, chegando em

alguns casos a mais de 80 horas semanais. No entanto, 81,2% dos entrevistados afirmaram que recebiam pelas horas-extras que realizavam.

Quanto ao relacionamento com patrões e colegas, 59,1% declararam que a relação com o patrão era amigável, mas 11,6% informaram que a postura dos patrões era autoritária. Em relação aos colegas de trabalho, para 91,4% dos haitianos considerados no levantamento o relacionamento era amigável, e 60,7% informaram não ver nenhuma diferenciação entre o tratamento de brasileiros e estrangeiros no local de trabalho.

O salário que recebem no Brasil é, na visão de 73,6% dos entrevistados, insuficiente para sobreviver, mesmo assim, 43,1% informaram que conseguem fazer alguma economia. Para praticamente todos os entrevistados, qualquer recurso economizado é enviado às famílias no Haiti. Esses envios representam um quarto do salário para 55,9% dos entrevistados que responderam à questão, metade para 28,8% e mais da metade do salário para 15,2%.

4.1.4.3 Acesso a serviços e dificuldades no processo migratório

Durante as entrevistas foram colocadas questões aos imigrantes tratando do seu acesso aos serviços públicos e levantando as dificuldades encontradas no Brasil.

Em relação a tratamento de saúde, 53,1% dos entrevistados tiveram que recorrer ao serviço de saúde para tratamento de alguma doença. Na maioria dos casos, os sintomas relatados indicam problemas de simples solução (dor de cabeça, febre e gripe). No entanto, cinco imigrantes relataram acidentes de trabalho, um deles com perda de um dedo. Em sete casos o serviço de saúde foi usado para o parto. Dos que fizeram uso dos serviços de saúde, 81,6% utilizaram o SUS avaliando-o como bom e muito bom em 72,8% dos casos.

O Sine foi procurado por 17,9% dos entrevistados e 13,3% dos haitianos que haviam trabalhado em algum momento informaram que haviam recebido o seguro-desemprego. Ao serem perguntados se alguma vez teriam procurado algum órgão para saber sobre os direitos dos imigrantes, somente 13,4% indicaram ter feito esse movimento e, em 44,8% dos casos, a procura de informações foi junto à Polícia Federal.

O quadro a seguir apresenta as principais dificuldades relatadas pelos haitianos que foram entrevistados.

Quadro 15 – Dificuldades encontradas pelos imigrantes haitianos no Brasil/2013

Situações	%
Idioma	56,5
Emprego	48,2
Habitação	42,1
Formação	30,6
Regularização migratória	22,4
Saúde	21,5
Discriminação	20,6
Segurança social	16,8

Fonte: Dados da pesquisa

O idioma aparece como a maior fonte de problemas apontados pelos haitianos (56,5%), seguido do emprego (48,2%) e da habitação (42,1%). A formação também aparece como problema importante (30,6%), situação que está associada às dificuldades de acesso dos imigrantes ao ensino no Brasil. A discriminação foi relatada como o principal problema para 20,6% dos entrevistados que responderam à questão.

Importante considerar que, no caso do idioma, 83,2% dos entrevistados acreditam que o não conhecimento do idioma nativo do país de destino é uma importante barreira à integração ou mesmo à sobrevivência. Mas, quando solicitados a avaliar os seus conhecimentos de português, 14,1% dos entrevistados que responderam à questão indicaram ter um conhecimento muito bom do idioma. Para 55,5% o conhecimento foi avaliado como bom, e em 30,4% dos casos relatados, o conhecimento foi considerado ruim.

4.1.4.4 Avaliação do projeto migratório

No último bloco da pesquisa foi solicitado aos entrevistados que fizessem uma avaliação do processo migratório e, considerando a experiência que tiveram, apontassem sugestões para os governos do Brasil e do Haiti de forma a contribuir na solução ou minimização dos problemas vivenciados.

Os imigrantes, em 77,1% dos casos, estavam satisfeitos em estar vivendo no Brasil. Quando perguntados pela razão, 33,2% indicaram estar satisfeitos pelo fato de ter encontrado trabalho no Brasil e por poder ajudar a família. Dentre os

entrevistados, 19,8% indicaram ser a qualidade de vida melhor no país do que a situação que viviam no Haiti. O gostar do Brasil foi a razão apontada por 5,1% dos entrevistados. É importante registrar que, dentre as diversas razões apontadas, também se destacam, associadas a outras razões, o respeito com que são tratados no país.

Para aqueles que declararam não estar satisfeitos com a estada no Brasil (22,9%), as razões mais recorrentes para a insatisfação estão ligadas ao baixo salário (26,3%) e às dificuldades encontradas (21,0%) que, em muitos dos casos, estão associadas, segundo os entrevistados, ao desconhecimento das condições de vida e salariais no país de destino.

Quando perguntados se todo o processo migratório teria acontecido como eles haviam planejado, para 54,8% dos entrevistados que responderam à questão tudo aconteceu como eles esperavam; para os restantes, 45,1%, aconteceram fatos inesperados tanto no trajeto como no país de destino. Os roubos e problemas com a polícia peruana foram relatados como fatos inesperados por 33,0% dos imigrantes que responderam à questão, enquanto para 29,1% deles os problemas inesperados aconteceram no Brasil. Na sua maioria, essas situações estão ligadas às dificuldades para se encontrar emprego e ao valor do salário. Importante ressaltar que, em seis casos, os imigrantes relataram como situações inesperadas a discriminação racial que sofreram no país.

Para uma avaliação geral do processo, foi perguntado aos entrevistados o que significava para eles estar no Brasil. Em 91,8% dos casos, a avaliação foi positiva, misturando-se relatos sobre a oportunidade de trabalho, a boa acolhida e, para vários deles, o país seria um ponto de esperança para dias melhores. Em relação àqueles que não têm uma visão positiva da situação de vida no Brasil (8,2%), a maioria reportou como problema a solidão, pois se sentem distantes de familiares, e a baixa remuneração que encontraram nas atividades que desempenham.

Quando perguntados se pretendem retornar para o Haiti, 90,9% dos entrevistados que responderam a essa questão pretendem retornar ao país de origem, mas somente 13,9% deles fariam esse retorno de forma definitiva.

No entanto, alguns (12,8%) dos entrevistados pretendem fazer outro trajeto migratório assim que receberem a residência permanente no Brasil. Para estes, em 41,0% dos casos, o destino declarado são os Estados Unidos ou o Canadá.

Por outro lado, quando questionados sobre a possibilidade da solicitação da nacionalidade brasileira, 25,8% dos entrevistados que responderam à questão têm a intenção de, em algum momento, adquirir a cidadania brasileira.

Ao final da pesquisa foi solicitado aos entrevistados que apresentassem sugestões tanto ao governo do Brasil como ao do Haiti para a melhoria dos problemas encontrados no processo migratório. Importante observar que, no caso das sugestões ao governo brasileiro, 28,2 % dos entrevistados não emitiram opinião, enquanto no caso do governo haitiano, 49,7% dos entrevistados não deram opinião. Tal situação pode indicar uma postura de desalento frente à situação no país de origem.

Dentre as sugestões apresentadas ao governo brasileiro, 24,2% delas estão relacionadas à facilitação do acesso ao mercado de trabalho e à melhoria dos salários. O segundo ponto levantado por 14,7% dos entrevistados diz respeito ao atendimento aos imigrantes. Nesse caso, as sugestões foram no sentido de ampliar o número de locais para recebimento de documentação e também facilitar a comunicação com os órgãos oficiais com a contratação de pessoal com conhecimento do idioma dos imigrantes. A solução de problemas com a educação foi alvo da preocupação de 10,6% dos entrevistados, que sugerem ao governo tomar medidas para facilitar o reconhecimento de diplomas e o acesso a cursos de português. Para 8,5% dos entrevistados, o governo deveria disponibilizar mais centros de atendimento aos emigrantes e descentralizá-los de forma a permitir um melhor atendimento. No tocante à moradia, objeto da sugestão de 5,3% dos entrevistados, as principais medidas propostas não dizem respeito à ação do governo, como a questão do valor dos aluguéis. O mesmo acontece com o conjunto de sugestões classificadas como outras (7,1%), nas quais a principal reivindicação está relacionada ao custo da comunicação com o Haiti e aos preços das passagens aéreas entre os dois países.

Quadro 16 - Sugestões dos imigrantes haitianos para o governo brasileiro/2013

Sugestões	Nº absoluto	%
Facilitar o acesso ao trabalho e a melhores salários	82	24,1
Melhorias no atendimento aos imigrantes	50	14,7
Facilitar o acesso à educação e ao aprendizado do idioma	36	10,6
Melhorias na assistência aos imigrantes	29	8,5
Facilitar o acesso à moradia	18	5,3
Nenhuma	5	1,5
Outras	24	7,1
Não responderam	96	28,2
Total	**340**	**100,0**

Fonte: Dados da pesquisa

No quadro das sugestões ao governo haitiano, o que mais se destaca (30,8%) é a solicitação para a maior divulgação de informações sobre o Brasil, mostrando a realidade do mercado de trabalho no país e as dificuldades pelas quais o imigrante passa no trajeto e ao chegar ao destino. O auxílio aos imigrantes foi também uma sugestão, mas com ações que fogem à esfera governamental, como a extinção dos vistos para os imigrantes ou o pagamento das passagens.

A preocupação com as condições de vida no Haiti também foram consideradas por aqueles (5,0%) que sugerem ações do governo local para gerar condições de fixação da população no país por meio da ampliação das oportunidades de trabalho.

Por fim, vale notar que, no grupo das outras sugestões pouco afeitas a ações de governo, há dois pontos que merecem atenção. Um se refere à solicitação para a abertura de embaixada do país no Brasil, situação que já existe, e o pedido de dois imigrantes de ações do governo no combate aos coiotes.

Quadro 17– Sugestões dos imigrantes haitianos para o governo do Haiti/2013

Sugestões	Nº absoluto	%
Fornecer informações sobre o Brasil e o trajeto	104	30,6
Auxiliar os emigrantes	27	7,9
Realizar ações para fixar a população no Haiti	17	5,0
O governo não ajuda em nada	4	1,2
Outras	18	5,3
Não responderam	169	49,7
Total	**340**	**100,0**

Fonte: Dados da pesquisa

4.2 O olhar dos imigrantes haitianos (grupos focais[18] femininos e masculinos)

4.2.1 Projeto migratório

Nesta seção, serão abordadas as questões relativas ao projeto migratório destacando-se os resultados dos grupos focais com os migrantes haitianos realizados nas cidades/estados onde as pesquisas de campo foram concretizadas, ou seja, nas cidades de Curitiba (estado do Paraná), Belo Horizonte (estado de Minas Gerais), Porto Velho (estado de Rondônia) e São Paulo (estado de São Paulo). São elas:

- os motivos para ter deixado o Haiti;
- o trajeto feito até chegar ao Brasil; e
- os custos com a viagem até o Brasil.

4.2.1.1 Motivos para ter deixado o Haiti

Segundo Faria (2012)

> "[...] as razões que deram início ao fluxo migratório do Haiti para o Brasil são imprecisas. Algumas hipóteses levantam que a participação do Brasil na força de paz no Haiti, através da MINUSTAH[19], tenha despertado o interesse pelo país. Outra hipótese é de que ante o fechamento da fronteira da Guiana Francesa – destino privilegiado dos haitianos na América do Sul – os mesmos foram impelidos a dirigir-se ao Brasil, onde esperam encontrar mais oportunidades de trabalho, dado seu crescimento econômico, às obras de infraestrutura com vistas à Copa do Mundo de 2014 e às Olimpíadas de 2016, à construção de hidrelétricas e ainda à repercussão midiática que vem adquirindo nos últimos anos. (p. 85-86).

Porém, nas discussões dos grupos focais, tanto no feminino quanto no masculino, os participantes apontaram diversos motivos para a saída do Haiti rumo ao Brasil, mas, em sua maioria, afirmam ter saído por causa do terremoto (muitos perderam tudo que tinham e alguns, toda a família) e em busca de uma vida melhor,

[18] Os relatos dos grupos focais que são apresentados nesta sessão passaram por um processo de tradução e transcrição do *créole* para o português. Buscou-se manter o máximo possível o formato original das falas, que em alguns momentos poderão não seguir o melhor formato de expressão em português.

[19] Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti, criada em junho de 2004.

especialmente para ajudar a família buscando novas oportunidades, como demonstram os relatos a seguir.

> *"Saí do Haiti porque no meu país não tem mais vida; eu preciso trabalhar, necessito ajudar minha família". (Migrante feminina, Manaus).*
>
> *Eu deixei meu país para entrar no Brasil. A gente está procurando uma vida melhor para ajudar a minha família. (Migrante masculino, São Paulo/SP).*
>
> *Eu sou uma mulher que fiz negócios no Haiti, por isso sofri muitas perseguições por pessoas que atiram com balas no meu comércio, por isso eu deixei meu país, para buscar uma vida melhor. (Migrante feminina, Porto Velho/RO)*
>
> *"Eu deixei o meu país para garantir o futuro dos meus filhos. Eu quero que eles consigam na vida coisas que eu não tive chance de conseguir, por exemplo: estudo universitário". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*

Outros motivos muito citados também nas discussões foram a situação econômica e social do país, a falta de trabalho *("desemprego é problema sério no Haiti")* e a falta de segurança. Os migrantes se queixam da violência que existe atualmente no Haiti, além das dificuldades para os filhos estudarem. Os relatos a seguir retratam as situações apontadas pelos participantes dos grupos focais.

> *"Deixei o meu país por vários motivos. Logo após o terremoto, eu não tinha condições de bancar a minha família porque eu era comerciante. Eu perdi tudo que eu tinha". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"No meu país tem pouco emprego, eu tinha que deixar o país atrás de oportunidades – quem aqui que é mãe e quer ver seus filhos sofrerem, passar fome, não tem condições de estudar. Esta foi a minha decisão: deixar o Haiti". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"Lá não se tem possibilidade de estudar; tenho dois filhos que necessitam continuar os estudos, mas lá tudo é com dinheiro. Vim para cá a fim de trabalhar e enviar dinheiro para o estudo dos filhos". (Migrante feminina, Manaus/AM).*
>
> *"A vida lá no Haiti não está boa; não se pode viver em paz, não se tem possibilidade de ir ao hospital e não se tem segurança nas atividades; somos roubadas em nossos pequenos comércios". (Migrante feminina, Curitiba/PR).*

Os mais jovens alegam que vieram para o Brasil para trabalhar e estudar. Outro motivo também mencionado, especialmente pelas mulheres, foi a reunificação

familiar, como demonstram os relatos a seguir do grupo focal feminino de Porto Velho/Rondônia.

> *"O meu caso é diferente, porque eu vim legalmente. O meu marido tinha me deixado no Haiti com dois filhos e veio para o Brasil. Ele pediu o visto para eu vir com os filhos, para melhorar a nossa vida. Chegamos em Porto Velho no dia 27 de maio de 2013. Por isso eu não passei muitas dificuldades como outras haitianas. Porém, vim para o Brasil e ainda não vi como a vida vai melhorar. Para mim, eu acho o Haiti é melhor que aqui". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"Eu deixei meu país no dia 23 de abril deste ano. Foi o meu marido que me trouxe para cá. Eu deixei muitos filhos no Haiti. Eu vim de avião. Deixei o Haiti para buscar uma vida melhor e ainda não vi essa vida melhor". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"Minha mãe me deixou muito pequena e passou muita miséria e muito sofrimento para conseguir me trazer para o Brasil. Obrigada minha mãe e obrigada Brasil. Eu cheguei ao Brasil e vi que minha mãe estava bem e minha mãe me mandou para a escola e comecei a aprender falar português, eu já falo créole, francês. E o meu pai, também entrou no Brasil, muito obrigada pela minha mãe". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*

Alguns saíram do Haiti porque ouviram dizer que o "porto" do Brasil estava aberto, outros mencionaram ter vindo para o Brasil sem nenhuma informação sobre o país e alguns vieram porque ouviram falar que no Brasil poderiam ter documentos e mais liberdade, como citado nos relatos a seguir.

> *"'Eu não tinha informação do Brasil, eu escutei dizer que o porto do Brasil estava aberto, então, um coiote me pediu USD 12.000,00. A gente começou a faltar do dinheiro, saímos da República Dominicana, e depois Peru, mas para chegar ao Brasil, eu pedi para as pessoas do Haiti porque eu não tinha mais". (Migrante feminina, Curitiba/PR).*
>
> *"Eu venho no Brasil, eu não tinha informação, eu escutei que tinha bastantes haitianos que estão deixando Haiti passando por Peru, então, eu também entrei no Brasil, porque eu sei que eu teria meus documentos e minha liberdade, com isso, eu estou muito satisfeito da minha chegada. Eu não sabia nada do Brasil". (Migrante masculino, Curitiba/PR).*

Interessante notar que nem todos os participantes dos grupos focais tinham a intenção de fazer a migração para o Brasil e, quando saíram do Haiti, buscavam chegar a outros países. No entanto, circunstâncias na jornada ou informações incompletas sobre a documentação necessária impediram-nos de completar o trajeto

até o destino desejado. Importante observar que esse problema foi mais relatado pelas mulheres.

> *"Deixei meu país para ir aos Estados Unidos. Quando cheguei ao Equador a pessoa que me encaminharia para os Estados Unidos me disse que não tinha visto para ingressar nos EUA. Por isso mudei para o Brasil. Não saí do Haiti para vir aqui no Brasil!" (Migrante feminina, São Paulo/SP).*

> *"Eu não tinha informação sobre o Brasil, um coiote me disse que podia me ajudar a viajar, eu queria ir para Guiana Francesa, ele pegou USD 4.000,00 na minha mão e ele me deixou em Tabatinga, então, como não posso continuar, eu fiquei no Brasil. Eu não tinha intenção para vir aqui no Brasil". (Migrante feminina, Curitiba/PR)*

4.2.1.2 Trajeto feito até chegar ao Brasil

Os resultados dos grupos focais demonstram que os fluxos mais referidos pelos haitianos que vieram ao Brasil são dois: o primeiro indica saída de Porto Príncipe, passagem pelo Panamá, Equador, Peru e finalmente Tabatinga (Manaus), no Brasil; o segundo, saída da República Dominicana, passagem pelo Equador e Peru, entrando no Brasil pela cidade de Brasiléia, no Acre. Esses trajetos coincidem com os relatados por vários autores (FARIA, 2012; SILVA, 2013) que pesquisaram a imigração de haitianos para o Brasil.

Ao contarem sobre o trajeto feito até chegar ao Brasil, os haitianos entrevistados, tanto homens quanto mulheres, relataram inúmeras dificuldades vividas em cada cidade/país por onde passaram. Algumas das dificuldades mais mencionadas por parte das mulheres foram: longo período de viagem, violência por parte da polícia, roubo e exploração quanto aos custos da viagem. Além dessas dificuldades, elas relataram situações de constrangimento nos alojamentos (que eram mistos), violência sexual e discriminação. Os depoimentos a seguir reproduzem algumas situações e fatos vivenciados pelos imigrantes em trânsito.

> *"Para eu chegar aqui no Brasil, o trajeto foi difícil para mim. Porque eu entrei pela República Dominicana, passei pelo Equador e Peru para chegar ao Acre-Brasiléia. Esta viagem durou mais que oito dias". (Migrante masculino, São Paulo/SP).*

> *"Eu deixei meu país para vir trabalhar. Eu passei pela República Dominicana, Equador, Peru, para entrar aqui no Brasil no dia 21 de maio. A gente encontra muita dificuldade no caminho, porque a*

polícia me prendeu. Voltei para o Equador depois eu entrei de novo". (Migrante masculino, São Paulo/SP).

"Eu mesma deixei meu país no dia 16 de janeiro de 2011, fiquei um mês na República Dominicana e saí de lá no dia 4 de fevereiro de 2011. Cheguei ao Equador, onde tem muitos haitianos, e passei quatro dias lá. Depois eu entrei para o Peru, passei pela Bolívia e cheguei no Brasil. Chegar ao Brasil não foi uma coisa fácil, porque quando eu cheguei na fronteira, me mandaram voltar para a Bolívia e lá assinaram meu passaporte e eu não tinha experiência de entrar no Brasil, porque naquela época já tinha fechado a fronteira, pois o policial não deixava ninguém entrar, por isso entrei escondida. Um soldado brasileiro mandou-me de volta para a Bolívia. Lá, no posto da imigração boliviana, eu passei dois dias, assinaram meu passaporte e depois peguei um carro para entrar no Brasil". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).

"Eu saí do Haiti no dia 31 de julho de 2009, passei dois anos no Equador e lá trabalhei e sofri humilhações, porque trabalhava lavando louça num restaurante. Depois de dois anos que passei no Equador, eu vim para o Brasil em 2011 [...]. Chegar ao Acre foi uma coisa maravilhosa, porque eu consegui o CPF no período de 15 dias. Depois, vim para Rondônia, capital Porto Velho, e nos sentimos muito felizes". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).

"Eu vim igual a todo mundo como refugiado, eu consegui um visto em República Dominicana, fui para o Equador. Para entrar no Brasil, nós temos que cruzar a fronteira do Peru ou Bolívia, o povo peruano foi mais generoso conosco". (Migrante masculino, Porto Velho/RO).

"Ladrões nos pegaram, eles roubaram nosso dinheiro todo, mesmo o dinheiro que tínhamos na nossa calcinha eles roubaram. Foram polícias que fizeram isso, eles estavam com uniforme, eles abriram nossas malas, roubaram nossos perfumes, as coisas boas etc." (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).

"Eu estava no Haiti, ouvi falar de um país que abriu as suas portas para todo mundo, eu arrumei dinheiro, eu consegui o visto em República Dominicana, entrei no Equador, de lá fui ao Peru e fronteira com Brasil, em Iñampari. De lá, tem algumas que cruzaram a fronteira peruana e outras a fronteira boliviana". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).

"Eu deixei USD 3.500,00 mais USD 50,00 para a polícia. Não se tomava banho, água suja, baratas que corriam em cima da gente [...] tivemos que entregar dinheiro durante todo o trajeto, todo o caminho até chegar aqui. Ninguém sabe o porquê dos USD 50,00 que tivemos que dar à polícia". (Migrante feminina, Manaus/AM).

"Passei quatro meses em Tabatinga. Desde Panamá comecei a gastar; gastei em aluguel, gastei em comida, gastei com os coiotes. Saí de Porto Príncipe, passei por Santo Domingo, fui ao Panamá, Peru, Quito, para chegar em Tabatinga e lá aguardar quatro meses, pois a Polícia Federal não me dava o protocolo". (Migrante feminina, Manaus/AM).

A definição das rotas dependia das facilidades de transporte, da possibilidade de entrar no território brasileiro e, ordinariamente, dos interesses dos coiotes que já atuavam nesse trajeto (FARIA, 2012). Eles divulgavam a ideia de que a crise econômica não havia atingido o Brasil e que este estava precisando de mão de obra, portanto apresentava uma grande capacidade de empregabilidade, com salários que podiam chegar até o valor de R$4.000,00. Essa ideia vendida pelos coiotes teve custo alto para os haitianos que vieram para o Brasil.

4.2.1.3 Custos com a viagem até o Brasil

A discussão sobre o custo da viagem até o Brasil não foi muito fácil nos grupos focais. Os relatos, em alguns casos, traziam de volta as lembranças das dificuldades e perdas acontecidas em todo o processo, que envolviam mais do que valores puramente monetários. Outra dificuldade era conseguir lembrar todos os gastos, pois além do que se pagava aos coiotes, havia a parcela de extorsão ou suborno, que tinha de ser entregue, pelo caminho, às autoridades policiais e aos serviços de migração.

Segundo Faria (2012, p. 89), "o acesso ao "Eldorado Brasileiro" tem um custo que pode variar de USD 1.000,00 a USD 4.500,00, dependendo do serviço pretendido ou da persuasão dos coiotes". Porém, por se tratar de ação ilegítima, não se pode ter exatidão quanto à soma dos valores pagos pelos imigrantes haitianos.

Esses recursos, segundo relatos dos entrevistados, são adquiridos, na maioria dos casos, por empréstimos, e nem sempre representam um projeto familiar que busca facilitar a ida de um dos seus membros para o exterior com o intuito de oferecer melhores condições de vida aos que ficaram no país de origem ou até mesmo gerenciar sua emigração posteriormente. Os entrevistados relatam ainda situações de grandes dificuldades, pois os coiotes exigiam muito dinheiro e se eles não pagassem, ameaçavam deixá-los em determinados países, o que muitas vezes os obrigava a ligar para a família no Haiti pedindo dinheiro. Alguns afirmaram ter perdido a casa, pois os coiotes foram até o Haiti e deixaram a família sem teto.

Os relatos a seguir demonstram as dificuldades enfrentadas quanto ao custo da viagem do Haiti ao Brasil.

> *"Eu não sei na verdade quanto eu gastei. Depois que eu cheguei ao Peru, eu não estava com nada, porque cada pessoa no caminho pegou um pouco de dinheiro, os agentes, os coiotes também. Até roupas eles roubaram de mim. Em Peru, os agentes falam se vocês não pagam vamos chamar a polícia, então a gente deu tudo que tínhamos. É muito dinheiro, sorte minha foi meu pai que pagou a viagem". (Migrante feminina, Curitiba/PR).*
>
> *"Éramos três haitianos, mas apenas eu de mulher. Chegamos a um lugar onde a polícia pegou dinheiro dos dois haitianos que estavam comigo, mas a polícia não encontrou dinheiro comigo. Chegamos a outro lugar que precisava pagar para passar, mas eu não tinha dinheiro e os haitianos pagaram para mim. Depois de tudo isso, eu entrei no Acre e consegui achar os documentos e vim para Porto Velho". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"Pra mim, eu paguei tudo de uma vez e depois os coiotes separam o dinheiro nas etapas do caminho, cada lugar tem um coiote esperando por nós e cada um recebeu uma quantidade do dinheiro. Quando eu cheguei em Tabatinga, o ultimo coiote, que se chama Jimmy, nos deixou na rua sem dinheiro, sem nada, sem lugar pra ir. Eu liguei de novo em Haiti para pedir mais dinheiro". (Migrante feminina, Curitiba/PR.).*
>
> *"Para mim foi muito difícil, porque o coiote pegou minha casa no Haiti, e deixou meu filhos na rua, eu me arrependi muito. O coiote falou que eu conseguiria este dinheiro em um ano, mas eu tenho já dois anos aqui, eu não tenho nem a metade deste dinheiro". (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*
>
> *"Muitas, foram muitas as dificuldades! Os coiotes nos tomaram muito dinheiro. No início pediram USD 2.000,00, logo após mais USD 500,00, mais USD 50,00 para a polícia, mas ainda [...] dormimos mal, má alimentação, muita aflição". (Migrante feminina, Manaus/AM).*
>
> *"Para mim eu queria vir no Brasil, então agora estou aqui, pronto. Eu não tinha nenhuma informação do Brasil. Eu saí da República Dominicana sem conhecer ninguém, e durante o trajeto eu paguei USD 3.500,00 ". (Migrante masculino, Curitiba/PR).*
>
> *"Eu paguei um coiote USD 4.000,00 para a viagem até Tabatinga e depois eu paguei mais USD 2.000,00 quando eu vi que eu não podia chegar no Brasil". (Migrante masculino, Curitiba/PR).*
>
> *"Eu cheguei aqui no Brasil, eu morava antes em Bahamas, e foi bem arriscado, porque eu não tinha documentos, então quando eu escutei a situação dos haitianos aqui, eu resolvi vir também. Eu paguei um coiote USD 3.000,00 e depois eu paguei mais de USD 2.000,00 antes de chegar até aqui". (Migrante masculino, Curitiba/PR).*

No entanto, os problemas ou custos para se chegar ao Brasil não acontecem exclusivamente no trajeto feito pelos países da América do Sul; no Haiti também os

candidatos à migração estão expostos a vários riscos, como relata um imigrante que buscou o Consulado do Brasil em Porto Príncipe para obter um visto.

> *"Porque tivemos informações sobre o Brasil, mas que não foram exatas. Durante três meses fomos ao consulado brasileiro para pedir um visto. Para o meu filho, para mim e para o meu irmão. O preço do visto sai por USD 2.000,00 e USD 30,00 para preencher um formulário. Isso significa que cada pessoa precisa gastar USD 2.030,00. No consulado mesmo tem ladrões. Eles pegaram o dinheiro na nossa mão. Nós três demos USD 6.090,00. O dinheiro ficou três meses na mão deles e não tivemos o visto ainda. Eu pedi o dinheiro de volta. Graças a Deus eles devolveram". (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*

4.3 A vivência do trabalho

As entrevistas e discussões nos grupos focais demonstraram a insatisfação dos haitianos, em sua maioria, com os empregos no Brasil. O salário não era aquele que esperavam encontrar no país ou mesmo compatível com o que havia sido prometido pelos coiotes; eles se queixaram de que o salário mínimo brasileiro é muito baixo e insuficiente para as despesas. Outra questão interessante observada nessas interações é a dificuldade dos imigrantes haitianos em entender os descontos na folha de pagamento. Alegaram ainda que os patrões não ajudavam os haitianos, que o trabalho era pesado (no caso daqueles que trabalham como garis em Curitiba), que são explorados e que muitos patrões não quiseram assinar suas carteiras de trabalho. Os relatos a seguir ilustram as questões apontadas anteriormente.

> *"Sobre a questão do salário, a situação é um pouco complicada. Porque a gente ganha um salário mínimo. Depois o patrão falou que ia me dar um aumento, mas trabalhei dez meses e ele não me deu nada. Mas eu sei que depois de seis meses a gente tem um aumento de salário". (Migrante masculino, São Paulo/SP).*

> *"Trabalho há muito tempo no Brasil, várias pessoas me enganam no momento do pagamento na construção civil, mas agora estou buscando onde eu possa trabalhar com tranquilidade. Até agora eu não recebi quase nada, cada trabalho é um problema para receber no fim do mês. E estou muito mal com isso, eu tenho família no Haiti". (Migrante masculino, Curitiba/PR).*

> *"Tem haitianos que foram escravos: muito trabalho sem carteira assinada; tem gente que trabalha em restaurantes que tornam os trabalhadores escravos, não assinam a carteira e, muitas vezes, as*

> *pessoas são obrigadas a ficar neste trabalho, pois aqui não é fácil encontrar trabalho". (Migrante masculino, Porto Velho/RO).*
>
> *"Foi falado que no Brasil o salário mínimo é igual a USD 800,00 por mês, e quando você vem, é muito difícil para uma mulher encontrar um trabalho e quando você acha um trabalho, você tem que segurar ele firme". (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*
>
> *"O primeiro trabalho era um trabalho em um restaurante. Como não falava bem português, uma pessoa me levou até o trabalho. Se não deixasse esse trabalho, os familiares encontrariam somente meus ossos! Eram 13 horas sem parar!" (Migrante Feminina, São Paulo/SP).*
>
> *"Eu encontrei um emprego. O problema que eu tenho é o salário. É muito pouco. Você recebe R$ 687,00 por mês. Eu estou com dois anos com carteira assinada no Brasil por R$ 687,00 reais. Depois tem desconto. Se eu soubesse que era assim, eu teria ficado a trabalhar no meu país. E a carteira que está assinada por R$ 700,00, quando você recebe, eles pagam somente R$ 400,00". (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*
>
> *"É uma exploração. Por exemplo, na [empresa], tem muitos haitianos que trabalham. Se um brasileiro faz ou diz uma coisa errada, o chefe o manda embora. Mas se você for um haitiano, eles enviam uma carta de advertência. E você não gosta. Sabe por quê? Porque ele faz com que você peça demissão, porque esse dinheiro que ele deveria te dar, ele acha que é muito e que vai resolver seus problemas. É por isso que ele faz você pedir demissão". (Migrante masculino, Belo Horizonte/MG).*
>
> *"Bom, para mim o salário não me ajuda muito, porque eu tenho que pagar o aluguel e mais coisas e estou recebendo pouco no fim do mês. E também no cartão de alimentação eles colocam pouco, não é suficiente para minhas despesas". (Migrante feminina, Curitiba/PR).*
>
> *"O Brasil para nós é um país muito rico, o país está cheio de oportunidades, nós conseguimos empregos. Às vezes os patrões não querem pagar a gente, não temos outra opção a não ser ir ao Ministério de Trabalho para conseguir nosso dinheiro, para ajudar a nossa família que está esperando". (Migrante masculino, Porto Velho/RO).*

Identificamos durante a pesquisa com os haitianos que muitos daqueles que têm qualificação ou profissão não encontram trabalho na área para a qual têm habilidade e alguns exemplos citados foram as costureiras, enfermeiras (técnicas), dentre outras. Identificamos também muitas dificuldades em encontrar trabalho, especialmente por não falarem o português. Também ficaram evidentes as dificuldades para se adaptarem ao trabalho no Brasil, pois culturalmente possuem

ritmos e dinâmicas de trabalho diferentes. Os depoimentos a seguir expõem essas dificuldades manifestadas pelos entrevistados.

> *"Outra coisa que eu vejo no Brasil é que, mesmo um haitiano com estudos e que vem do Haiti com diploma, não consegue um trabalho melhor. Porque eles vão te dar o trabalho mais pesado, eu vi muitos garotos haitianos que já têm diploma superior e estão no Brasil trabalhando no Ceasa com carrinho de mão". (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*
>
> *"A minha sorte foi encontrar um trabalho doméstico, o qual eu não estava acostumada a fazer no Haiti, mas mesmo assim, eu fiz para ter uma vida melhor. Deixei o país para ter uma vida melhor, deixei para trás um filho, os estudos. Em cada país há racismo, até mesmo haitianos têm racismo entre si. No Brasil, os haitianos são recebidos por uma causa humanitária, mesmo assim têm brasileiros que não gostam dos haitianos". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"É complicado achar trabalho aqui porque cada trabalho tem que falar o português. Achei um primeiro trabalho num supermercado, mas foi muito pesado, não fiquei por muito tempo, e passei um bom tempo sem trabalho até que agora eu consegui um trabalho, sem os descontos dá R$ 1.000,00, estou neste por enquanto". (Migrante feminina, Curitiba/PR).*
>
> *"A maioria das haitianas não gosta de trabalhar de doméstica no Haiti. Eu mudo de trabalho porque eu não quero trabalhar como doméstica. Eu achei outro trabalho e lá estou há 15 meses. Há brasileiros que são bons e outros que não são bons". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"Bom, para mim eu trabalhei em várias empresas, eu estou com dificuldade para me adaptar, mas agora estou fazendo esforço porque eu preciso do dinheiro para me sustentar". (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*
>
> *"Carregar caminhões e esse tipo de serviço, eu nunca fiz no meu país, eu carrego até 50 kg para jogar dentro do caminhão". (Migrante masculino, Belo Horizonte/MG).*

Em Porto Velho, estado de Rondônia, e em Curitiba, estado do Paraná, os entrevistados manifestaram ter encontrado mais e melhores oportunidades de trabalho, como ilustram os relatos a seguir. Afirmaram ainda que os amigos ajudaram a conseguir trabalho. Além disso, alguns falaram do bom relacionamento com os patrões.

> *"O nosso sonho era chegar ao Brasil e eu pensava que arrumar trabalho era uma coisa fácil, mas é muito difícil para as mulheres trabalharem. O meu primeiro trabalho foi na construção civil e não*

> *fiquei com medo de trabalhar com os homens. Depois de um mês e quinze dias, eu achei um trabalho em um restaurante. Nesse trabalho, eu fazia suco, lavava louça. Sabemos bem que a vida de um estrangeiro é muito difícil, é preciso ter coragem, tudo que aparece para fazer é preciso encarar". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"Meu trabalho está bem, estou trabalhando numa lavanderia das oito às cinco. Eu dobro lençóis, é um trabalho bem tranquilo. Vou ficar neste trabalho. Eu trabalho oito horas por dia, está muito bem". (Migrante feminina, Curitiba/PR).*

Ao serem perguntados se conseguem mandar dinheiro para ajudar as famílias no Haiti, alguns informaram que quando conseguem juntar dinheiro enviam tudo o que juntaram e ficam sem nada no Brasil. Eles alegam trabalhar muito e receber pouco, como demonstram os relatos a seguir.

> *"[...] no meu trabalho, eu recebi R$ 545,00 e mandei R$ 300,00 para a minha família. Eu enviei isso para que minha família não se desesperasse". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"O problema é que a gente está trabalhando muito e recebendo pouco, e depois tem que mandar dinheiro para o Haiti que é em dólar, é muito duro isso. A taxa é muito alta, é como se a gente trabalhasse de graça mesmo". (Migrante feminina, Curitiba/PR).*
>
> *"No início, a gente trabalhou na construção civil. Eu fui servente de pedreiro. A gente ganhava R$ 850,00 reais por mês. Com este dinheiro a gente tem que mandar algo para minha família. Depois de seis meses nesse trabalho, ele me falou que eu vou ter qualificação como pintor. Mas ele não faz nada". (Migrante masculino, São Paulo/SP).*

Outra questão mencionada pelos entrevistados em relação ao trabalho é a discriminação que sentem quando comparados aos trabalhadores brasileiros, como relata um migrante masculino de São Paulo: "*[...]* e*u passei três meses trabalhando na construção civil. A gente saiu do serviço por causa de discriminação. O chefe não deixava os haitianos descansar um pouco. Mas os brasileiros podiam ficar parados. Por isso a gente está procurando outro serviço agora".*

4.4 A vivência da moradia

Para vários dos participantes dos grupos focais, o primeiro local de moradia no Brasil foi o alojamento do centro de acolhimento na cidade de Brasiléia. Ao

conseguir a documentação e a possibilidade de se deslocar para outras cidades, os arranjos de moradia se tornam diversos e vão mudando ao longo do tempo, tais como: moradia de favor (cedidas por amigos ou familiares); moradia coletiva (dividida com várias pessoas, inclusive com familiares, rateando custos); moradia individual; pensão e moradia fornecida pelo empregador.

Os relatos a seguir demonstram algumas dificuldades vivenciadas em relação à moradia.

> *"Lá em Brasiléia moravam homens, mulheres e crianças num só lugar porque o espaço era muito pequeno, não dava para caber todo mundo. O banho nesta casa tinha mais de 500 pessoas, tinha só um banheiro e uma sala para tomar banho. Imaginem quais foram as dificuldades". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"Eu tenho muita dificuldade na casa, porque tem muita gente numa mesma casa, eu não tenho privacidade, isso me dá muito problema, ainda não posso alugar sozinha uma casa". (Migrante feminina, Curitiba/PR).*
>
> *"Morar com pessoas que você não conhece é difícil. Todas as pessoas têm uma maneira de se comportar diferente com os outros. Eu achei isso muito difícil". (Migrante masculino, São Paulo/SP).*
>
> *"Eu moro numa casa com mais pessoas, cada um partilha para poder pagar o aluguel". (Migrante masculino, Curitiba/PR).*
>
> *"Eu morei numa casa de apoio que o governo do estado arranjou para nós, no grupo tinha 15 pessoas". (Migrante masculino, Porto Velho/RO).*
>
> *"Logo que eu cheguei, eu fiquei para a casa de um amigo, a vida não era tão fácil, faltava comida, água, acompanhamento". (Migrante masculino, Porto Velho/RO).*
>
> *"Nos primeiros dias a vida foi difícil para gente, não tivemos condições de conseguir um bom lugar para morar [...], mais de 15 pessoas num lugar só, hoje nós temos mais facilidades de alugar um quarto, a vida está mudando devagar". (Migrante masculino, Porto Velho/RO).*

Os relatos anteriormente citados deixam clara a queixa da falta de privacidade quando se divide casa em moradias coletivas. Esse fato é especialmente mencionado pelas mulheres haitianas.

Os arranjos de moradia, além de diversificados, vão sendo modificados ao longo da trajetória de integração e de acordo com a estabilidade no trabalho e a renda.

Inicialmente, os arranjos comuns são moradias de favor, enquanto se aguarda o trabalho, ou coletivas, sempre com a rede social que estimulou e/ou apoiou o projeto migratório, especialmente casas de apoio oferecidas por congregações religiosas, como relatam os entrevistados a seguir.

> *"Fui à casa de apoio e lá havia muitos homens. Teve um pastor que passou na casa de apoio e me levou para outro lugar (outra casa de apoio), juntamente com minha amiga. A primeira casa de apoio foi melhor do que a casa que o pastor nos levou. Por causa disso, nós choramos e fomos procurar uma casa para alugar para nós e lá, nessa casa, havia cinco haitianos". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"Na Obra São Francisco, na casa da Irmã Santina, foram quase quatro meses. A primeira dificuldade que encontrei em Manaus na procura de casa para alugar foi que ninguém aluga uma pecinha para nós sem que outra pessoa assine o contrato por nós. Pensavam que nós não respeitaríamos o contrato". (Migrante feminina, Manaus/AM).*
>
> *"Depois de ter deixado a casa do padre, eu não sabia aonde ir. Tem proprietário que não aceita mais que quatro pessoas em casa. Com o dinheiro que a gente ganha aqui não dá para pagar aluguel". (Migrante masculino, São Paulo/SP).*

À medida que se integram, passam a residir de forma autônoma ou em moradia disponibilizada pelo empregador, como no caso de Curitiba, Contagem e São Paulo.

> *"A empresa nos deu um barracão de um quarto para oito pessoas. Depois nós reclamamos. Depois de seis meses a empresa alugou uma casa maior. Duas pessoas por quarto. Vivemos tranquilos, sem dificuldade". (Migrante masculino, São Paulo/SP).*
>
> *"É a empresa que aluga uma casa para nós. Somos sete pessoas trabalhando lá, e ela fez contrato de um ano e falou até que vai renovar o contrato. Cada lugar é diferente". (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*

Alguns participantes afirmaram que para se conseguir uma moradia autônoma de qualidade há que se fazer sacrifícios, como a contenção de outras despesas como lazer, cultura, viagens etc. No caso das moradias de aluguel, os imigrantes afirmaram que essa modalidade é mais difícil, pois se exige avalista brasileiro e se não tiver o avalista tem que fazer depósito por garantia.

> "*Com relação à casa, é o maior problema para os haitianos no Brasil. Normalmente, uma pessoa não trabalha só para pagar a casa. Tem que pagar a passagem para o trabalho, a conta de luz, a água. Tem gente que deixou família no Haiti. Precisa de três pessoas para pagar um barracão. E a maioria das casas são alugadas na forma de contrato por um ano. Por exemplo, se você ficar dois meses e você quer sair desta casa tem que pagar 10 meses de contrato. É o problema dos haitianos, porque eles não sabem desse tipo de contrato". (Migrante masculino, Belo Horizonte/MG).*
>
> *"O sistema de aluguel aqui é muito difícil e complicado. Fui ver duas casas, mas quando cheguei lá, não deu certo. Quando cheguei num outro lugar, consegui falar com eles em espanhol e isso me ajudou um pouco. Mas lá, eles não aceitam mais que quatro pessoas na casa. E depois de pouco tempo, aumentaram o aluguel. E temos que fazer um depósito antes. Ele será devolvido quando a gente sair. É muito difícil". (Migrante masculino, Belo Horizonte/MG).*

4.5 Acesso à educação

Dentre os participantes dos grupos focais, aqueles que tiveram acesso à educação, especialmente educação para os filhos, elogiaram o sistema educacional brasileiro, tanto o público quanto o privado, como demonstram os relatos a seguir.

> *"A educação me parece muito boa aqui, apesar de que não estou estudando". (Migrante masculino, Curitiba/PR).*
>
> *"Eu tenho uma filha jovem que está na escola, no momento ela vem aqui, não tem vaga na escola pública, por isso ela está estudando na escola privada. Eu não trabalho e fico cuidando da minha filha, porque somos só nós duas vivendo na casa. Minha filha já tinha ido à escola no Haiti. Todo mundo a ama". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"Pelo que eu vejo a educação aqui no Brasil é muito boa, eu tenho meu filho agora que está na creche, eu não pago nada. É muito bom". (Migrante feminina, Curitiba/PR).*

Aqueles que tiveram acesso às escolas públicas também relataram que o material escolar é fornecido gratuitamente, além das refeições.

Algumas dificuldades em relação à educação foram manifestadas pelos migrantes haitianos que gostariam de ter acesso ao ensino superior. Uma migrante de Curitiba relatou que estuda em uma faculdade particular com o apoio do Fies – Fundo de Financiamento Estudantil: *"[...] estou estudando agora, estou numa faculdade particular, eu consegui entrar no programa Fies, depois de estudar vou pagar o governo, estou satisfeita".* O Fies é um programa do Ministério da Educação

brasileiro destinado a financiar a graduação na educação superior de estudantes matriculados em instituições não gratuitas.

O relato a seguir indica a dificuldade de acesso à faculdade.

> *"A maioria das pessoas que vem aqui são estudantes, pensávamos que o sistema educativo do Brasil daria mais facilidade para fazer faculdade, mas aqui no Brasil tem mais prioridade para entrar na construção civil do que para fazer um curso na faculdade. Eu não tenho problema com isso porque cada pessoa tem uma opção na vida". (Migrante masculino, São Paulo/SP).*

Outra dificuldade muito mencionada em todas as cidades onde a pesquisa foi realizada se refere ao idioma. O fato de não saber o português cria obstáculos para fazer cursos em qualquer escola, inclusive escolas de formação técnica, como Senac[20] e Senai[21]. Outro fator que dificulta os estudos é a excessiva carga horária de trabalho, pois os imigrantes ficam cansados e não se dispõem ainda a frequentar escolas, como demonstra o relato a seguir.

> *"A situação do haitiano que trabalha aqui no Brasil é complicada para fazer um curso, porque a gente trabalha oito horas por dia. E sim, ele quer ganhar hora-extra para ajudar sua família e talvez ele vá sair às 8, 9 horas da noite. Como esta pessoa vai ter tempo para fazer faculdade?" (Migrante masculino, São Paulo/SP).*

Em Porto Velho/Rondônia, a Universidade Pública Federal oferece cursos de português para os haitianos que se interessam em aprender o idioma, como menciona o relato de uma migrante haitiana a seguir. *"[...] algumas de nós estão estudando o português, porque aqui nesta escola tem um curso do português para todos os migrantes que vêm por Porto Velho".*

Em Belo Horizonte, uma faculdade vinculada à Congregação dos Jesuítas também oferece cursos de português. Algumas ONGs – Organizações Não Governamentais nos diversos estados onde a pesquisa foi realizada também oferecem cursos de português e alguns cursinhos profissionalizantes, especialmente aquelas ligadas às Igrejas Evangélicas e/ou Católica. Os relatos a seguir ilustram essa afirmativa.

---

[20] O Senac – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial é um agente da educação profissional voltado para o setor do comércio de bens, serviços e turismo.

[21] O Senai – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial oferece cursos nos mais diversos setores produtivos das indústrias brasileiras.

> *"Fiz Informática, aprendi a fazer chinelos, bordados em camisetas, manicure, pedicuro e bombons [...]". (Migrante feminina, Manaus/AM).*
>
> *"Eu aprendi a língua portuguesa numa igreja adventista". (Migrante masculino, São Paulo/AM)*
>
> *"Eu quero estudar português, porque uma pessoa que não sabe falar o português vai ter uma vida difícil. Para ter um serviço melhor, a língua portuguesa é importante. Mas eu quero fazer um curso técnico como mecânico para trabalhar como um profissional". (Migrante masculino, São Paulo/SP)*
>
> *"Para mim, o estudo é muito importante, mas tenho que saber bem o português antes disso". (Migrante feminina, Manaus/AM).*
>
> *"[...] eu venho aqui na escola aprender o português". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"Eu não vou à escola, mas com minha inteligência, eu aprendi falar português". (Migrante masculino, Belo Horizonte/MG).*
>
> *"Sim, tem vários que têm vontade de conquistar algumas coisas e estão estudando o português. A primeira coisa que nós devemos fazer é estudar ou saber a língua, conhecer a cultura do povo depois, as conquistas". (Migrante masculino, Porto Velho/RO).*
>
> *"Tem muitos que querem estudar, mas no momento tem uma dificuldade, a língua, nós temos que aprender primeiro o português". (Migrante masculino, Porto Velho/RO).*

4.6 Acesso à saúde

A maioria dos participantes, tanto femininos quanto masculinos, alega ter sido bem atendida pelo Sistema Único de Saúde brasileiro (SUS) e sem custos, quando precisaram de assistência à saúde. Isso se deu tanto em casos de pronto atendimento emergencial quanto em casos de medicina preventiva, como em pré-natais, no caso das mulheres, e em exames rotineiros, como demonstram os relatos a seguir.

> *"Estava no banco do Bradesco e eu senti uma dor de cabeça e tinha um rapaz que ligou para esse serviço (SUS) para mim e 15 minutos depois chegou o carro e me levou para o hospital". (Migrante masculino, São Paulo/SP).*
>
> *"Quando eu fui ao hospital a primeira vez, utilizei o serviço sem o cartão do SUS, depois pediram que eu fizesse o cartão". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*

> *"Fiquei um mês em Tabatinga; desde que parti de Tabatinga para Manaus estive com febre, muitas dores, chegando a Manaus fui logo ao hospital. Cheguei em fevereiro de 2012 e até hoje continuo em tratamento. Fui sempre bem atendida, não tenho palavras para agradecer aos médicos, enfermeiras e ao Pe. Gelmino. Essas pessoas não medem esforços para me ajudar; se não tivesse essa ajuda, hoje não estaria aqui". (Migrante feminina, Manaus/AM).*

> *"Cheguei lá, me falaram que atenderiam só as pessoas com emergência. Comecei a conversar sobre meu problema para que eles me atendessem. Eu chorei. Quando eles me viram chorar, eles me atenderam. Tomei uma injeção. Me deram dois litros de soro. Fiquei sentada de 11 horas da noite até o meio-dia". (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*

> *"Para pré-natal é mais fácil. Tem interesses pelos nenês, pelas crianças e pelas mulheres grávidas, mas vai ser muito difícil se não tiver agendado". (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*

> *"O atendimento demorou muito, só eu fui atendido, eu fiz todos os exames de graça, só comprei os remédios, hoje eu estou sadio". (Migrante masculino, Porto Velho/RO).*

Os elogios à infraestrutura dos equipamentos de saúde, à capacidade e à não discriminação do atendimento de saúde foram muitos. Informaram ainda sobre subsídios na compra de medicamentos, como se pode observar a seguir no depoimento de uma migrante do sexo feminino.

> *"Saúde muito boa, na primeira cidade que eu estava, eu fui ao hospital, saindo eu já peguei meus medicamentos grátis, e também aqui em Curitiba apesar que eu comprei meus medicamentos, o preço está razoável" (Migrante feminina, Curitiba/PR).*

Outro fator positivo apontado por alguns migrantes haitianos na área da saúde são os medicamentos de graça, pois o SUS possui um Programa de Assistência Farmacêutica e atendimentos para as mulheres nas Unidades Básicas de Saúde que são próximas das residências. No caso das mulheres, há relatos de preocupação com a questão do planejamento familiar e com os exames de prevenção do câncer e de doenças sexualmente transmissíveis, como podemos ver a seguir.

> *"Sabemos que elas devem fazer esses exames para saber como está o estado da sua saúde e tem algumas precauções que elas devem tomar". (Migrante masculino, Porto Velho/RO).*

> *“Gostaríamos de fazer o planejamento familiar, consultar sobre isso. Para que a gente saiba o que causa certas doenças, não sabemos o que fazer para ter essa oportunidade de consultar”. (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*
>
> *“Eu gostei quando a gente conversou sobre planejamento familiar, porque quando a gente está namorando ou casado e faz sexo, gostaria de saber como a gente pode fazer para conseguir o planejamento familiar”. (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*
>
> *”Eu tenho família no Brasil, eu sou casada, por isso não tenho medo de doenças, como Aids ou outras, porque eu tenho um parceiro (marido). Eu uso o preservativo para evitar a gravidez”. (Migrante feminina, Porto Velho/RO)*
>
> *“No Haiti tem problemas financeiros, tem haitianas que não querem ter filhos lá no Haiti. A cesariana custa muito caro no Haiti, por isso vêm para o Brasil e têm filhos”. (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*

Outros migrantes, porém, se queixam do atendimento no Sistema Único de Saúde, especialmente pela demora, situação não muito diferente da vivenciada pelos brasileiros que utilizam o SUS. Essas queixas parecem estar relacionadas aos atendimentos em hospitais públicos e não há rede de unidades básicas de saúde nas quais se percebam diversos programas voltados para a prevenção de doenças. Essa observação foi especialmente relatada por uma migrante haitiana ao dizer que “*os hospitais são muito ruins, mas os postos de saúde são muito bons*” (Migrante feminina de Belo Horizonte/MG). Eles alegam que os haitianos são tratados com indiferença nos hospitais e que o atendimento em saúde é mais complicado do que no Haiti, como demonstram os relatos a seguir.

> *“Com respeito à saúde é mais complicado que no Haiti, porque alguma vez eu tenho problema para dormir, para comer e a respeito do trabalho que a gente faz e também a gente fica cansado. Eu fui ao hospital para consultar, para saber qual problema eu tenho e ver se poderia me passar um medicamento que talvez pudesse me ajudar, infelizmente não consegui. Eu acho que aqui é totalmente diferente do meu país”. (Migrante masculino, São Paulo/SP).*
>
> *“A questão da saúde no Brasil é muito difícil. Eu estava doente e fui ao médico e ele passou um exame. Não consegui saber o resultado porque ficaram me mandando cada hora para um lugar e ninguém resolveu meu problema. O governo de Rondônia precisa melhorar a saúde em Porto Velho, porque não há medicamentos no hospital”. (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *“[...] quando alguém de nós fica doente, ela precisa de um atendimento urgente, nós não temos condições de pagar um hospital*

> *particular, o atendimento nos hospitais do governo demora, isso precisa de um pouco de paciência para ser atendida. Apesar de demora do atendimento, a gente foi atendida e conseguiu alguns remédios de graça e fazer os exames". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"Para a saúde é muito difícil. Eu lembro um dia em que eu estava passando mal, porque eu já não menstruava há três meses. Eu fui ao médico em Esmeraldas (cidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte) e o médico me mandou para o ginecologista e me mandou voltar para o posto de saúde do bairro São Pedro. Depois que eu cheguei, vi o médico, ele me deu medicamentos, depois de três dias voltei para fazer análise. Depois nunca mais me chamaram para dizer como foi o resultado". (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*
>
> *"Fui a uma clínica que se chama "policlínica". Essa clínica é muito ruim para nós haitianos, eu fui lá mesmo, mas o doutor me aconselhou de ir a um posto de saúde mais perto de minha casa, porque a gente não vai resolver seus problemas de verdade, disse o doutor". (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*
>
> *"Nós usamos este tipo de serviço, só que o atendimento demora muito, nós ouvimos dizer que o SUS não é válido para todos os tipos de doenças, essa questão preocupa muito a gente, porque nós não temos condições financeiras para pagar o hospital particular". (Migrante masculino, Porto Velho/RO).*

Vale destacar que no caso das mulheres foi mencionado também o tema do aborto, comparando Haiti e Brasil. No Brasil, o aborto não é permitido e, segundo o relato de uma haitiana, no Haiti é permitido, caso a mulher não queira ter o filho.

> *"Há haitianas que estão no Brasil que têm filhos, mas há aquelas que não querem ter filhos. No Haiti é diferente do Brasil. Lá, se uma mulher está grávida, se não quer que os filhos nasçam, pode fazer aborto, porém, no Brasil não pode, senão será presa, por isso tem muitas mulheres que têm filhos aqui no Brasil". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*

Outro ponto importante a ser destacado é que, no geral, os migrantes, tanto masculinos quanto femininos, têm pouca informação sobre a assistência à saúde no Brasil. Cabe às prefeituras locais desenvolverem ações de divulgação do SUS e de atendimento junto aos grupos de haitianos, acolhendo-os de forma adequada e humanizada como preconiza a política de saúde do Brasil.

4.7 Família

As indicações de que o projeto migratório tem impactos nas relações familiares são recorrentes nos temas tratados nos grupos focais. Ao falarem dos motivos que os levaram a migrar, vêm à tona situações de vulnerabilidades familiares que demandaram escolhas difíceis na busca de saídas para elas. Esses indícios podem ser mais notados nos depoimentos dos entrevistados, pois abandonam seus filhos e pais para migrar em busca de uma vida melhor. Outro ponto que chama a atenção é que praticamente todos os imigrantes têm a responsabilidade de prover a família ou alguém que ficou no Haiti. Atender a esse quase dever é talvez a maior preocupação dos imigrantes. Os relatos a seguir ilustram essas situações relacionadas à família que ficou no Haiti.

> *"Tenho uma criança no Haiti, meu pai está paralisado. Ele não pode trabalhar, sou a primeira de minha família e minha mãe está sempre doente e não tenho dinheiro para mandar". (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*
>
> *"Eu tenho um filho de 15 anos no Haiti junto com o pai dele. Tenho dois anos no Brasil. Eu não estou trabalhando, eu quero voltar para o Haiti esse ano. A minha mãe tem oito filhos e eu sou a mais velha". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"Eu não tenho filhos, mas é como se eu tivesse, porque eu tenho irmãos, irmãs, sobrinhos, sobrinhas para ajudar. Uma vez, um deles ligou e eu não atendi, porque eu não tenho dinheiro para enviar (fica constrangida). Algumas vezes, o dinheiro que eu recebo não dá para eu resolver os problemas aqui no Brasil". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"[...] cada haitiano que mora aqui no Brasil deixou alguém para trás que precisa ajudar. É igual aos brasileiros que moram no Japão, eles têm famílias aqui para ajudar, então eu acho que todos haitianos que estão aqui têm alguém para ajudar no Haiti" (Migrante masculino, São Paulo/SP).*
>
> *"Foi o meu marido que me deu o dinheiro para eu vir para o Brasil, para ajudar a família que fica na responsabilidade dele. Cheguei aqui no Brasil, o dinheiro que eu recebi não deu para ajudar a família, foi o contrário do que esperávamos. Aqui no Brasil, uma pessoa não pode alugar uma casa sozinha, tem que comprar roupa, comida, é muito difícil. Por isso, muitas vezes alguém pode acabar fazendo uma coisa que não quer para sobreviver". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"Eu tenho uma filha, o meu marido estava aqui comigo, mas já voltou para o Haiti. Meu marido está me esperando como uma terra seca que espera a chuva. Eu nunca ouvi a voz do meu marido. Sou filha única e minha mãe está numa idade avançada (idosa). Minha família espera*

> *que eu tenha sucesso por ter vindo para o Brasil". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"Somos seis na família, eu estou sozinha aqui, eu tenho que trabalhar para que meu namorado possa vir me encontrar. Sim, eu sou responsável por toda a família, sou a mais velha, e eu tenho que trabalhar muito. Eu tenho muita lembrança das pessoas, e estou sofrendo disso, do meu namorado. Vou esperar ele, não precisa outro". (Migrante feminina, Curitiba/PR).*

Os haitianos citam situações de muita pobreza e de violência, especialmente após o terremoto de 2010. Alguns relataram ter perdido toda a família no terremoto. Estes optaram por vir para o Brasil *"refazer a vida depois de tantas tristezas"* (Migrante feminina, São Paulo/SP).

O fato de terem deixado filhos e/ou os pais no Haiti exige que trabalhem mais para juntar dinheiro e enviar para que eles possam sobreviver lá, mas afirmam que não ganham o suficiente para isso e se queixam das taxas necessárias para o envio de remessas. Eles afirmaram que no Haiti essa responsabilidade para com a família é uma questão cultural, como relatam os migrantes a seguir.

> *"Todos nós temos essa responsabilidade de ajudar a nossa família, para nos é uma obrigação, isto no Haiti é cultural, quem for para outro país, todo mundo está de olho em você, não quer dizer que a responsabilidade de todo mundo vai cair nas costas da gente, nós temos obrigação de ajudar o próximo, isto é mais do que um dever para nós, nós somos muito felizes quando ajudamos alguém a resolver um problema". (Migrante masculino, Porto Velho/RO).*
>
> *"Eu tenho só o pai do meu filho e o meu filho, depois todo mundo está no Haiti, eu tenho mais duas filhas lá. Eu queria que elas viessem para o Brasil também, mas eu não sei como isso vai ser. Eu tenho muita responsabilidade no Haiti. Eu tenho sete anos com o pai do meu filho, eu não esperava ficar grávida aqui no Brasil, estou muito preocupada com minhas filhas. E uma já tem 15 anos, isso é problema. (Migrante feminina, Curitiba/PR).*

4.8 Acesso a benefícios e equipamentos sociais

Com relação ao acesso a benefícios e equipamentos sociais diversos, ficou evidente que os imigrantes haitianos desconhecem os programas e benefícios que as políticas sociais brasileiras disponibilizam para a população.

Em Rondônia, a Secretaria Estadual de Assistência Social atua no acompanhamento dos haitianos, inclusive, nesse estado foi entrevistada uma haitiana que recebe o benefício do Programa Bolsa Família[22].

A Secretaria Estadual de Assistência Social (Seas) de Rondônia desenvolve uma política de acolhimento e acompanhamento por meio de ações estratégicas voltadas para a promoção dos imigrantes haitianos. Essas ações, segundo informações da Seas, são baseadas nos princípios da eficiência, da eficácia e da qualidade dos serviços prestados aos imigrantes e têm parcerias com a Unir[23], o Senai, o setor privado e a rede de serviços socioassistenciais do estado de Rondônia.

Os relatos a seguir demonstram o conhecimento dos imigrantes haitianos quanto às ações da Seas de Rondônia ao acolhê-los.

> *"Aqui em Porto Velho, nós fomos acolhidas nos primeiros tempos por pessoal da Assistência Social do Estado. O governo arrumou uma casa de apoio para nós, lá não existia separação entre mulheres e homens, nós fomos desrespeitadas pelos homens, às vezes cortaram água por falta de pagamento. Foi difícil". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*

> *"Na nossa chegada, a gente foi recebido pelas pessoas da Assistência Social do Estado de Rondônia e uma associação dos haitianos aqui de Porto Velho. Eles ajudam a conseguir emprego, ajudam na comida e outros, agora não tem esse tipo de programa do estado, aquele que vem para Porto Velho tem que procurar a casa de um parente ou um amigo para ficar ou vai direto para outro estado". (Migrante masculino, Porto Velho/RO).*

Os imigrantes haitianos também desconhecem seus direitos como trabalhadores, mas sabem buscar informações e profissionais capacitados para orientá-los na busca pela defesa destes. Alguns são orientados pela própria empresa onde trabalham, como é o caso de um migrante masculino de São Paulo, quando precisou acessar o INSS[24]: *"[...] para INSS sim, onde a gente foi trabalhar*

---

[22] Programa do governo federal de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o país. O Bolsa Família integra o Plano Brasil Sem Miséria, que tem como foco de atuação os 16 milhões de brasileiros com renda familiar *per capita* inferior a R$ 70,00 mensais e está baseado na garantia de renda, na inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos (www.mds.gov.br).

[23] Fundação Universidade Federal de Rondônia.

[24] Instituto Nacional de Seguro Social do Ministério da Previdência Social Brasileira. Apesar da declaração do participante indicar o recebimento do INSS, é mais provável que essa ação tenha sido para resgatar o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço – FGTS.

que tomou conta disso porque a gente não sabia nada sobre isso. Foi a empresa que fez tudo, a gente foi na Caixa Econômica para receber INSS".

4.9 Sociabilidade no Brasil

Neste item se discute como é o processo de sociabilidade dos haitianos entre si, com os brasileiros, em atividades culturais, religiosas, sociais etc. Compreendemos a sociabilidade, de forma geral, como "a capacidade natural do ser humano de viver em sociedade, viver sempre em contato com outras pessoas. É por meio da socialização, que os indivíduos, ao nascerem e integrar certo grupo, seja ele familiar ou de amigos, acaba incorporando algumas características ao seu modo de viver". (http://websociabilidade.blogspot.com.br).

Ao discutir sobre esse tema, tanto os participantes dos grupos focais femininos quanto dos masculinos alegaram que quase não têm tempo para participar de atividades de lazer, culturais e sociais, pois trabalham muito. A maioria afirmou frequentar cultos religiosos evangélicos e católicos nos finais de semana, locais onde fazem amigos e onde a convivência é propiciada com mais naturalidade.

Os homens disseram que gostam de assistir aos jogos de futebol televisionados, de frequentar bares à noite e de passear pelos *shoppings.*

Já as mulheres disseram aproveitar os fins de semana para se ocuparem da arrumação da casa, fazer compras e cuidar dos familiares, como ilustram os relatos a seguir.

> ***"****Não tenho tempo, eu tenho só os domingos pra limpar a casa e fazer outras atividades". (Migrante feminina, Curitiba/PR).*
>
> *"Ao sábado cuido da roupa, preparo a comida e ao domingo compro o que gosto para comer, vou à igreja, descanso e às vezes vou ao cinema". (Migrante feminina, Manaus/AM).*
>
> *"Eu fico em casa e faço faxina na casa com minha filha". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"Quando eu não trabalho no sábado, saio com o namorado, bebo uma cervejinha". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*

Manifestaram também, tanto homens quanto mulheres haitianas, gostar de ouvir músicas e de ir às bibliotecas para fazer leituras. Afirmaram não participar de atividades culturais por falta de recursos financeiros e de tempo.

Os depoimentos a seguir retratam como os haitianos vivenciam a sociabilidade.

> *"A gente escuta música, às vezes a gente vai à biblioteca para fazer leitura". (Migrante feminina, São Paulo/SP).*
>
> *"Com respeito da amizade, os brasileiros são muito acolhedores, às vezes cada final semana a gente vai a uma festa. Nas férias também a gente diverte um pouco e vou à igreja, também quase todo domingo". (Migrante masculino, São Paulo/SP).*
>
> *"Os colegas do serviço, muitos não são egoístas. Gostam de estrangeiros. Com as relações com as pessoas, às vezes elas são boas, às vezes não. Muitos deles toleram os estrangeiros, também muitos deles, não sei se pela cor da pele, quando falam de "haitianos" confundem com os africanos". (Migrante masculino, Belo Horizonte/MG).*

4.10 Avaliação do processo migratório

Tanto entre as mulheres quanto entre os homens dos grupos focais, as avaliações finais do projeto migratório apresentam contradições. Alguns imigrantes ressaltam o aprendizado e o amadurecimento com o enfrentamento das dificuldades, a valorização da família e dizem gostar do Brasil. Falam de não arrependimento. Outros, porém, ao mesmo tempo em que demonstram saudade do seu país de origem, Haiti, manifestam desejo de retorno apenas para visitar à família, lamentam as perdas no trajeto e as dificuldades, especialmente com o idioma português e os salários no Brasil.

Reconhecem, no entanto, que o Brasil é um país acolhedor e cheio de oportunidades, além de revelar que percebem o esforço das autoridades brasileiras para legalizar a situação dos haitianos.

Os relatos a seguir demonstram os sentimentos dos haitianos em relação à vinda para o Brasil.

> *"Eu estou no Brasil agora e eu estou muito feliz, mesmo que eu não trabalhe ainda. Às vezes eu acordo chorando porque eu não vejo a minha família, mas agora estou junto com vocês, eu fico feliz em estar aqui neste lugar; eu estou com essas mulheres aqui, elas me dão coragem. Eu estava chorando hoje de manhã, mas eu gosto muito daqui porque as pessoas daqui têm respeito para com a gente". (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*
>
> *"Chegamos aqui no Brasil na verdade sem nada, nós fomos recebidos pelos brasileiros de braços abertos, acompanhamento, quando o*

> *haitiano chega aqui, ele tem que ficar três dias na rodoviária esperando ajuda de um outro colega". (Migrante masculino, Porto Velho/RO).*
>
> *"Vir ao Brasil é um sonho para mim, porque dizem que aqui tem trabalho, eu passei em vários lugares antes de chegar aqui e eu vou ficar. Mas não queria isso nesta condição, eu queria vir pelo futebol e também para trabalhar". (Migrante masculino, Curitiba/PR).*
>
> *"Depois de quatro meses o meu nome saiu para o visto de permanência, com dez meses eu já tinha um visto de residência". (Migrante feminina, Porto Velho/RO)*
>
> *"Já fui em outros países e tive dificuldades e o Brasil é o primeiro país do mundo que facilitou os papéis para legalizar os haitianos". (Migrante feminina, Porto Velho/ RO).*
>
> *"Eu tiro o chapéu para o Brasil, pois foi o primeiro país a fazer isto. Cheguei aqui e consegui o CPF, carteira de trabalho e outros documentos. Até a República Dominicana não faz isso por nós". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"Eu gosto do Brasil porque o povo daqui gosta de nós". (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*
>
> *"[...] mesmo que você não sabe falar o português, você sente que eles têm vontade de conversar com você, e por isso que eu gosto do Brasil". (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*
>
> *"Desde que cheguei, consegui uma professora que falava também francês; eu procurava conviver com brasileiros, falava com as pessoas e aceitava as correções. Na fábrica onde trabalho são só brasileiros". (Migrante feminina, Manaus/AM).*
>
> *"Eu tinha uma casa, e eu vendi ela por USD 5.000,00 para vir aqui, eu estou me perguntando quando que eu recuperarei este dinheiro. Eu choro mesmo, eu nunca recuperarei meu dinheiro". (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*

Outra dificuldade presente, mas não muito recorrente na fala dos haitianos que participaram dos grupos focais, se refere ao sentimento de preconceito demonstrado pelos brasileiros em relação aos haitianos. Eles se sentem discriminados por causa da cor e reclamam de racismo por parte de alguns brasileiros, o que obstaculiza a adaptação ao Brasil.

Os relatos a seguir ilustram os argumentos apontados pelos haitianos em relação às dificuldades sentidas no Brasil.

> *"Me sinto discriminada; muitas vezes os erros cometidos pelos brasileiros no trabalho caem nas costas dos haitianos. Os haitianos*

> *não sabem falar, não conseguem se explicar, não se defendem e acabam sofrendo injustiças. (Migrante feminina, Manaus/AM).*
>
> *"Foi desde o aeroporto que eu comecei a encontrar dificuldades. Eu passei dois dias lá; eu dormi na rua porque eu não tinha ninguém para me receber, depois eu acabei de falar com algumas pessoas. Eu cheguei até o refúgio, mas com muita dificuldade. Eles me receberam". (Migrante masculino, São Paulo/SP).*
>
> *"A principal dificuldade de viver no Brasil é a discriminação. Um dia, no meu trabalho, uma pessoa disse que eu tinha o cabelo de palha de aço". (Migrante feminina, Porto Velho/ RO).*
>
> *"No meu trabalho tem um haitiano. Um brasileiro disse que esse haitiano cheira mal. Uma outra mulher do meu trabalho disse a mesma coisa. Para que isso não acontece os haitianos devem se cuidar". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"Às vezes nós somos mal vistas por causa da cor da nossa pele. Sofremos de muito preconceito até no trabalho, quando a patroa quer demitir a gente, ela inventou algumas coisas, isso é uma forma de preconceito. O que piora as coisas é que nós não falamos o português direito". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*

Além das dificuldades em relação aos preconceitos sentidos pelos haitianos que vivem no Brasil, sempre reforçam aquelas relacionadas ao idioma. Um haitiano afirmou que *"o português é o idioma mais difícil do mundo".*

Os entrevistados se ressentem pelo fato de o relacionamento com os brasileiros ser dificultado por não entenderem o português, especialmente no trabalho. Frisam a todo instante que a comunicação fica muito difícil sem o domínio do português. Alguns recorrem à linguagem gestual para conseguir se comunicar razoavelmente ou pelo menos para se fazer entender. Outros se esforçam cotidianamente para aprender o idioma, reconhecendo que se estão no Brasil têm que falar a língua do Brasil, o português, como demonstram os depoimentos a seguir.

> *"Quando as pessoas querem nos demitir, dizem que a gente não entende o português. Sofremos muito esse tipo de preconceito no trabalho". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"Poderíamos ter um relacionamento de verdade, mas não falamos a língua, falamos por gestos, para nos entendermos. Ou então, se um haitiano fala português, pode nos chamar. Por isso é que eles dizem que você é incapaz de ter um bom relacionamento com eles". (Migrante feminina, Belo Horizonte/MG).*
>
> *"A língua portuguesa foi um desafio para todos nós, todo mundo sabe disto que não é um mistério para ninguém. Quando alguém vem de*

> *outro país, com certeza haverá muita dificuldade, a primeira será a língua. Estamos estudando cada dia para superar as dificuldades". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"A língua, o português foi um desafio para nós, todo mundo sabe disto, quando alguém vem de um outro país, com certeza haverá dificuldade enorme na língua, estamos hoje ainda na fase de aprendizagem, um dia vamos chegar lá". (Migrante masculino, Porto Velho/Rondônia).*

Falam também da situação em que o Brasil seria somente uma escala no processo migratório, que teria outro objetivo.

> *"Eu queria ir aos Estados Unidos para ver minha família, mas não tenho condições, por isso fico no Brasil". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*

4.11 Governo brasileiro (o que o governo brasileiro pode fazer para ajudar os haitianos)

A penúltima questão abordada nas entrevistas e nos grupos focais refere-se às sugestões que os entrevistados poderiam fazer para possíveis ações governamentais de apoio ao migrante haitiano.

Os grupos focais eram formados por haitianos que chegaram ao Brasil com vistos concedidos pelas representações diplomáticas brasileiras e também por aqueles que regularizaram a sua situação migratória em cidades de fronteira. Tal fato permitiu a construção de uma visão abrangente das demandas dirigidas ao governo.

Um participante destacou que é fundamental procurar o consulado brasileiro no país de origem para se informar sobre seus direitos, pois, na maioria das vezes, os migrantes chegam ao país de destino sem essas informações, não sabem a quem recorrer, além de se tornarem reféns dos coiotes.

Os entrevistados fizeram críticas ao atendimento do consulado brasileiro: filas longas, recursos humanos insuficientes para a demanda de atendimento, espaço físico precário, demora na entrega de documentos e no acesso à informação prévia sobre esses procedimentos, além de dúvidas quanto aos encaminhamentos.

Os relatos referentes à discussão sobre o que o governo brasileiro poderia fazer para ajudar os haitianos que vieram para o Brasil são muito relevantes (vide relatos a seguir) e enfatizam as seguintes questões: agilizar os procedimentos para a documentação necessária à situação regular no país, reduzir o valor do visto e do envio de remessas para o Haiti, impedir os vistos falsos, melhorar o tratamento aos haitianos no consulado brasileiro, ajudar a conseguir trabalho e a solucionar o problema da moradia.

> *"A comunicação aqui é muito complicada. Com respeito à documentação, eu gostaria que o governo desse mais possibilidades. Se por exemplo um haitiano estuda no Brasil, eu acho que seria melhor para ele em qualquer outro país. Para nós haitianos, aqui é muito limitado, cada um de nós tem conhecimento, tem um potencial". (Migrante masculino, São Paulo/SP)*
>
> *"Eu acho que o governo do Brasil tem que fazer uma coisa para poder receber os imigrantes. O governo não pode deixar a gente com um visto só. Eu acho é muito importante que o governo do Brasil saiba como ele vai receber os imigrantes; eu acho que tem que ter uma maneira para receber os imigrantes porque tem alguns haitianos que já ficam loucos com essa situação, e outras coisas. E outro problema é que a administração do Brasil sempre devolve os documentos com muito erro". (Migrante masculino, São Paulo/SP).*
>
> *"Minha sugestão: eu gostaria que cada cidade ou região aqui no Brasil colocasse uma entidade que pudesse orientar para facilitar a comunicação entre os haitianos, por exemplo, onde podem fazer algumas perguntas, ou se alguém está querendo fazer uma coisa, ele tem que achar como fazer, porque, por exemplo, se eu gostaria de fazer uma coisa, como eu posso fazer isso sem orientação? Porque tem haitianos em todas as regiões do Brasil. (Migrante masculino, São Paulo/SP).*
>
> *"O que necessitamos, aqui no Brasil, é regularizar a documentação; para mim é difícil trabalhar na minha profissão por falta da legalização dos documentos. Espero poder trabalhar na minha profissão; prometeram-me ajuda neste sentido". (Migrante feminina, Manaus/AM).*
>
> *"Que nos ajude no que diz respeito aos estudos, ganhamos muito pouco e necessitamos enviar dinheiro aos familiares no Haiti. Precisamos estudar nas Universidades do Estado, pois não podemos pagar os estudos, pois temos que comprar roupa, comida, livros, enviar dinheiro para a família. Precisamos também de creches para as crianças". (Migrante masculino, São Paulo).*

Importante ressaltar que algumas ações demandas pelos imigrantes, como redução do valor das taxas cobradas para as remessas, não são da alçada governamental. Abaixo são apresentadas algumas dessas demandas.

> *"O governo deveria aumentar os salários, controlar os preços, baratear os preços das passagens de avião, controlar a tarifa do dólar, para que não fique tão caro as coisas para nós". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"Que ajude na transferência do dinheiro ao Haiti; as taxas são muito altas, precisa-se muito dinheiro para que pouco chegue lá". (Migrante feminina, Manaus/AM).*

Muitos entrevistados participantes dos grupos focais também revelaram que têm conhecimento sobre as atitudes tomadas pelo governo brasileiro no sentido de tentar contornar alguns problemas vivenciados pelos haitianos, especialmente os reivindicados pelas entidades de apoio aos migrantes haitianos, tais como a emissão da Resolução Normativa n.º 97, dispondo sobre a concessão do visto a nacionais do Haiti, com base na qual os vistos deveriam ser emitidos nesse país; a atuação de força-tarefa dos órgãos governamentais para a regularização da situação migratória em Tabatinga e Brasiléia; os seminários para discutir a situação dos haitianos, dentre outros.

Os relatos a seguir ilustram opiniões positivas dos haitianos em relação ao Brasil.

> *"Para mim, ninguém pode falar mal do Brasil, porque é bom viver aqui. Eu ganhava bem no Haiti, mas não tenho do que reclamar do Brasil. Meu coração é haitiano e brasileiro". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"O Brasil é muito bom para mim, deu visto para minha filha e meu marido. Aprendi muitas coisas aqui, como compartilhar as coisas". (Migrante feminina, Porto Velho/RO).*
>
> *"O Brasil representa uma coisa maravilhosa para nós haitianos, porque eu tenho outra família que está morando no USA e contou para nós que não é fácil para levar a gente para morar lá nos USA e agora o Brasil dá a possibilidade para nós. Eu tenho só um problema: é a passagem, que é muito cara. Mas com tudo isso, o Brasil representa uma grande oportunidade para nós". (Migrante masculino, São Paulo).*

Mesmo diante de ações de apoio aos haitianos desenvolvidas por ONGs, especialmente, aquelas vinculadas à Igreja Católica, e de algumas medidas tomadas pelos governos federal e estaduais, a maioria dos entrevistados tem ciência de que a situação dos haitianos no Brasil é muito precária, sobretudo no campo do trabalho e da moradia.

Segundo Costa (2012), seria necessário considerar um conjunto amplo de medidas que poderiam favorecer a inserção dos haitianos e, ao mesmo tempo, atender a uma parcela das suas reivindicações.

> "[...] há que se considerar o conjunto das necessidades e das aspirações dos imigrantes, a questão da escolaridade e da profissionalização e tudo o que se refere à sua inserção na nova cultura (sem perder a origem). [...] É de se esperar que eles encontrem uma política migratória mais organizada e uma sociedade mais aberta para que não tenham que passar por tantos sofrimentos pelos quais passaram os que entraram pelas nossas fronteiras, sobretudo pelo Amazonas e Acre". (COSTA, 2012, p. 97).

4.12 Governo haitiano (o que o governo haitiano pode fazer para ajudar os haitianos que emigraram)

A última questão abordada nas discussões dos grupos focais e nas entrevistas diz respeito às sugestões que os migrantes haitianos poderiam fazer para o governo do Haiti no sentido de ajudar os candidatos à migração para o Brasil, como, por exemplo, divulgar no seu país informações sobre a realidade brasileira. A maioria dos participantes apresentou os seguintes pontos: pediram proteção para os haitianos que estão em perigo, especialmente nas fronteiras; desejo de que os resultados desta pesquisa cheguem até as autoridades do Haiti, além de manifestarem preocupação com a imagem de seu país no mundo.

Os relatos a seguir explicitam os desejos dos haitianos que participaram dessa pesquisa.

> *"Se eu sabia que seria assim aqui eu não viria. O governo do Haiti poderia nos ajudar, colocando mais trabalhos, a fim de que os haitianos não precisem deixar o país". (Migrante feminina, Curitiba/PR).*
>
> *"O Haiti é pequeno demais para se desenvolver, se os dirigentes tinham consciência, se eles pensam em agir diferente, investir nos recursos do nosso país, não para se encher os bolsos. É melhor que eles pensam no povo, com isso o país poderia mudar, porque é o mesmo governo que está matando o povo, pegando tudo, sem consciência". (Migrante masculino, Belo Horizonte/MG)*
>
> *"Depois do que todo mundo aqui acabou de falar e se é verdade, então esta pesquisa deve chegar ao ouvido do nosso presidente. Queremos um gesto dele, os haitianos votaram nele por uma razão, por nossa vida, a proteção dos haitianos que estão em perigo, os haitianos de hoje estão no seu país sem trabalho, eles terminam os*

> *estudos, mas não têm nada pra fazer". (Migrante masculino, São Paulo).*
>
> *"Eu queria que o presidente pegasse uma medida para procurar saber o que está acontecendo com os haitianos que vieram aqui para evitar esse drama, porque nós não estamos bem no Brasil. Os homens falam que eles podem ganhar dinheiro, as mulheres têm que casar com eles para aproveitar, algumas aceitaram sem querer de verdade, elas casaram com os homens que trabalham para poder ter uma cesta básica porque elas não trabalham. Estou achando que o presidente deve tomar decisões, pois o que está acontecendo dá uma imagem do Haiti que não é boa". (Migrante feminina, Curitiba/PR).*
>
> *"Se o presidente tivesse vontade de nos ajudar, não teríamos deixado o país, passado toda essa miséria que passamos. Lá no Haiti não se consegue ter nada; o pouco que se tem é roubado; há muita insegurança". (Migrante feminina, Manaus/AM).*

Algumas das sugestões remetem ao estabelecimento de diálogos bilaterais entre os governos do Haiti e do Brasil, com indicação da necessidade de se facilitar o acesso à educação no Brasil.

> *"Eu acho que o governo do Haiti pode ajudar o jovem a conseguir uma bolsa para estudar, ajudar a conseguir os documentos para estudar porque eu acho que um jovem é o futuro de um país, mas eu não acho que o governo do Haiti pode ajudar um haitiano a entrar no Brasil". (Migrante masculino, São Paulo).*
>
> *"Eu acho que o governo do Haiti tem que conversar com o governo do Brasil. Não só dar visto, um visto para que a gente venha para o Brasil para trabalhar e trabalhar é bom para nós para ganhar dinheiro, isso é a primeira parte. Mas os dois governos têm que conversar sobre nossa situação aqui no Brasil e a gente tem que estudar também, estudar é bom para nós". (Migrante masculino, São Paulo).*
>
> "*O governo haitiano não pode fazer nada para combater os coiotes. Se o governo brasileiro der o primeiro passo, o governo do Haiti poderá fazer alguma coisa para melhorar as condições das pessoas que querem sair do país ou que pedem visto". (Migrante masculino, Porto Velho/Rondônia).*

5 DIÁLOGO COM AUTORIDADES DO PODER PÚBLICO E COM EMPRESAS

Os diálogos com as instituições governamentais e com as empresas foram divididos em duas partes, representando, grosso modo, o percurso desta investigação. O primeiro conjunto de depoimentos foi colhido nas cidades de Belo Horizonte/MG, Pinhais/PR e Porto Velho/RO. Incluiu, além de representantes do poder público local, participantes de grupos de pesquisa da academia, nesse caso, em Rondônia (Universidade Federal de Rondônia), e representantes de ONGs que acolhem os imigrantes na Missão Paz, de São Paulo.

As entrevistas nos estados de Minas Gerais e do Paraná retratam um maior contato com autoridades municipais das cidades de Belo Horizonte (MG) e Pinhais (PR), que se organizam mais em torno da questão laboral dos haitianos e, na área estadual, o diálogo aconteceu com representantes da Secretaria Estadual de Assistência Social de Rondônia, cujas ações estão prioritariamente voltadas para a assistência social aos haitianos que residem no estado.

Os diálogos com as empresas que contrataram haitianos ocorreram nas cidades de Contagem (RMBH/MG), Curitiba (PR) e Porto Velho (RO). Em Contagem o contato foi com uma empresa do ramo de alimentação; em Curitiba foram contatadas duas empresas, uma produtora de embalagens de papelão ondulado e outra do ramo da construção civil. Em Porto Velho o contato foi realizado com uma empresa de limpeza urbana.

O início dos diálogos em todas as instituições governamentais e com as empresas se pautou pela exposição dos objetivos e da metodologia da pesquisa e de seus parceiros. Foram explicadas aos interlocutores as ações tomadas pelo governo brasileiro visando à regularização da situação migratória dos haitianos e o combate ao tráfico de imigrantes, bem como exposto o material, nos idiomas português e *créole*, produzido pelo Ministério do Trabalho tratando da legislação trabalhista brasileira e do glossário sobre os termos mais utilizados no cotidiano dos haitianos no Brasil.

5.1 Poder público/Prefeituras Municipais

a) Secretaria Municipal do Trabalho/Agência do Trabalhador do Município de Pinhais/Paraná (julho/2013)

O contato dos pesquisadores com representantes do poder público do estado do Paraná ocorreu por meio da Secretaria Municipal do Trabalho da cidade de Pinhais. Participaram da reunião o senhor Luís Souza (diretor do Departamento de Geração de Emprego e Renda) e a senhora Giane Corrêa de Jesus (gerente de Promoção e Apoio ao Trabalhador), ambos da Secretaria de Desenvolvimento Econômico da Prefeitura de Pinhais. É a essa secretaria que está vinculado o Sine[25] na cidade.

Conforme relato dos participantes, a chegada dos primeiros haitianos à cidade se deu por meio de uma empresa de Pinhais que buscou alguns imigrantes no Acre, mas em pouco tempo eles deixaram a empresa. No entanto, a possibilidade de trabalho atraiu mais haitianos e, no momento da entrevista, chegavam a 100 residindo na cidade, algumas vezes em situação de extrema vulnerabilidade.

A equipe da Assistência Social da Prefeitura de Pinhais está fazendo levantamento dos haitianos e captando vagas de emprego para ofertar a eles, além de colaborar com o atendimento às necessidades básicas e benefícios a um grupo de 30 haitianos. Uma dificuldade relatada refere-se ao trabalho de acompanhamento das ações, pois é grande a mobilidade dos haitianos.

Conforme os entrevistados, os haitianos vivem no Haiti uma cultura de trabalho mais informal, o que tem criado obstáculo ao entendimento da documentação necessária para a contratação e dos descontos devidos conforme a legislação brasileira. Outra dificuldade apontada diz respeito ao clima frio e à falta de agasalhos, gerando em alguns casos situação emergencial e de vulnerabilidade social.

Diante desse cenário, a Prefeitura de Pinhais realizou reuniões intersetoriais: saúde, educação, assistência social e trabalho, visando pensar estratégias para conhecer a realidade dos haitianos para melhor atender às suas necessidades. Em relação às dificuldades de comunicação causadas por não conhecerem nosso idioma, a Secretaria Municipal de Educação estava, no momento de realização da

[25] Sistema Nacional de Emprego (Órgão vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego).

pesquisa, oferecendo aulas de português ministradas por voluntários com algum conhecimento do francês. Os entrevistados informaram que o município não dispõe de política de integração para imigrantes estrangeiros.

Outro fenômeno mencionado pelos entrevistados é que já estão nascendo na cidade filhos de haitianos que necessitam do amparo da assistência social e da saúde. A comunidade tem se mobilizado para auxiliá-los por meio das igrejas católicas e evangélicas, mas o poder público, até recentemente, estava ausente.

Em síntese, os principais problemas/desafios apresentados pelos entrevistados e autoridades governamentais em relação à situação dos haitianos em Pinhais são: a) os imigrantes haitianos chegam procurando emprego, especialmente vagas na área da construção civil, apesar de alguns serem professores de ensino básico e terem qualificação em áreas como direito, economia, design de joias, dentre outras. Parece que chegam com a informação de que a construção civil é a área que melhor paga os imigrantes haitianos, o que tornou a cidade de Curitiba e Região Metropolitana seu porto desde janeiro de 2012; b) reivindicam melhores salários e algumas vezes recusam o trabalho braçal. Mais uma vez chegam com informações equivocadas, sobretudo em relação aos salários no Brasil. Grande número de haitianos tem baixa escolarização; c) os sindicatos dos trabalhadores fiscalizam o horário de trabalho dos haitianos para identificar situações de exploração; d) as carteiras de trabalho são provisórias (tempo de análise no Conare/visto humanitário), em torno de seis meses. A maioria chega com carteira do Acre, outros de Pato Branco.

Diante desse quadro, a Secretaria elegeu três prioridades para aquele momento (julho/2013):

1) resolver a situação emergencial (assistência social e saúde);

2) oferecer aulas de português dadas por voluntários em escolas da rede municipal;

3) criar um setor (sala de atendimento) em separado para os haitianos (o que ainda está em estudo) onde funcionários treinados poderão dar informações mais precisas e resolver dúvidas, já que cerca de cinco a dez imigrantes por dia estão fazendo a carteira de trabalho e demandam informações no setor de atendimento do Sine na prefeitura. Essas são situações que, no caso dos haitianos, por conta do pouco conhecimento que têm do idioma, tomam muito tempo.

> *"Como governo temos como ajudar na área social, não podemos garantir emprego (isso é mais com as empresas). Faremos uma reunião com os haitianos para fazer levantamento das necessidades emergenciais e discutir com eles alternativas". (Depoimento de um dos entrevistados).*

Quanto à religiosidade dos haitianos, observa-se, conforme informações da Secretaria Municipal do Trabalho, que as duas religiões mais procuradas são as evangélicas e católicas, mas o foco deles é o trabalho.

Por último, os entrevistados pontuaram que as empresas da região começam a rejeitar os haitianos devido à dificuldade do idioma, o que torna quase impossível a comunicação com eles.

b) Secretaria Municipal Adjunta de Direitos de Cidadania/Promoção da Igualdade Racial/Prefeitura de Belo Horizonte/MG (janeiro/2014)

Na Prefeitura de Belo Horizonte, o contato realizado foi com a Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial, órgão da Secretaria Municipal Adjunta de Direitos de Cidadania vinculado à Secretaria de Políticas Sociais.

A Coordenadoria de Promoção da Igualdade Racial (CPIR) de Belo Horizonte realiza programas, serviços e ações afirmativas em parceria com ONGs e movimentos sociais para a superação das desigualdades, combate ao racismo, promoção da saúde, educação e preservação da memória, cultura e identidade étnica da comunidade negra. Coordena, ainda, as atividades da Escola Profissionalizante Raimunda da Silva Soares, na Pedreira Prado Lopes, desenvolvendo ações de formação e qualificação profissional para os moradores da comunidade.

Por meio do Fórum Governamental de Promoção da Igualdade Racial, a CPIR realiza, de forma integrada com outros órgãos da Prefeitura, a política de promoção da igualdade racial voltada para a população negra e outros segmentos étnico-raciais na cidade.

A coordenadora da CPIR relatou que tem percebido, em relação à imigração haitiana, três ondas migratórias. Tem-se que em um primeiro momento vêm haitianos em sua maioria da capital Porto Príncipe e com nível de instrução de ensino médio e superior atraídos pela indústria, preocupados com a parte laboral, e se instalam na região industrial da RMBH, mais especificamente nas cidades de

Contagem e Esmeraldas. Em um segundo momento, a RMBH começa a receber haitianos que têm como origem cidades do interior do Haiti, com instrução mínima ou sem instrução nenhuma, sem conhecimento de outras línguas: "*alguns dizem: 'sei falar um pouquinho de português, um pouquinho de espanhol, um pouquinho de francês', mas quando você vai ver mesmo não sabem bem nenhum desses idiomas, tem que ser o créole".* Essa segunda onda, conforme a coordenadora, talvez apresente questões como pouca informação sobre as condições de trabalho. São vítimas de tráfico de migrantes, entre outras situações que precisam ser investigadas. Situações essas que tem origem na propaganda enganosa feita pelos compatriotas ou coiotes. Uma terceira onda que começa a chegar *"são as mulheres e crianças, muitas mulheres e crianças; me preocupo muito com a terceira e a segunda ondas, porque chegam com grau de instrução zero, são mulheres novas, de trinta anos, e crianças".*

Foi relatado que a terceira onda migratória tem demonstrado medo de ir ao poder público (Prefeitura). Os imigrantes têm medo de serem deportados. A partir do momento em que superam o medo e a desconfiança e chegam até a Prefeitura, percebe-se que são necessárias medidas emergenciais: um lugar para eles ficarem e depois um lugar para trabalharem. Eles chegam com enorme expectativa de trabalho porque precisam mandar dinheiro para a família que ficou no Haiti.

Segundo a entrevistada, alguns parceiros da CPIR encaminharam haitianos à Coordenadoria porque tinham suspeitas de trabalho escravo, pois os imigrantes vinham de uma fazenda no sul de Minas com uma história de que o patrão era muito bom, pois lhes pagava R$ 100,00[26] por mês e o restante do salário ele próprio dizia que enviava para a família destes no Haiti. Entretanto eles não tinham nenhum contato com as famílias para confirmar o recebimento do dinheiro. Com base em alguns casos atendidos e em dados coletados foi feita uma denúncia e o Ministério do Trabalho estava investigando a situação desses haitianos.

Alguns haitianos vindos de Brasiléia (Acre) estavam também procurando ajuda nos Centros de Referência da Assistência Social (Cras), especialmente para a moradia. Porém, a maior dificuldade nesses casos é o fato da grande mobilidade dos haitianos, que não param por muito tempo em um mesmo lugar, o que obstaculiza o acompanhamento destes.

[26] USD 45,45 (câmbio: USD 1,00 = R$ 2,20).

Outra situação relatada foi o caso de um haitiano encontrado nas proximidades da Prefeitura perguntando onde ficava a rodoviária, pois estava indo para a cidade de Conceição do Mato Dentro, a 167 Km de Belo Horizonte, para trabalhar em uma empresa de vidros onde já havia muitos haitianos. O fato levantou suspeita, pois a empresa que havia se instalado e estava fazendo muitas contratações naquela cidade era uma mineradora e não uma empresa de vidros. Nessa mineradora há muitos trabalhadores com problemas de saúde, por ser um trabalho insalubre e perigoso. A mineradora já está sendo investigada pelo Ministério Público, que recebeu denúncias de trabalho escravo no local. Uma semana depois desse fato, o jornal "O Tempo", de Belo Horizonte, noticiou que havia 100 haitianos em regime de trabalho escravo em uma mineradora em Conceição do Mato Dentro.

Um terceiro caso relatado foi o de um haitiano identificado pela Polícia Federal que *"estava no caminho do aeroporto de Confins para BH andando a pé*[27]*, e ele não conhecia BH, não sabia o tamanho da cidade e nem qual língua as pessoas falavam aqui. Ele estava muito agitado e conseguimos que um psicólogo fizesse a escuta junto com a gente e esta primeira acolhida deu muito trabalho, chamamos o MP e a Promotoria Criminal e disse que estávamos com um haitiano e que havia uma questão diferenciada neste caso"*.

Foram necessários 10 dias para conquistar a confiança do haitiano citado anteriormente. A partir daí ele contou a sua história: veio de uma família de 12 irmãos e, por ser o mais querido dentre eles, foi escolhido para ajudar a família, isso em 2011. Logo começou a ser abordado por coiotes que diziam que no Brasil ele teria essa perspectiva de melhoria. "*Os coiotes trazem uma estrutura com eles que são os agiotas, você começa primeiro pagando pelo seu visto, este visto foi pago em maio, ele ainda não estava liberado para vir ao Brasil porque todo o processo tem que ser pago primeiro, e é um valor muito alto, com isso a família se compromete com o agiota, comprometendo as terras por ele cultivadas. Ele chegou ao Brasil dia 08/12/2013, fazendo a rota de Porto Príncipe, Panamá e Confins. Chegou em BH sem nada e a família lá, esperando o dinheiro. A propaganda gera esta forte corrente de migração, a investigação vai poder mostrar que existem muitos fatores envolvidos dentro deste conjunto*" (relato da coordenadora).

[27] A distância do aeroporto de Confins à cidade de Belo Horizonte é de 40 km.

Percebe-se que os haitianos chegam às cidades brasileiras com uma perspectiva de que o governo já estará com tudo pronto: trabalho, moradia e educação para esperá-los. A coordenadora afirmou que já existem iniciativas no sentido de investigar se há haitianos em situação de rua. O setor de imigração da rodoviária de Belo Horizonte tem recebido muitos haitianos que chegam somente com a carteira de trabalho e não conseguem falar nada de português. Os técnicos desse setor relatam que a única palavra que sabem falar em português é trabalho. Esses casos são encaminhados ao Ministério Público para investigação e apoio.

No Brasil, *"o apoio do Ministério Público tem sido fundamental, uma parceria interessante para o combate ao trabalho escravo, ao racismo, mão de obra barata e não um modelo de cooperação, e com essa onda de ter várias mulheres isso me preocupou muito".*

Observa-se também que por Brasiléia e Manaus terem chamado muita atenção em reportagens, houve algumas mudanças na rota de entrada dos haitianos no país, que passaram a ir diretamente para Belo Horizonte e São Paulo, cidades que têm vôos diretos vindos do Haiti, via o Panamá, com isso não precisando do coiote para a travessia, mas sim do agiota para financiar a viagem. A estratégia, então, é atender os casos emergenciais via porta de entrada, o aeroporto e a rodoviária, locais onde é possível fazer um diagnóstico logo que os haitianos chegam.

A entrevistada relata que de outro ponto de vista percebe a necessidade de *"uma ação mais efetiva, pois se sabemos que existe uma propaganda, temos que trabalhar uma contrapropaganda, descaracterizando o que foi caracterizado. Atualmente, o governo federal já cortou uma boa parte do investimento das instituições brasileiras que estavam no Haiti e, se por um lado, ele cortou, por outro lado ele vai ter um gasto muito grande com esse povo que está chegando e já estão sentindo nos cofres públicos estes gastos, além de alimentar situações de coerção, de racismo, de uma segunda onda de escravidão. E a situação é desesperadora, porque eles precisam trabalhar e, quando um consegue o trabalho, no mesmo mês vão vários haitianos no mesmo local procurando a mesma empresa, porque ali ele acha que irá conseguir o trabalho. É uma situação que o governo brasileiro não pode fechar os olhos, porque se de um lado o Haiti passou por todos os problemas de terremoto, guerra civil e tudo o mais, qual é o planejamento do Haiti para essa reconstrução? Quais são, de fato, as exigências da ONU dentro deste processo?*

Nós vamos fazer os investimentos, mas precisamos repactuar com o governo haitiano ou vamos continuar tratando dentro da invisibilidade e isso aumenta a questão da teoria do racismo, porque ele é negro, é parecido com qualquer pessoa, não fala a língua, é invisível".

Outra preocupação demonstrada pela coordenadora do CPIR refere-se à Copa do Mundo de 2014, pois com ela chegarão várias mulheres lindas e negras ao país, que tem muito forte a questão do racismo e da fantasia sexual com essas mulheres. Ela sugere que o governo brasileiro estabeleça ações de proteção a essa população vulnerável e trabalhe em parceria com os municípios e capitais onde se destacam os casos dos haitianos, visando, quem sabe, "*criar um consórcio metropolitano para se ter uma casa. E como fazer isto sem se virar um incentivo contrário? E a vulnerabilidade desta pessoa na rua é muito alta, ela não fala a nossa língua. Faz-se necessário buscar recursos para uma parceria na qual possamos trabalhar a formação de quem está na ponta, nas redes e tem que saber falar o créole. O governo brasileiro precisa também pensar estratégias de maior respeito à legislação trabalhista, um trabalho digno que pague a mão de obra com o valor de mercado e que o trabalhador haitiano tenha os direitos trabalhistas garantidos como o de qualquer cidadão".*

c) Secretaria Estadual de Assistência Social de Rondônia (Seas) (julho/2013)

O contato realizado no estado de Rondônia foi com a secretária de Estado de Assistência Social e com representantes da Universidade Federal de Rondônia (Unir).

A Secretaria de Estado de Assistência Social de Rondônia criou duas frentes de trabalho: a primeira é a política de acolhimento e encaminhamento, e a segunda a inserção no mercado de trabalho.

A política de acolhimento e encaminhamento como ação estratégica para a promoção dos imigrantes haitianos foi desenvolvida baseada nos princípios da eficiência, eficácia e qualidade dos serviços prestados aos imigrantes por meio de parcerias com a Fundação Universidade Federal de Rondônia (Unir), o Senai, o setor privado e com a rede de serviços socioassistenciais. Para efetivar essa política foi criado um grupo de trabalho em março de 2011.

A política de acolhimento foi viabilizada por meio da Casa de Apoio desenvolvendo três ações de assistência social. São elas:

1. triagem do perfil do imigrante com preenchimento dos dados cadastrais (profissional e familiar);
2. verificação de documentos, validade do visto, caderneta de vacinas;
3. fornecimento de três refeições diárias (café, almoço e jantar).

Foram realizados um total de 3.013 acolhimentos de haitianos, sendo 478 no ano de 2011, 1.858 no ano de 2012 e 492 no ano de 2013 (até o mês de julho).

Os encaminhamentos foram sendo realizados à medida da necessidade para toda a rede de serviços socioassistenciais do estado.

A inserção no mercado de trabalho foi uma ação desenvolvida em parceria com o Sine estadual e estabeleceu como diretrizes:

1. encaminhamento para o mercado de trabalho local e para outros estados do Brasil[28];
2. acompanhamento contínuo dos haitianos inseridos no mercado de trabalho.

Entre os imigrantes haitianos foram encontrados os seguintes perfis profissionais: assistente administrativo, pedreiro, armador, operador de máquinas, pintor, designer gráfico, garçom, confeiteiro, mestre de obras, costureiro, serviços domésticos, operador de Autocad.

Por meio da parceria com o Senai foram oferecidos os seguintes cursos, com os respectivos números de participantes haitianos:

- pedreiro de alvenaria, AutoCAD e operador de máquinas (turma de 122 haitianos);
- armador e assistente administrativo (turma de 100 haitianos);
- assistente administrativo, padeiro, doceiro e salgadeira (turma de 60 haitianos).

Conforme dados fornecidos pela Seas, em julho de 2013 havia em Rondônia um total de 2.013 haitianos, sendo 1.740 do sexo masculino, 231 do sexo feminino

[28] Algumas empresas que contrataram mão de obra haitiana com a intermediação do governo de Rondônia: Noberto Odebrecht, Andrade Gutierrez, Camargo Correia, Consfor do Brasil, Toshiba do Brasil, Juarú do Brasil, Direcional Engenharia, Roberto Passarini Engenharia, Três Capelas Resort, Panificadora Nordeste, Aeroporto de Porto Velho.

(dentre estas foram encontradas 18 haitianas grávidas) e 42 crianças na faixa etária de 0 a 3 anos.

A parceria da Seas com a Unir (Departamento de Letras) resultou em quatro turmas de aulas de português para imigrantes haitianos aos sábados, sendo cada turma com 35 haitianos.

d) Fundação Universidade Federal de Rondônia – Unir (julho/2013)

O trabalho desenvolvido com os haitianos pela Fundação Universidade Federal de Rondônia ocorre por meio do projeto de extensão "Migração internacional na Amazônia Brasileira: linguagem e inserção de haitianos em Porto Velho", que teve início em 2011.

O objetivo do referido projeto é ensinar a língua portuguesa aos haitianos, noções de geografia etc. Ele tem caráter multidisciplinar e é coordenado pela professora Marília Lima Pimentel e pelo professor Geraldo Castro Cotinguiba, contando com a participação de dez extensionistas.

Segundo Cotinguiba e Pimentel (2012, p. 102), *"é um desafio trabalhar com o ensino da língua portuguesa para um grupo tão heterogêneo como os haitianos. As turmas são formadas majoritariamente por homens, apenas 5% são mulheres, com faixa etária de 20 a 38 anos".* Aqueles que frequentam as aulas afirmam que boa parte está aprendendo rapidamente o português, principalmente por falarem um pouco de espanhol, pois muitos moraram na República Dominicana. Por outro lado, percebem que *"parte significativa do grupo apresenta dificuldades em decorrência de fatores tais como: baixo grau de escolaridade, isolamento no gueto (resistência em interagir com os brasileiros), trabalho o dia inteiro em atividades extenuantes, dentre outros"* (COTINGUIBA e PIMENTEL, 2012, p. 102).

Já passaram pelo projeto cerca de 600 haitianos. Os cursos e demais atividades desenvolvidas junto aos haitianos são realizados na Escola Estadual 21 de Abril, parceira do projeto de extensão.

Vale destacar que uma parceria forte e reconhecida pelos coordenadores do projeto de extensão voltado aos haitianos é a Pastoral de Migrantes de Porto Velho, que atua com caráter mais humanitário.

Ao serem perguntados sobre a evolução da migração haitiana no Brasil, os entrevistados relataram que acreditam que boa parte permanecerá em Porto Velho,

outros irão para outros estados do Brasil e alguns retornarão ao Haiti. Eles relataram também que os haitianos insistem na busca do trabalho formal, com contrato, carteira assinada etc.

Em relação ao que o governo brasileiro poderia fazer para os migrantes haitianos, os coordenadores do projeto de extensão citado mencionaram que o país deve *"ter uma política clara de aproveitamento, tecnicamente falando, das capacidades dos haitianos – falta política clara, explícita de migração".*

Outra preocupação demonstrada pelos entrevistados diz respeito ao fato de Rondônia ser estado de fronteira e não ter pessoal preparado, técnicos governamentais informados sobre os direitos dos migrantes e que possam trabalhar com eles.

Apontaram como maiores dificuldades observadas com base no trabalho realizado com os haitianos: o idioma (questões linguísticas); a ausência de uma política de apoio (os haitianos chegam e não sabem a quem procurar); o acesso à moradia; encontrar trabalho e se adaptar a ele.

5.2 Empresas que empregam haitianos/Estados pesquisados

Como já mencionado anteriormente, um dos motivos apontados como mais frequente pelos haitianos para vir ao Brasil é a busca por trabalho visando melhorar as condições de vida e enviar dinheiro para a família que ficou no Haiti. Por outro lado, considerando o momento atual do desenvolvimento econômico do Brasil e a realização da Copa do Mundo em 2014, as possibilidades de emprego representaram atrativo para a imigração haitiana.

Segundo Costa (2012),

> [...] assim que os haitianos chegaram a Manaus, foram logo procurados para o trabalho na construção civil. Muitas construtoras e empresas terceirizadas acabavam levando dezenas de trabalhadores de uma só vez. Algumas empresas de transformação também deram emprego aos haitianos; numa única chegaram a estar empregados oitenta deles. Muitos encontraram trabalho no setor de transporte e de serviços ou se empregaram como mecânicos e eletricistas. (COSTA, 2012, p. 94).

Diante do exposto, avaliou-se que seria importante incluir na pesquisa entrevistas com algumas empresas que contrataram haitianos. Dada a dificuldade de acesso às empresas, foi possível entrevistar apenas cinco, sendo uma em Belo

Horizonte/MG, duas em Curitiba/PR, uma em Manaus/AM e uma em Porto Velho/RO.

Segundo Cotinguiba e Pimentel (2012), no âmbito do trabalho é importante observar uma via de duas mãos, a relação entre haitianos e brasileiros. Os autores pontuam que

> "[...] no setor empresarial há dois discursos; o primeiro, que chamaremos de positivo, encara e descreve os haitianos como "excelentes pessoas", "honestos", "não faltam ao trabalho", "educados e humildes"; o segundo, negativo, os vê como "moles para o trabalho", "trocam de emprego de uma hora para outra". Entre os haitianos há dois discursos predominantes, o de que existem oportunidades de trabalho e o de exploração no trabalho". (COTINGUIBA e PIMENTEL, 2012, p. 102).

Em entrevistas com representantes das empresas, percebemos que as ponderações dos autores citados anteriormente a respeito dos discursos positivo e negativo sobre os haitianos procedem, pois em discurso positivo relataram que os trabalhadores haitianos faltam pouco ao trabalho, não têm envolvimento com roubos ou furtos e mantêm postura de boas relações sociais, respeitando as hierarquias. Em discurso negativo relataram que os haitianos são mais "moles" para realizar o trabalho ou apresentam ritmo muito diferente dos brasileiros.

A seguir apresentamos relatos dos diálogos com algumas empresas que contrataram haitianos.

a) **Diálogo com a Empresa Trombini/Curitiba (julho/2013)**

A Trombini, segundo a coordenadora de Recursos Humanos (RH) da empresa, é a quarta maior produtora de embalagens de papelão ondulado do Brasil e uma das principais da América Latina, com duas unidades das mais avançadas tecnologias em Curitiba (no Paraná) e em Farroupilha (no Rio Grande do Sul). Atende, com essas unidades, a mais de 30% da demanda desse tipo de embalagens no Sul do Brasil. Produz embalagens 100% recicláveis e biodegradáveis, feitas sob medida para a necessidade de cada produto: uso, embalamento, transporte e estocagem na logística de cada empresa.

Totalmente integrada, a Trombini, conforme a entrevistada, inicia o seu processo produtivo com florestas planejadas que são colhidas e replantadas, proporcionando grande contribuição na produção de celulose e de papel usados na

fabricação do papelão ondulado, de forma ambientalmente correta e certificada com o selo FSC®[29].

De acordo com relatos da entrevistada, a Trombini é uma das maiores recicladoras de papel para embalagens do Brasil, o que assegura o ciclo de sustentabilidade exemplar. Trata-se de uma empresa familiar que possui atualmente 1.300 funcionários na unidade de Curitiba.

A entrevistada relatou que a primeira contratação de haitianos foi em abril de 2013, e o que motivou essas contratações foi a dificuldade da mão de obra brasileira e a descoberta dos haitianos. Inicialmente, o contato foi com a Pastoral do Migrante da Igreja Católica, via aviso em missa. Eles passam pela Pastoral, providenciam os documentos e são acompanhados para recrutamento na empresa. Há 16 haitianos trabalhando na Trombini.

Ela relatou que houve um caso de demissão de um haitiano causada por uma dificuldade pontual, talvez por questão da língua. Houve um desentendimento entre um brasileiro e um haitiano e no final os dois foram demitidos. Segundo a entrevistada, *"os haitianos se esforçam, são espertos para entender o trabalho e o idioma. Melhores que os brasileiros em termos de higiene, facilidade de relacionamento, informação, domínio de tecnologia e são saudáveis".*

Recentemente contrataram uma estagiária haitiana (graduanda do curso de Administração) para trabalhar com os compatriotas. Ela traduziu informações que foram disponibilizadas a esses trabalhadores. Por meio do trabalho da estagiária houve mudanças significativas no tratamento aos trabalhadores haitianos.

Ainda conforme a entrevistada, o relacionamento dos haitianos com os brasileiros é bom, pois estes são colaborativos. A empresa se mostra satisfeita com

[29] FSC é a sigla de *Forest Stewardship Council*, uma expressão inglesa que, em português, significa "Conselho de Manejo Florestal". O FSC é uma organização independente, sem fins lucrativos, fundada em 1993 em razão da necessidade de garantir a conservação ambiental e o desenvolvimento sustentável das florestas em todo o mundo. O selo de certificação florestal é liberado por certificadoras monitoradas constantemente pelo FSC e tem o objetivo de garantir que a madeira provém de um processo produtivo manejado segundo uma gestão ecologicamente adequada, socialmente justa, viável economicamente e que cumpre as leis vigentes. O FSC Brasil (Conselho Brasileiro de Manejo Florestal) foi criado no ano de 2001 para garantir a certificação florestal no país, cujas vantagens e benefícios atingem desde a floresta e as empresas do ramo até o consumidor final. Uma área florestal certificada é uma garantia não só da origem da madeira, como também uma garantia para os revendedores e consumidores conscientes dos problemas de degradação do meio ambiente de que estão utilizando produtos madeireiros originados de uma floresta bem manejada.

o trabalho dos haitianos. Os que têm perfil mais operacional adaptam-se tranquilamente ao tipo de trabalho exigido.

Um requisito para a contratação foi possuir o ensino fundamental e com base nesse requisito identificou-se a dificuldade de compreensão da escolaridade dos haitianos. De forma diversa ao observado em outras empresas, não foram detectadas dificuldades na compreensão dos descontos em folha ou da legislação trabalhista do Brasil. Tal fato poderia ser explicado pela intermediação da Pastoral na contratação da mão de obra haitiana, quando os detalhes da legislação foram explicados previamente.

A empresa oferece plano de saúde e odontológico para todos os funcionários. A alimentação é oferecida na própria empresa e eles apreciam com gosto. São oferecidos ainda: vale transporte, vale refeição no valor de R$ 160,00[30], desconto em farmácia para a compra de medicamentos.

O trabalho na empresa acontece em três turnos, mas os haitianos não trabalham à noite.

b) Diálogo com a empresa Arbotec/Curitiba (julho/2013)

A entrevistada da Arbotec foi a diretora de Recursos Humanos (RH), que inicialmente apresentou a empresa informando que é uma firma do ramo da construção civil e de reformas voltadas ao varejo. Executa obras com prazos reduzidos e limpeza constante do ambiente de trabalho. Atua exclusivamente para o setor privado. Localiza-se à rua Rio Iriri, 556, Bairro Alto, Curitiba, Paraná.

Conforme relato da entrevistada, a Empresa Arbotec recebeu um e-mail de contato de um gestor de RH de outra empresa informando sobre haitianos que estavam precisando de trabalho. E como a empresa estava com necessidade de mão de obra no seu ramo de atividade (construção civil), resolveu contratar alguns deles. Contrataram sete haitianos, sendo cinco do sexo masculino e duas do sexo feminino. A contratação aconteceu por meio de um intermediário que se apresentou como representante dos haitianos e que tentou receber dinheiro da empresa pela indicação dos trabalhadores.

[30] USD 72,72 (USD 1,00= R$ 2,20).

Uma dificuldade relatada pela diretora de RH refere-se à comunicação com os haitianos devido ao idioma *créole*. A empresa não tem ninguém que fale esse idioma e a maioria dos haitianos contratados não domina o português. Dos sete haitianos, cinco queriam alojamento, pois não tinham onde morar. Um deles é estudante de graduação numa universidade em Curitiba. O piso salarial oferecido pela empresa é de R$ 960,00[31], mais transporte e alimentação.

Segundo a entrevistada, os haitianos não possuem qualificação para atuar no setor de construção civil, mas receberam bem a proposta de trabalho e aprenderam rapidamente o serviço; hoje são considerados os melhores funcionários da empresa. Características dos haitianos apontadas pela diretora de RH: são muito organizados, apresentam grande capacidade educacional, são inteligentes e honestos: *"Os brasileiros estão perdendo feio para os haitianos, eles possuem melhor conduta e não têm vícios".* As duas haitianas contratadas trabalham no setor de limpeza. Elas têm assistência médica, via encaminhamento ao SUS, e receberam vacina H1N1. Apresentam dificuldades em relação à alimentação, pois o restaurante é terceirizado e nem sempre a refeição é como gostariam que fosse. Outra característica observada é a facilidade dos haitianos em lidar com a tecnologia, especialmente telefone celular e *tablets*. Tecnicamente precisam ser mais bem capacitados para a execução dos trabalhos. O mestre de obras da empresa tem cumprido esse papel, treinando-os em serviço.

Perguntamos se havia alguma forma escrita de comunicação em *créole* informando sobre o trabalho, itens de segurança etc., e a entrevistada afirmou que não, manifestando que seria uma boa proposta a ser implementada pela empresa.

Outra dificuldade relatada diz respeito ao pagamento do salário e aos descontos decorrentes deste. Os haitianos não conseguem entender sobre horas-extras e adicional noturno, especialmente após o segundo pagamento, pois para eles recebiam menos do que o valor acordado se considerados os descontos. Eles comparavam os salários uns dos outros, mas não entendiam que a diferença no valor variava conforme o número/turno de horas-extras trabalhadas. Esse assunto gerou muitos "burburinhos" entre os funcionários e alguns acabaram inclusive sendo demitidos, pois não conseguiram incorporar as normas da empresa. Depois desses

[31] USD 436,36 (USD 1,00 = R$ 2,20).

acontecimentos foram realizadas reuniões nas quais foram explicados os direitos e os deveres dos trabalhadores.

A entrevistada relatou também que os haitianos sofriam preconceito por parte da comunidade onde moravam e também estranhavam o clima frio de Curitiba. Os haitianos são os únicos estrangeiros na empresa, os demais funcionários são brasileiros. Atualmente, a empresa possui 15 funcionários haitianos; destes, duas são mulheres. O total de funcionários da empresa é de 80 pessoas, entre pessoal administrativo e de operação.

Uma preocupação demonstrada pela entrevistada é de que depois do investimento na capacitação, alguns haitianos iam para outro emprego. Relatou que começam a trabalhar se sentindo injustiçados, explorados e enganados o tempo todo – sentem-se maltratados pelo país, especialmente por causa do preconceito racial. A relação com os brasileiros parece ser mais distante. A empresa alugou casa para os trabalhadores haitianos e alguns brasileiros (brasileiros são barulhentos, bebem) e os vizinhos se queixaram (preconceito racial, medo de doenças e pelo fato de ser haitianos), de forma que os haitianos não puderam continuar no bairro.

No trabalho usam os equipamentos de segurança e têm acompanhamento de uma técnica da segurança do trabalho (não resistem ao uso dos equipamentos). A entrevistada citou que uma situação em que precisam melhorar é em relação ao cartão com endereço de moradia (fazem confusão com os endereços). Alguns alugaram casa no bairro alto, próximo à empresa. A entrevistada relatou também que os haitianos têm encontrado dificuldades, tais como: abertura de contas bancárias (entendimento, especialmente em relação às taxas cobradas), carteira de trabalho atualizada e problemas, também, com os sindicatos, que fazem campanha para se sindicalizarem e aí focam em reivindicações.

A empresa está sempre em contato com a Pastoral do Migrante para buscar soluções a fim de ajudar na resolução de problemas. O transporte para as obras é público. Os haitianos moram em repúblicas e alguns dos contratados apresentam problemas de hipertensão arterial, fazendo acompanhamento em unidades do SUS.

A entrevistada relatou também que outra grande dificuldade dos haitianos é quanto ao entendimento sobre os descontos na folha de pagamento, especialmente o desconto sobre seguro de vida e a taxa do sindicato. Como recebem pagamento mensal com adiantamento no dia 20, no final do mês acham que receberam pouco.

c) Diálogo com a empresa EcoPorto/Rondônia (julho/2013)

A empresa EcoPorto foi criada em Rondônia no ano de 2010. É concessionária da Prefeitura de Porto Velho (RO), responsável pela execução dos serviços de coleta, pela destinação final do lixo domiciliar e pelo tratamento de resíduos sólidos de saúde. A EcoPorto realiza a implantação, manutenção e operação do aterro sanitário, seguindo os padrões de proteção ao meio ambiente e à saúde pública, possuindo maquinário e veículos projetados exclusivamente para o manuseio desses resíduos. Uma usina de compostagem também será instalada na cidade e ficará responsável por transformar os resíduos orgânicos em adubo, reduzindo o volume de lixo destinado ao aterro. A EcoPorto atende mais de 426 mil habitantes da capital de Rondônia. Na operação trabalham cerca de 335 colaboradores e nesta está envolvida uma frota de modernos caminhões compactadores.

A EcoPorto, por meio da operação do Centro de Tratamento de Resíduos – CTR, realiza o gerenciamento dos resíduos hospitalares, fornecendo opções para tratamento e destino final, de forma a reduzir os riscos para a saúde humana e gerar o menor impacto para o meio ambiente. O CTR da EcoPorto é uma unidade com tecnologia de destruição térmica (incineração) em que a queima atende às exigências estabelecidas no Conselho Nacional do Meio Ambiente – Conama[32] 316/02, aprovado e licenciado pelos órgãos ambientais.

Em entrevista com o responsável pela Ecoporto de Porto Velho, teve-se ciência de que essa empresa possui um número representativo de haitianos, ou seja, 66% dos funcionários. O entrevistado afirmou que se pudesse só contrataria haitianos, pois estes são mais assíduos ao trabalho do que os brasileiros, não bebem, não são barulhentos etc. No início, em 2011, alguns haitianos tinham qualificação superior, mas atualmente, em média possuem a mesma qualificação dos brasileiros que trabalham na empresa.

As dificuldades apontadas pelo entrevistado em relação aos haitianos foram: não trabalham no sábado, não gostam de tomar vacina, não gostam de fazer capacitação, não falam o português e são mais propensos a acidentes,

[32] O Conselho é hoje o espaço democrático que recepciona as diferenças de opinião e pensamento e que também representa o ideal de luta pela consolidação da democracia dos últimos 30 anos. É o espaço legítimo para a mudança do meio ambiente no país.

especialmente nos joelhos e tornozelos. Diante da dificuldade relacionada ao idioma, uma alternativa encontrada pela empresa foi colocar todos os avisos e orientações em dois idiomas: português e *créole*.

Inicialmente, a empresa formou equipes mistas (brasileiros e haitianos), mas, depois de alguns meses observando que os haitianos eram maioria, formaram-se equipes específicas de haitianos.

A relação com os brasileiros foi difícil no início por causa do preconceito e dos ritmos diferenciados entre os trabalhadores; haitianos são mais lentos do que os brasileiros. A maioria optou por trabalhar à noite, talvez por medo do preconceito dos próprios compatriotas (sentimento de vergonha), o que levou a empresa a envolver os haitianos em outras funções.

Vale destacar que, conforme o entrevistado, a EcoPorto está muito satisfeita com trabalho dos haitianos, porém lamenta a rotatividade destes, o que a está levando a pensar estratégias para a permanência deles por mais tempo na empresa. Alegaram que o fator ambiental (calor, poeira, chuva etc.) torna a atividade muito difícil e cansativa.

Em relação ao salário, a empresa paga em média de R$1.000,00 a R$ 1.500,00[33], além de oferecer alguns benefícios, como café, refeição e assistência à saúde. O entrevistado apontou que os haitianos têm muita dificuldade para entender os descontos previstos na legislação brasileira. Relatou que já fizeram duas paralisações por causa da diferença entre salário bruto e salário líquido. Diante disso, a empresa capacitou uma equipe para entregar, antes do dia do pagamento, um espelho do contracheque aos haitianos e explicar para cada trabalhador o salário e os descontos e esclarecer quaisquer dúvidas.

Observamos que a empresa tem placa em *créole* informando que não há vaga, mas atendem aqueles que insistem ou demonstram necessidades, como, por exemplo, fome.

Por fim, o entrevistado avaliou como muito bom o desempenho dos haitianos e destacou que são mais limpos, honestos, assíduos e inteligentes do que os brasileiros. Manifestou desejo de escrever um livro sobre a produtividade dos haitianos, pois tem material e reflexões para isso.

[33] USD 454,54 a USD 681,81 (USD 1,00 = R$ 2,20).

d) Empresa Tropeira Alimentos/Contagem (RMBH) (janeiro/2014)

A marca Tropeira Alimentos surgiu das origens históricas dos produtos, isso para manter o vínculo essencial com o melhor da tradição mineira e não sucumbir ao lugar comum do sabor artificial da maioria dos alimentos industrializados. No decorrer de sua história, a Tropeira Alimentos investiu no treinamento dos funcionários, em pesquisa de novas e melhores tecnologias visando a um aperfeiçoamento contínuo dos serviços e produtos. Com perseverança e serenidade na condução dos negócios, a empresa consolidou-se no mercado de Minas Gerais e encontra-se em pleno processo de expansão para os demais estados da região Sudeste brasileira. O crescimento constante e sustentado, o respeito ao meio ambiente e a integração à comunidade, assim como os investimentos em pesquisa e tecnologia, permitem vislumbrar um futuro próspero.

O contato com essa empresa foi feito com uma das coordenadoras do setor de recursos humanos. Segundo ela, a empresa é de *"natureza familiar e nela o respeito aos funcionários, a qualidade de vida, o desejo de ajudar são muito fortes. A diretoria se preocupa com o funcionário, tem espírito humanitário forte. Aqui o ser humano é ser humano".*

A empresa tem 515 funcionários. Sobre a contratação de haitianos, ela relatou que uma gerente era membro de uma Igreja Evangélica e foi no contato com os pastores dessa igreja que teve notícias sobre a possibilidade com a mão de obra haitiana. Então, a Tropeira contratou 20 haitianos, homens e mulheres. *"A empresa alugou e montou casas para eles, deu todas as condições para que eles pudessem começar a vida no município. A empresa deu toda a assistência para eles, cortaram o cabelo, deram roupas, enfim, proporcionou o começo para eles aqui. E nas igrejas eles tiveram aulas de português. Tem uns que não falam nada do português, têm outros que falam direitinho, dá para conversar tranquilamente. Outros entendem o português somente quando é conveniente. Isso tem mais ou menos dois anos. Os demais funcionários foram preparados para recebê-los, a empresa mostrou toda a realidade da cultura haitiana e assim, os funcionários se identificaram com eles. Todos eles foram bem recebidos na empresa".*

Atualmente, a empresa está com nove haitianos. Dos 20 contratados inicialmente, alguns foram para São Paulo em busca de emprego para ganhar um pouco mais. Um haitiano foi para Cuba estudar Medicina (esse foi um dos melhores

funcionários que a Tropeira já teve) e conseguiu corresponder à expectativa da empresa. Até hoje mantém contato e agradece pelo que a empresa fez por ele.

A entrevistada relatou que percebe diferenças gritantes entre eles – *"alguns reconhecem o esforço da empresa, outros não aceitam e não se propõem a fazer nada diferente do que foi acordado. Por exemplo, faltou alguém de outro setor, aí pediram para ele substituir essa pessoa e eles não quiseram, afirmando que vieram aqui para fazer isso"* (função delegada a funcionário ao ser contratado). Se uma atividade é modificada, os haitianos se recusam a fazê-la. Segundo ela, um deles criou muitos conflitos na empresa. Foram feitas diversas tentativas para que o trabalhador se adaptasse, mas ao final não houve condições de continuar com ele.

Uma grande dificuldade apresentada pelos trabalhadores haitianos, segundo a entrevistada, refere-se ao entendimento dos descontos. Ela relatou o caso de um haitiano que em situação de rescisão de contrato não aceitou o acerto proposto porque era sobre um salário maior do que aquele combinado. *"Por mais que expliquemos, que ele entrou com um salário e teve um aumento, ele não entendia, dizendo que estava errado e que estava sendo enganado pela empresa. Alguns têm pouca capacidade de entendimento de determinadas situações, outros já apresentam capacidade maior de entendimento. Alguns se adaptaram às normas da empresa e ao trabalho, outros não, eles são muito diferentes. Foi necessária muita paciência com eles".*

Dentre os que estão na empresa hoje, um é braço direito da liderança de um setor, é pessoa de confiança, corresponde ao que é solicitado a ele. Outros não conseguiram se adaptar e foram desligados.

Por se tratar de indústria de alimentos, a questão da higienização é severa, então se exige que façam a barba todos os dias, mantenham as unhas sempre muito limpas e sem esmalte, não podendo usar brincos, anéis, sendo que as mulheres não podem usar maquiagem etc. Muitos haitianos apresentaram dificuldade em atender essas regras, mesmo com explicações sobre os riscos de contaminação dos alimentos. *O trabalho de explicação e convencimento quanto às regras foi árduo.*

Os que ficaram até hoje, sete homens e duas mulheres, aparentam tranquilidade. Destes nove, cinco ainda estão na casa alugada pela empresa e já foram comunicados que poderão ficar até outubro, *"pois eles precisam assumir seus próprios compromissos. Diante disso, as mulheres, rapidinho, entenderam as*

orientações da empresa e se mudaram; as mulheres haitianas têm mais atitude. Mas alguns homens são mais difíceis". Um dos haitianos que sabe o português sempre colabora explicando para os demais as demandas e normas da empresa.

Ainda conforme relato da entrevistada, os haitianos são mais lentos e pouco colaborativos no caso de serem solicitados para desenvolver outras atividades que não aquelas para as quais foram contratados. Os motivos de desligamento mais frequentes são: dificuldade de trabalhar em equipe (entre brasileiros e haitianos), higienização, comportamento e faltas sem avisar.

Vale ressaltar que, segundo depoimento da entrevistada, os haitianos foram bem recebidos pelos funcionários, pois estes realizaram um treinamento sobre a cultura haitiana e foram preparados para receber os haitianos e para conviver bem com eles.

Em relação à pergunta sobre o que o governo brasileiro poderia fazer para minimizar os problemas vividos pelos haitianos, a entrevistada aponta que deve ser feito um nivelamento dos emigrantes mostrando a cultura brasileira e a legislação trabalhista.

5.3 Diálogo com as Pastorais e/ou Centro de Atendimento a Migrantes

Diálogo com o Pe. Paolo, da Casa do Imigrante de São Paulo/Scalabrinianos de São Paulo (julho/2013)

Inicialmente, o Pe. Paolo relatou o surgimento da Congregação dos Scalabrinianos ou Missionários de São Carlos, membros da Congregação religiosa fundada por Dom João Batista Scalabrini, bispo de Piacenza, na Itália, com a finalidade de servir e acolher migrantes de diferentes raças, etnias, culturas e religiões espalhados nos cinco continentes do mundo.

No Brasil, o trabalho dos scalabrinianos surgiu nos anos 39 e 40 no bairro da Liberdade em razão da imigração italiana. Os migrantes italianos montaram a primeira estrutura para a atuação dos scalabrinianos em São Paulo, *"na tentativa de acompanhar os migrantes italianos de uma maneira integral, com a parte religiosa, a igreja, a creche, a escola, teatro, cinema, tinha toda uma estrutura, quadra, isso era o ideal".*

Conforme o entrevistado, com a evolução do trabalho no passar dos anos, começaram a ser acolhidos também coreanos, vietnamitas, pessoas que fugiam da ditadura do Chile, da Argentina, de outros lugares. Na década de 80, começaram a chegar os migrantes latino-americanos. E em 2013, o grande fenômeno mencionado foi a chegada de africanos. O Centro Scalabriniano em São Paulo tornou-se um ponto de referência para todas as nacionalidades.

Pe. Paolo falou também da Missão Paz, entidade cujo trabalho é desenvolvido pelos missionários scalabrinianos e seus colaboradores em São Paulo, com o intuito de acolher, entender, integrar e celebrar a vida dos imigrantes e refugiados, sonhando com a cidadania universal. Essa entidade engloba a Casa do Migrante, onde há 110 pessoas acolhidas diariamente; o Centro do Estudo Migratório, que antigamente era situado no Ipiranga e agora está no bairro da Liberdade; e o Centro Pastoral e de Mediação dos Migrantes – CPMM (resultante da fusão entre o Centro Pastoral dos Migrantes – CPM e o Programa de Mediação), assentado em cinco eixos: **trabalho, jurídico/regularização, saúde, comunidade/família e educação.**

O CPMM, segundo o entrevistado, atua em parceria com a Cáritas de São Paulo, entidade que trabalha com refugiados providenciando toda a documentação em relação aos imigrantes. Depois da documentação (jurídico) tem a parte da educação, todo o problema da creche e de escola para as crianças, sendo que atualmente está sendo desenvolvido um projeto-piloto no bairro Ipiranga com filhos de bolivianos e peruanos, e um chinês também. Depois há ainda o trabalho na área da saúde, sensibilizando os profissionais para o atendimento aos migrantes.

A entidade hospeda muitos imigrantes e, quando eles começam a trabalhar, saem à procura de um lugar, um espaço para alugar. Quem fica mais tempo é a mulher migrante com crianças e pessoas que estão doentes. Vários são os parceiros que colaboram para um atendimento eficaz aos migrantes, entre eles a Universidade de São Paulo (USP) e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Muitos imigrantes, depois de conseguir toda a documentação, abrem suas próprias empresas, como os bolivianos e alguns imigrantes do Congo. Mesmo para estes, são promovidas palestras, no sentido de sensibilizar sobre a importância da legislação para um negócio próprio.

O entrevistado relatou casos de trabalho escravo envolvendo imigrantes estrangeiros, que acontecem em empresas que terceirizam o trabalho e que são

difíceis de fiscalizar. Relatou também casos de famílias que montam seus próprios negócios em casa, especialmente na área de costura/confecção. Elas compram suas máquinas de costura, trabalham muito e depois mandam para as empresas e recebem por peça produzida. Outro ponto abordado, ainda sobre a questão da terceirização, são os microempreendimentos de coreanos, bolivianos e paraguaios que montam suas oficinas trazendo pessoas de seus países para explorá-las no trabalho.

Algumas dificuldades enfrentadas pelos imigrantes estrangeiros apontadas pelo entrevistado são: o idioma, a burocracia para se conseguir a documentação e o acesso à moradia. Para os haitianos que a Missão Paz tem atendido, segundo o Pe. Paolo, as dificuldades são ainda maiores: o idioma *créole* é muito difícil; aprender o português também não é fácil; as moradias são cortiços; no trabalho, as maiores dificuldades têm sido entender a legislação trabalhista, sobretudo os descontos, pois os imigrantes não acham os descontos justos. Para esses casos, a Missão Paz disponibiliza um advogado que explica como a legislação funciona no Brasil, quais são os direitos e deveres de qualquer trabalhador, além de oferecer cursos de capacitação para o trabalho.

Uma vez encaminhados, os imigrantes voltam à entidade para visitar e dar notícias sobre o trabalho, os estudos e para informar se estão sendo bem-sucedidos ou não. Muitos mantêm relação de amizade com os funcionários.

Os imigrantes costumar permanecer na Casa do Migrante por um período de quatro a seis meses de acolhida. Esse período varia muito, tendo em vista a situação de vulnerabilidade com a qual chegam de seus países. O entrevistado relatou o caso de um casal boliviano: *"eles estavam com os dois filhos, um menino de 2 anos e uma menina de 7. Ele teve câncer, e assim que foi descoberta a doença, ele foi mandado embora da oficina de costura. Eles vieram aqui, ajudamos a levar as crianças para a Bolívia, estão com os avós, ele está fazendo tratamento contra o câncer e ela trabalhando no setor de limpeza de um hospital. Ele falta fazer ainda quatro seções de quimioterapia e voltará a trabalhar, e já estão aqui há 8 meses. Temos uma grávida que foi mandada embora da oficina de costura porque descobriram sua gravidez".*

Em 2013, conforme relato do entrevistado, chegaram muitos haitianos, que conseguem a documentação e vão em busca de trabalho. *"Agora temos muito haitianos pedindo ajuda, são os que chegaram no passado e agora estão chegando*

as esposas. Por esperarem um salário maior, eles se decepcionam com o salário que recebem".

Novamente, o entrevistado frisou a importância das parcerias que a entidade possui com órgãos do estado, do governo federal, especialmente com o CNIg e com a prefeitura local. Relatou que estão abrindo uma Casa do Migrante em Manaus.

A entidade possui um centro de estudos com biblioteca especializada em imigração e tem a Revista Travessia, na qual são publicados resultados de pesquisas, estudos e artigos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fluxo migratório de haitianos para o Brasil não é um fenômeno passageiro e tende a se perpetuar, como tantos outros processos migratórios que ocorreram no país. As características únicas desse fluxo, como, por exemplo, a chegada em volume crescente de naturais de um país que não tem fronteira com o Brasil, situação que não se conhecia desde a primeira metade do século XX, ou o processo de regularização do *status* migratório, favorecido por resoluções aplicáveis exclusivamente aos haitianos, colocam desafios à sociedade brasileira.

Se no início eram poucos, com o tempo o fluxo aumentou e redes foram se formando, de tal sorte que, como em todo processo migratório, o crescimento foi se dando de forma exponencial. Das não mais de poucas dezenas de imigrantes haitianos no Brasil em 2010, chega-se a 2014 com estimativas que ultrapassam vários milhares.

As ações do governo federal buscaram ordenar esse fluxo, mas as autoridades foram ultrapassadas por fatos e situações de extrema vulnerabilidade que se instalaram em alguns municípios do país, principalmente nas cidades da fronteira norte, local de entrada da maior parte dos imigrantes haitianos.

Nesse cenário, a participação da sociedade civil foi fundamental, principalmente da Pastoral da Mobilidade Humana e da CNBB que, em parceria com o poder público e com o auxílio da sociedade local, conseguiu minimizar os problemas causados pela chegada dos imigrantes haitianos que hoje estão espalhados por praticamente todo o território nacional.

É no contexto desse processo que se inscreveu esta pesquisa, juntamente com outros levantamentos realizados no Haiti, Equador, Peru e Bolívia, aprofundando a análise desse fluxo migratório considerando a origem, o trajeto e o destino dos imigrantes haitianos.

No trabalho realizado no Brasil, buscou-se conhecer o perfil do imigrante haitiano utilizando registros administrativos de várias fontes e também, por meio de uma pesquisa que ouviu 340 imigrantes, a realidade vivenciada por eles no país. Ao mesmo tempo, aplicando técnicas de levantamentos qualitativos, procurou-se o aprofundamento no conhecimento da visão dessas pessoas sobre o processo migratório e as suas principais demandas.

O grupo dos imigrantes haitianos é formado, em sua maioria, por homens. No início do processo, praticamente todos os imigrantes eram do sexo masculino. Com a formação das redes e o estabelecimento dos primeiros imigrantes, surgiram as situações de reunificação familiar e a ampliação da chegada de mulheres e crianças, colocando novos desafios para seu acolhimento nas regiões de fronteira.

A maioria desses imigrantes tem idade compreendida entre 20 e 50 anos. São poucas as pessoas de mais idade e parte das crianças já é detentora da nacionalidade brasileira, pois nasceu no país.

Como observado em outros países (GÓIS, 2009), a migração dos haitianos para o Brasil seguiu o padrão em que aqueles com maior qualificação predominavam no primeiro grupo que chegou em 2010 e 2011. Nos anos seguintes, houve o crescimento da participação daqueles que, apesar de um menor nível de instrução, estavam, antes de emigrar, em ocupações técnicas, em sua maioria na área da construção civil. No entanto, em momento recente, observou-se a ampliação do número de pessoas com mais baixo nível de instrução dentre aqueles que chegam ao país. Mesmo que a confirmação dessa situação exija trabalho mais aprofundado, avaliando certificados de conclusão de séries e a equivalência de séries e graus do ensino nos dois países, foi possível, durante o trabalho de campo, identificar entrevistados que tinham muita dificuldade de ler e mesmo de se expressar no seu idioma materno.

A pouca instrução, as dificuldades com o aprendizado da língua portuguesa e a impossibilidade de conseguir a equivalência de diplomas levou a maioria dos haitianos a buscar trabalho em ocupações que exigiam pouca qualificação, como na construção civil, em atividades auxiliares ou em linhas de montagem industrial. Durante o levantamento, com frequência encontraram-se pessoas de nível universitário em linhas de montagem ou como auxiliares de pedreiro. Em se tratando das mulheres a situação é mais delicada, pois ao lado das dificuldades com o idioma, soma-se a pouca oferta de postos de trabalho para elas. As ofertas de emprego são, em sua maioria, no setor de serviços domésticos, onde há necessidade de maior interação patrão e empregado, dificultada pela barreira linguística.

Os postos de trabalho ocupados pelos haitianos são, na maioria dos casos, de baixa remuneração, com salários que variam entre um a um salário mínimo e meio. Ao considerar os gastos para se manter no Brasil, a maioria dos imigrantes

não consegue poupar o suficiente para enviar remessas às famílias e pagar as dívidas contraídas com os coiotes para fazer a viagem. Tal situação leva alguns a dividir moradias insalubres e a reduzir os gastos ao mínimo necessário para sobreviver, fazendo a estada no país de destino ser pior do que a situação vivenciada no Haiti.

Os relatos sobre o trajeto entre o Haiti e o Brasil seguem um padrão ouvido em vários depoimentos. Partindo de Porto Príncipe ou da República Dominicana, os imigrantes seguem até o Equador e daí, por via terrestre ou fluvial, chegam ao Brasil passando pelo Peru e, em alguns casos, pela Bolívia. Os que conseguem obter o visto nas repartições consulares brasileiras seguem diretamente para a cidade de destino, partindo, na maioria dos casos, do Haiti. Tanto nos grupos focais como nas entrevistas foram relatadas várias dificuldades que os haitianos encontraram no trajeto até o Brasil. Ficou evidente que no Peru há uma rede de exploração formada por coiotes da qual fazem parte policiais e oficiais da imigração. Essa rede subtrai bens e dinheiro dos imigrantes e, em alguns casos, extorque recursos via sequestros e prisões ilegais, obrigando os imigrantes a solicitar ajuda às famílias no Haiti. A rede de tráfico de imigrantes está muito bem montada e com o passar dos anos foi se especializando, de forma que já é possível sair do Haiti e chegar ao Brasil em menos de uma semana, trajeto que, nos primeiros anos, no início do fluxo migratório, levava semanas ou até meses para ser completado.

O levantamento demonstrou também que poucos são aqueles que conhecem os seus direitos como imigrantes ou como acessar as políticas públicas. Em algumas entrevistas foi possível encontrar pessoas que atenderiam a todos os requisitos para o acesso à assistência social, mas por desconhecimento dos trâmites não reivindicaram os seus direitos. Tal situação mostra a necessidade de uma postura mais ativa do poder público na busca de contato e de esclarecimento a esse seguimento populacional, desafio que se torna maior frente à questão do idioma.

Mesmo com todas as dificuldades relatadas nos trajetos e na vivência no Brasil, a maioria dos que participaram da pesquisa avalia o processo migratório de forma positiva. Para estes, o que encontraram no Brasil foi melhor do que o que tinham no Haiti, sobretudo a esperança de poder construir um futuro melhor, tanto para eles como para os próprios filhos. Aqueles que vêm com reservas à migração para o país buscam poupar recursos para seguir para outros destinos ou mesmo para retornar ao Haiti.

Ouvindo os relatos das experiências, e com o auxílio dos próprios imigrantes, foi possível construir um quadro de sugestões que poderiam contribuir para reduzir a vulnerabilidade a que são expostos durante o trajeto entre o Haiti e o Brasil e também os problemas encontrados no país de destino.

Ainda que muitas das reivindicações apresentadas fujam da alçada governamental e não se enquadrem em um plano que possa contar com o concurso da sociedade civil, como a redução de tarifas telefônicas, valor de aluguel, aumento salarial, dentre outras, foi possível identificar alguns pontos que, efetivamente, poderão ser analisados no âmbito dos governos envolvidos.

O primeiro ponto desse caminho seria o estabelecimento de um diálogo bilateral entre as autoridades governamentais do Brasil e do Haiti, no sentido de propor ações conjuntas para coibir o tráfico de imigrantes e criar facilidades para a obtenção da documentação necessária para o visto junto às repartições consulares brasileiras. Este processo de diálogo é parte do objetivo maior da proposta da OIM no âmbito da pesquisa sobre a migração haitiana para o Brasil e já teve início com a realização de duas reuniões[34] com a participação de representantes de governo e da sociedade civil organizada dos dois países.

A divulgação de informações sobre as condições de vida no Brasil que tratam, entre outras situações, de salários e mercado de trabalho e da conscientização dos candidatos à migração quanto aos perigos da emigração não documentada foram apontadas como medidas que poderiam contribuir para reduzir a vulnerabilidade dos imigrantes no trajeto e permitir a tomada de decisão sobre a emigração, sabendo o que se vai encontrar no destino e não confiando somente nas falsas promessas dos coiotes.

A questão do reconhecimento de diplomas de forma a permitir aos haitianos o seguimento dos estudos no Brasil também foi colocada como prioridade para garantir condições de ascensão no mercado laboral. No entanto, os imigrantes reconhecem que a possibilidade de acesso ao ensino no país passa pelo aprendizado do português.

Ao tratar dos problemas relacionados ao processo de regularização da situação migratória no Brasil, além de ficar patente a necessidade de se agilizar esses processos, surgiu também a sugestão de que núcleos de apoio fossem

[34] Reunião em Porto Príncipe em setembro de 2013. Reunião em Brasília em dezembro de 2013.

criados nas regiões onde se concentra um maior número de imigrantes. Essa descentralização permitiria a agilização dos processos e a melhoria dos serviços. Outro ponto que parece relevante é a possibilidade de contar com pessoal que entenda o idioma *créole* ou o francês nos pontos de atendimento aos imigrantes.

O levantamento mostrou que, apesar de todas as medidas tomadas pelo governo, algumas louváveis como a RN n.º 97, a questão da migração dos haitianos para o Brasil ainda é um problema que necessita de uma ação coordenada e não de ações pontuais. Não se pode colocar ênfase em uma só direção, como a regularização do *status* migratório, mas é preciso se pensar em políticas que possam permitir a integração dos haitianos na sociedade brasileira, como assim fizeram vários outros imigrantes que aqui chegaram no passado.

Trata-se, sem a menor sombra de dúvida, de um processo longo e que deverá contar com a participação da sociedade civil, do governo e de organismos internacionais como a OIM, que agora tem pela frente a responsabilidade de dar respostas às demandas da comunidade dos haitianos e levar o país a se tornar um exemplo no respeito aos direitos humanos dos imigrantes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. 2012.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. 2012.

CHAVES, Elizeu. **Um olhar sobre o Haiti**: refúgio e migração como parte da história. LGE Editora. Brasília. 2008.

CONSELHO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO – CNIg. Ata da reunião extraordinária do CNIg. Janeiro de 2012. **Ministério do Trabalho e Emprego**. Acesso em 20/10/2013. http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A36A27C140137E0DAB22838B5/Ata%20Reunião%20Extraordinária%20janeiro-2012%20v2.pdf

COSTA, Pe. Gelmino A. Haitianos em Manaus: dois anos de imigração – e agora!. **Travessia – Revista do Migrante**, nº 70, São Paulo, 2012.

COTINGUIBA, Geraldo C.; PIMENTEL, Marilia L. Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho. **Travessia – Revista do Migrante**, nº 70, São Paulo, 2012.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008 - ISSN 1980-7031

FARIA, Andressa V. **A DIÁSPORA HAITIANA PARA O BRASIL:** o novo fluxo migratório (2010-2012). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG, 2012.

FERNANDES, Duval; NUNAN, Carolina, O Imigrante brasileiro na Espanha: perfil e a situação de vida em Madri. **Anais do XVI Encontro da ABEP**. Caxambu. 2008. Acesso 20/11/2013. http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1160.pdf

FERNANDES, Duval; MILESI, Rosita; PIMENTA, Bruna; do CARMO, Vanessa. Migração dos haitianos para o Brasil a RN nº 97/2012: uma avaliação preliminar. **Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania**, vol. 8 n° 8 IMDH/ACNUR. Brasília. 2013.

FERNANDES, Jéssica. Operação Haiti: ação humanitária ou interesse político para o Brasil?. **Conjuntura internacional**. nº 22. PUC Minas. 2010

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n.2, Mar./Abr. 1995.

GÓIS, Pedro et al. , "Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal", in PADILLA, Beatriz e XAVIER, Maria (org.), **Revista**

HATIAN DIASPORA - http://haitiandiaspora.com/ (acesso 03/03/13)

PADILHA, Beatriz; XAVIER, Maria (Orgs.) **Revista Migrações** - Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina, Outubro 2009, n.º 5, Lisboa: ACIDI, pp. 111-133

JACKSON, Regine Les espaces haitiens: remapping the geography of the haitian diáspora. In **Geographies of the Haitian diaspora Routledge**. New York. 2011.

MAANEN, John Van. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface, In: **Administrative Science Quarterly**, vol. 24, n. 4, December 1979.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento científico:** pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1994

PATARRA, Neide; FERNANDES, Duval Brasil: país de imigração? In **Revista Internacional em Língua Portuguesa.** Migrações III Série nº 24 . 2011 – ISSN 2182-4452.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.

SILVA, Sidney. Brazil, a new eldorado for immigrants?: the case of haitians and the brazilian immigration policy. In: **Urbanities**, Vol. 3 nº 2 Novembre 2013.

WORLD BANK The Migration and remittance fact book-2011. World Banck Washington. (http://siteresources.worldbank.org/INTPROSPECTS/Resources/334934-1199807908806/Haiti.pdf) (acesso 03/03/13).

ANEXOS

Roteiro Grupo Focal

International Organization for Migration (IOM)
Organisation internationale pour les migrations (OIM)
Organización Internacional para las Migraciones (OIM)

Deklarasyon Konsantman/*konsantre gwoup*

Bonswa, non pa'm se ..... M'ap kolabore ak OIM (Òganizyon Entènasyonal Migrasyon yo.) nan yon etid kap fèt lavil Manaus sou entegrasyon migran ayisyen yo nan peyi brezil. Ou fè pati de moun yo te chwazi e ki envite pou patisipe nan rechèch la ak nan gwoup moun ki gen pou diskite yo.
Mwen pral poze w kèk kesyon sou eksperyans pa'w la nan peyi brezil, sou kijan sante w ye, edikasyon w, fanmi w, elatriye. Tout moun ap jwenn okazyon pou yo reponn, men youn aprè lòt pou etid la ka byen fèt.
Pou nou ka reyisi ak etid sa, chak moun ki nan gwoup yo ta dwe patisipe nan diskisyon yo. Si nou bay tout fòs nou nan diskisyon yo, chak gren entèvasyon ap pèmèt nou egzamine pa yon lòt patisipan.
Nou vle di w ke nou pap likide idantitew, lap toujou rete sekrè e rezilta etid sa a pap prezante kòm sa yon grenn moun te di, men toujou rezime sa gwoup la te di. Nan sans sa, nou pap likide idantite w tou, ni lè travay sa fini nèt, ni lè y'ap itilize l nan piblikasyon pou edikasyon osnon syantifik. Vi prive w asire e patisipasyon nan diskisyon sa a se pou etid la. Tout dokiman kap anrejistre enfòmasyon sou sa w te di pral vin detwi apre rechèch la fini.
Patisipasyon pa w la se yon ak volontè e li enpòtan anpil. Nou konte sou kolaborasyon w, men ou ka bay vag nan nenpòt ki moman, san pwoblèm si desizyon w se pou pa patisipe ankò.
Responsab rechèch la (Pwofesè Duval Magalhaes Fernandes) ka reponn ak tout kesyon ou ta renmen poze sou etid la, kontakte li nan email sa (duval@pucminas.br) osnon nan nimewo telefòn sa 031 3319 4241.

Mwen bay konsantman'm ak volonte pou'm patisipe nan etid sa. Mwen otorize OIM pou'l ranmase, itilize, pibliye e dispose enfòmasyon pèsonèl mwen yo pou'l fè sa'l di l'ap fè jan deklarasyon an di a. Mwen deklare ke :

- Mwen te enfòme de objektif rechèch la se pou tèt sa yo ka pran enfòmasyon mwen yo pou yo fè sa yo di yap fè selon jan deklarasyon an di a.
- Mwen konprann ke enfòmasyon mwen yo ka ititlize, pibliye an plis de rechèch la men gen lòt etid ak piblikasyon ki ka sanble ak pa m nan.
- Tout enfòmasyon mw bay yo pa gen manti ladan yo, se selon sa mwen konprann.
- Mwen o kouran de tout sa ki di nan deklarasyon konsantman sa a, ke mwen te li e tradwi.
- Map patisipe nan etid sa ak pwòp volonte mwen e mwen lib pou m bay OIM otorizasyon pou li trete tout enfòmasyon mwen bay yo.

_____
Non ak siyati entèrprèt la (tanpri ekril ak lèt detache)

_____
Non ak siyati patisipan an (tanpri ekril ak lèt detache)

Mèsi pou kowoperasyon w e konfyans ou fè nou.

Date ___/___/___

International Organization for Migration (IOM)
Organisation internationale pour les migrations (OIM)
Organización Internacional para las Migraciones (OIM)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/*GRUPO FOCAL*

Boa noite, meu nome _____. Estou colaborando com a Organização Internacional para as Migrações – OIM em um estudo em _____ sobre a integração da população migrante haitiana no Brasil. Você foi convidado(a) e selecionado(a) para participar da pesquisa, por meio deste grupo focal ou grupo.

Vou fazer algumas perguntas sobre a sua migração para o Brasil, sobre sua saúde, sobre Educação, sobre sua família, entre outras. E todos(os) terão oportunidade de responder, porém, um(a) de cada vez, para garantirmos um bom resultado do trabalho.

Para o sucesso deste estudo a sua especial colaboração em participar efetivamente do grupo focal é indispensável. As discussões poderão, com o seu consentimento, ser gravadas, para melhor examinarmos as percepções de todos(as) ao(as) participantes.

Esclarecemos que sua identidade será mantida em sigilo. Os resultados do estudo serão sempre apresentados como o retrato de um grupo e não de uma pessoa. Dessa forma, você não será identificado(a) quando o material ou seu registro for utilizado, seja para propósito de publicação científica ou educativa. A sua privacidade será assegurada e as gravações realizadas serão somente para utilização do estudo. Após a utilização poderão ser destruídas.

Sua participação é voluntária e muito importante. Contamos com sua colaboração. Entretanto, você poderá se recusar a qualquer momento, não havendo nenhum dano pessoal, caso sua decisão seja a de não participar.

O pesquisador responsável (Professor Duval Magalhaes Fernandes) poderá esclarecer quaisquer dúvidas sobre o estudo, bastando contato por e-mail (duval@pucminas.br).

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo. Autorizo a OIM a coletar, usar, divulgar e dispor de meus dados pessoais para os fins declarados neste documento. Declaro que:

- Fui informado sobre os objetivos desta pesquisa, motivo pelo qual meus dados serão coletados, usados, divulgados, conforme descrito acima.
- Compreendo que meus dados poderão ser usados e divulgados, além desta pesquisa, para estudos e publicações que tenham objetivos afins.
- As informações que forneci são verdadeiras e corretas, refletindo o melhor de meu entendimento.
- Tomei conhecimento do conteúdo deste consentimento informado através das declarações acima, que foram lidas/traduzidas para mim.
- Participo deste estudo voluntariamente e dou meu consentimento livremente à coleta e ao processamento de meus dados pessoais pela OIM.

_____

Nome (em letra de forma) e Assinatura da Intérprete

_____

Nome do participante (em letra de forma) e Assinatura da participante

Obrigado pela sua colaboração e por merecer sua confiança.

Data ____/____/____

PERFIL DOS PARTICIPANTES DO GRUPO FOCAL COM MIGRANTES HAITIANOS

Dados de identificação

Nome

(Ficitio)_____

Idade: _____ **Sexo:** Feminino ( ) Masculino ( )

Estado civil: Solteiro(a) ( ) Viúvo(a) ( ) Separado(a)/divorciado(a) ( )
Casado(a) ( ) Vivendo Junto ( )

Escolaridade/Grau de Instrução: _____

Estuda atualmente? ( ) Sim ( ) Não **Que curso?**
_____

Tem outra nacionalidade além da haitiana? ( ) Sim ( ) Não **Qual** _____

Cidade de origem: _____**Província**:_____

Ocupação na cidade de origem: _____

Ocupação atual: _____

Tipo de contrato de trabalho: ( ) Formal ( ) Informal

Quando e por que motivo veio para o Brasil? _____

Como foi a entrada no Brasil: Refúgio/visto humanitário ( )
Visto do consulado em Port-au-Prince ( )

Por qual cidade entrou no Brasil?_____

Tempo de permanência no Brasil? ( ) dias ( ) meses
Em Porto Velho/Rondônia? ( ) dias ( ) meses

OIM Organização Internacional para as Migrações

ROTEIRO PARA GRUPO FOCAL COM MIGRANTES HAITIANOS

1. **Processo migratório**
   - 1.1 Quando saiu do seu País?
   - 1.2 Quando chegou?
   - 1.3 Por quais motivos saiu?
   - 1.4 Qual o trajeto feito?
   - 1.5 Veio com alguém?
   - 1.6 Condução utilizada?
   - 1.7 Recebeu ajuda para a viagem?
     - 1.7.1 Quem lhe ajudou?
     - 1.7.2 Quanto pagou pela ajuda?
     - 1.7.3 Está devendo algo por esta ajuda?)
   - 1.8 Aconteceu algo de ruim no trajeto até o Brasil?
   - 1.9 O que mais te assustou ou deixou com medo?

2. **Moradia.**
   - 2.1 Como você vivenciou ou vive a questão da moradia? (onde reside ou já residiu no Brasil?)
   - 2.2 Tipo de residência (apartamento individual Pensão/Residência universitária/Casas de família/aluguel de quarto/Alugada, cedida)
   - 2.3 Divide apartamento ou casa com alguém?
   - 2.4 Dificuldades sentidas no aspecto da moradia.

3. **Trabalho. Como vivenciou a situação de trabalho no Brasil.**
   - 3.1 Como conseguiu o primeiro emprego no Brasil?
   - 3.2 Onde e qual era a ocupação?
   - 3.3 Você continua na mesma ocupação?
   - 3.4 Quantas vezes você mudou de trabalho desde a sua chegada?
   - 3.5 Qual foi o tipo de contrato?
   - 3.6 Salario?
   - 3.7 Condições de trabalho (equipamento adequados ou inadequados/horários ou jornadas/pagamento declarado em folha/horas extras).
   - 3.8 Rendimento familiar mensal?
   - 3.9 É suficiente para viver?
   - 3.10 Conseguiu poupar algum dinheiro?
   - 3.10.1 Para que? (remessas, comprar algo no Brasil?)

4. **Educação.**
   - 4.1 Você frequentou alguma Escola no Brasil?
     - 4.1.1 Era Escola Pública ou Privada?
   - 4.2 Como foi sua entrada para a Escola?
   - 4.3 Você estuda o português?
   - 4.4 Como se comunica com os brasileiros? Você tem filhos em idade escolar?

4.4.1 Eles frequentam escolas brasileiras?
4.4.2 Como foi o acesso à Escola?
4.4.3 Ela era pública ou privada?
4.4.4 A questão da documentação ou ausência desta impactou no acesso a educação?
4.4.5 Como está sendo o nível de aproveitamento escolar dos seus filhos?
4.4.6 Quais as razões de eventuais dificuldades escolares enfrentadas por você ou pelos filhos?
4.4.7 Eles tiveram dificuldades de relacionamento com colegas ou professores?
4.4.8 E dificuldades com o idioma?

5. **Saúde.**
   5.1 Você ou alguém da família precisou utilizar os serviços de saúde no Brasil?
   5.1.1 Em que situação/doença?
   5.2 Você utiliza o serviço de saúde pública (SUS)?
   5.3 Tem plano de saúde ou paga as consultas e exames particulares?
   5.4 Como foram recebidos/atendidos? (em relação ao SUS ou particular?)
   5.5 Vocês conhecem os seus direitos em assistência a saúde?
   5.6 E em assistência à saúde da mulher?
   5.7 Fazem exames de prevenção (câncer de mama e colo uterino) com frequência?
   5.8 Participa de atividade de planejamento familiar: métodos contraceptivos?
   5.9 E sobre prevenção de doenças sexualmente transmissíveis?
      5.9.1 Pré-Natal?
      5.9.2 Outros?

6. **Família.**
   6.1 Quais os membros da família por quem se sente responsável.
   6.2 Existe dependência social e financeira de algum membro da família, no período que está no Brasil (Pessoas no Haiti)?
   6.3 Toda família mora no Brasil?
      6.3.1 Os familiares que residem no Brasil: onde residem?
         6.3.1.1 Quem da família mora e quem não mora no Brasil?
      6.3.2 Os familiares que não residem no Brasil, onde residem?
      6.3.3 Qual a frequência de visitas etc.
   6.4 Algum membro de sua família veio para o Brasil antes de você?
   6.5 Algum membro de sua família nasceu no Brasil?
   6.6 Algum tem nacionalidade brasileira?
   6.7 Quais alterações familiares ocorreram depois de sua vinda? (casamento/separações do cônjuge-companheiro(a) e filhos/Recasamento?)
   6.8 Alterações nos papeis dos vários membros da família.

7. **Acesso a benefícios e equipamentos sociais.**
   7.1. Em algum momento, você procurou algum órgão brasileiro para saber sobre seus direitos?
   7.2. Você se inscreveu na Previdência Social (pagamento INSS)?

7.3. Quais os subsídios sociais de que já usufruiu (você ou sua família)?

7.3.1 Subsidio de desemprego?

7.3.2 Abono de família para crianças e jovens?

7.3.3 Licença parental, de maternidade ou de paternidade?

7.3.4 Subsidio de gravidez?

7.4. Possui bolsa-família?

7.5. Fez algum curso de formação (reabilitação funcional)?

7.6. Que benefícios você conhece e/ou teve acesso neste período em que está no Brasil?

7.7. Participa de algum programa social?

7.8. Na área das políticas sociais você percebeu diferenças entre nativos e estrangeiros?

8 **Sociabilidade no Brasil.**

8.1 A maioria de seus amigos é do seu país, são brasileiros ou são de outros países?

8.1.1 Caso a maioria seja de outros países, de quais são?

Caso a maioria seja do Brasil:

8.1.2 São, sobretudo, amigos do bairro/lugar de residência?

8.1.3 Colegas de trabalho/estudo?

8.1.4 Familiares?

8.1.5 Outros?

8.2 Como, onde e com quem passa os fins de semana e tempos livres no Brasil?

8.3 Participa de atividades religiosas?

8.4 Participa atividades culturais?

8.5 Participa de redes sociais?

9 **Avaliação do projeto migratório.**

9.1 Principais dificuldades encontradas no Brasil:

9.1.1 Emprego
9.1.2 Habitação
9.1.3 Saúde
9.1.4 Formação
9.1.5 Segurança social
9.1.6 Língua
9.1.7 Discriminação
9.1.8 Outras

9.2 Você teve problemas para se regularizar no Brasil?
9.2.1 Quem é que lhe ajudou a resolver os problemas no Brasil?
9.3 Em sua opinião, o que o Governo Brasileiro deveria fazer para melhorar o acolhimento dos imigrantes no Brasil?
9.4 E o Governo do Haiti, poderia fazer algo para ajudar os candidatos à migração para o Brasil? (Por exemplo, divulgar no seu país informações sobre a realidade brasileira).
9.5 Pensa em voltar para o Haiti ou emigrar para outro destino?
9.5.1 Quando, para onde e por que?
9.6 Você pensa em pedir a nacionalidade brasileira?
9.7 O que significa para você estar vivendo no Brasil – principais experiências.
9.8 Está satisfeito em ter migrado para o Brasil?
9.8.1 Por que?
9.9 A migração aconteceu da forma que você esperava?
9.9.1 O que aconteceu fora do planejado?
9.10 Valeu a pena ter imigrado?

Instrumentos de Coleta

Em creole e português

International Organization for Migration (IOM)
Organisation internationale pour les migrations (OIM)
Organización Internacional para las Migraciones (OIM)

Deklarasyon Konsantman - *Entèvyou*

Bonswa, non pa'm se ..... M'ap kolabore ak OIM (Òganizyon Entènasyonal Migrasyon yo.) nan yon etid kap fèt lavil Manaus sou entegrasyon migran ayisyen yo nan peyi brezil. Ou fè pati de moun yo te chwazi e ki envite pou patisipe nan rechèch la.
Mwen pral poze w kèk kesyon sou eksperyans pa'w la nan peyi brezil, sou kijan sante w ye, edikasyon w, fanmi w, elatriye.
Nou vle di w ke nou pap likide idantitew, lap toujou rete sekrè e rezilta etid sa a pap prezante kòm sa yon grenn moun te di, men toujou rezime sa gwoup la te di. Nan sans sa, nou pap likide idantite w tou, ni lè travay sa fini nèt, ni lè y'ap itilize l nan piblikasyon pou edikasyon osnon syantifik. Vi prive w asire e patisipasyon nan diskisyon sa a se pou etid la. Tout dokiman kap anrejistre enfòmasyon sou sa w te di pral vin detwi apre rechèch la fini.
Patisipasyon pa w la se yon ak volontè e li enpòtan anpil. Nou konte sou kolaborasyon w, men ou ka bay vag nan nenpòt ki moman, san pwoblèm si desizyon w se pou pa patisipe ankò.
Responsab rechèch la (Pwofesè Duval Magalhaes Fernandes) ka reponn ak tout kesyon ou ta renmen poze sou etid la, kontakte li nan email sa (duval@pucminas.br) osnon nan nimewo telefòn sa 031 3319 4241.

Mwen bay konsantman'm ak volonte pou'm patisipe nan etid sa. Mwen otorize OIM pou'l ranmase, itilize, pibliye e dispose enfòmasyon pèsonèl mwen yo pou'l fè sa'l di l'ap fè jan deklarasyon an di a. Mwen deklare ke :

- Mwen te enfòme de objektif rechèch la se pou tèt sa yo ka pran enfòmasyon mwen yo pou yo fè sa yo di yap fè selon jan deklarasyon an di a.
- Mwen konprann ke enfòmasyon mwen yo ka ititlize, pibliye an plis de rechèch la men gen lòt etid ak piblikasyon ki ka sanble ak pa m nan.
- Tout enfòmasyon mw bay yo pa gen manti ladan yo, se selon sa mwen konprann.
- Mwen o kouran de tout sa ki di nan deklarasyon konsantman sa a, ke mwen te li e tradwi.
- Map patisipe nan etid sa ak pwòp volonte mwen e mwen lib pou m bay OIM otorizasyon pou li trete tout enfòmasyon mwen bay yo.

_____
_
Non ak siyati entèrprèt la (tanpri ekril ak lèt detache)

_____
_____
Non ak siyati patisipan an (tanpri ekril ak lèt detache)

Mèsi pou kowoperasyon w e konfyans ou fè nou.

Date ___/___/___

Migrasyon Ayisyen nan peyi Brezil
Gid pou yon konvèsasyon ak imigran ayisyen yo

PREMYE BLÒK - ENFÒMASYON SOU IDANTIFIKASYON

1.1 Nimewo didantifikasyon kesyonè an: _____

1.2 Laj:_____

1.3 Sèks: Gason ( ) Fi ( )

1.4 Kondisyon matrimonyal :
Selibatè ( ) Vèf ( ) Plase ( ) Marye ( ) Separe ( ) Divòse ( )

1.5 Ledikasyon/Alfabetizasyon:_____

1.6 Nasyonalite (ki paspò ou gen nan men w):_____

1.7 Vil oubyen depatman nan peyi Dayiti oubyen lòt peyi kote ou te ye anvan emigrasyon nan peyi Brezil:_____

1.8 Ki dènye djòb ou te genyen nan peyi Dayiti anvan ou te ale abite nan peyi Brezil (si gen plizyè mete yo tout ladan la)?

_____
_____
_____
_____
_____

DEZYÈM BLÒK – PWOSESIS MIGRATWA POU RIVE NAN PEYI BREZIL LA

2.1 Ki dat ou te kite Ayiti (mete yon dat)? _____/_____/_____
2.2 Ki dat ou te rive nan Brezil (mete yon dat)? _____/_____/_____
2.3 Ki chimen ou te fè pou ou rive Brezil (nan ki peyi ou te pase, presize etap yo)?
- Ki peyi ou te sòti: _____ ki peyi ou te rive:_____dat etap vwayaj la: ___/___/___
Mwayen transpò ou te itilize nan etap vwayaj la:
Bato ( ) Avyon ( ) Mache apye ( ) Camyon ( ) Machin ( ) Oubyen lòt mwayen transpò ( )
- Ki peyi ou te sòti: _____ ki peyi ou te rive:_____dat etap vwayaj la: ___/___/___
Mwayen transpò ou te itilize nan etap vwayaj la:
Bato ( ) Avyon ( ) Mache apye ( ) Camyon ( ) Machin ( ) Oubyen lòt mwayen transpò ( )
- Ki peyi ou te sòti: _____ ki peyi ou te rive:_____dat etap vwayaj la: ___/___/___
Mwayen transpò ou te itilize nan etap vwayaj la:
Bato ( ) Avyon ( ) Mache apye ( ) Camyon ( ) Machin ( ) Oubyen lòt mwayen transpò ( )
- Ki peyi ou te sòti: _____ ki peyi ou te rive:_____dat etap vwayaj la: ___/___/___

Mwayen transpò ou te itilize nan etap vwayaj la:
Bato ( ) Avyon ( ) Mache apye ( ) Camyon ( ) Machin ( ) Oubyen lòt mwayen transpò ( )
- Ki peyi ou te sòti: _____ ki peyi ou te rive:_____dat etap vwayaj la: ___/___/___
Mwayen transpò ou te itilize nan etap vwayaj la:
Bato ( ) Avyon ( ) Mache apye ( ) Camyon ( ) Machin ( ) Oubyen lòt mwayen transpò ( )
- Ki peyi ou te sòti: _____ ki peyi ou te rive:_____dat etap vwayaj la: ___/___/___

Mwayen transpò ou te itilize nan etap vwayaj la:
Bato ( ) Avyon ( ) Mache apye ( ) Camyon ( ) Machin ( ) Oubyen lòt mwayen transpò ( )
- Ki peyi ou te sòti: _____ ki peyi ou te rive:_____dat etap vwayaj la: ___/___/___
Mwayen transpò ou te itilize nan etap vwayaj la:
Bato ( ) Avyon ( ) Mache apye ( ) Camyon ( ) Machin ( ) Oubyen lòt mwayen transpò ( )
- Ki peyi ou te sòti: _____ ki peyi ou te rive:_____dat etap vwayaj la: ___/___/___
Mwayen transpò ou te itilize nan etap vwayaj la:
Bato ( ) Avyon ( ) Mache apye ( ) Camyon ( ) Machin ( ) Oubyen lòt mwayen transpò ( )
- Ki peyi ou te sòti: _____ ki peyi ou te rive:_____dat etap vwayaj la: ___/___/___
Mwayen transpò ou te itilize nan etap vwayaj la:
Bato ( ) Avyon ( ) Mache apye ( ) Camyon ( ) Machin ( ) Oubyen lòt mwayen transpò ( )
- Ki peyi ou te sòti: _____ ki peyi ou te rive:_____dat etap vwayaj la: ___/___/___
Mwayen transpò ou te itilize nan etap vwayaj la:
Bato ( ) Avyon ( ) Mache apye ( ) Camyon ( ) Machin ( ) Oubyen lòt mwayen transpò ( )

2.4 Ou te pati pou kont ou oubyen ak lòt moun?
Pou kont mwen ( ) (pase nan kesyon 2.5) Akonpanye ( )
2.4.1 Konbyen moun ki te avèk ou ?_____
2.4.2 Kilès ki te vwayaje avèk ou ?
_____
_____
_____
2.5 Eske w te jwenn sipò oubyen èd yon lòt moun pou ou ka fè vwayaj la?
( ) Wi ( ) Non (pase nan kesyon 2.7)

2.5.1 kilès ki te ede w / kilès ki te ba w asistans ?_____
_____
2.5.2 Ki sipò konsa/ ki asistans konsa : ( ) Finansye ( ) Nan òganizasyon vwayaj la.
Lòt
ankò ?_____
2.5.3 Ou te peye pou vwayaj sa a ? Wi ( ) Non ( ) Konbyen ou te peye?_____

2.6 Eske w te bezwen prete kob pou w te kapab peye vwayaj la? ( ) Wi ( ) Non
2.6.1 Konbyen ? _____ Nan men kilès ?_____
2.7 Nan tout etap nou sòt pale la yo, ou te jwenn pwoblèm ? Wi ( ) Non ( )(pase nan kesyon 2.8)
2.7.1 Kilès ki te ba w pwoblèm? Sèvis migrasyon otorite yo ( ) Endijèn yo ( ) Moun yo ki
t ap vwayaje ave w ( )
2.7.2 Ki kalite pwoblèm?_____
_____
_____
2.8 Poukisa w te vin nan peyi Brezil? _____
_____
_____

2.9 Kijan ou te antre nan peyi Brezil la?
( ) ak viza twa mwa ( ) Refijye / viza imanitè ou jwenn nan fwontyè a?
( ) viza konsila Brezil la te fè soti pou ou
2.10 Konbyen tan ou genyen nan peyi Brezil ? Lane_____Mwa_____Jou ___
2.11 Eske w te chache enfòmasyon sou Brezil anvan ou te vwayaje ?
Wi ( ) Non ( ) (pase nan kesyon 2.12)
2.11.1 Si se wi, ki kote ou te vin chache enfòmasyon sa yo ?_____
Ki kalite enfòmasyon konsa ?_____
2.11.2 Ou te chache enfòmasyon sou:
2.11.2.1 Dwa imigran yo? Wi ( ) Non ( )
2.11.2.2 Kote, kijan pou jwenn travay? Wi ( ) Non ( )
2.11.2.3 Posibilite pou jwenn yon viza nan anbasad Brezil la ? Wi ( ) Non ( )
2.12 Eske w te chache genyen enfòmasyon sou kijan epi ki kote pou w vin legalize sitiasyon w nan Brezil ? Wi ( ) Non ( )
2.13 Eske w te konnen yon moun nan peyi Brezil anvan ou te ale ? Wi ( ) Non ( ) (pase nan kesyon 3.1)
2.14 Moun sa se te yon : zanmi pa w ( ) paran lwen/paran pwòch ( ) papa/manman/frè/sè ( )
zanmi yon lòt moun ou te konnen ( )

TWAZYÈM BLÒK – POLITIK PIBLIK YO

3.1 Lojman
3.1.1 Lè w te rive nan peyi Brezil, nan ki vil ou te ale?_____
Depatman (Estado)?_____
3.1.1.2 Nan ki kondisyon ou te abite nan vil sa:
Apatman ( ) Kay ( ) pansyon oubyen nan otèl ( ) kay akèy gratis ( )
Fanmi ( ) Chanm ( ) Lòt ( )
Presize:_____
3.1.1.3 Konbyen tan ou fè kote sa? Depi___/___/____ jiska___/___/____
3.1.4 Nan konbyen vil ou te abite nan peyi Brezil? _____

3.1.5 Mete vil yo epi mete dat ou te rive ak dat ou te kite yo.
1e vil Brezil. _____ Estado_____antre___/___/___kite___/___/___/

2e vil Brezil. _____ Estado_____antre___/___/___kite___/___/___/
3 e vil Brezil. _____ Estado_____antre___/___/___kite___/___/___/
4 e vil Brezil. _____ Estado_____antre___/___/___kite___/___/___/
5 e vil Brezil. _____ Estado_____antre___/___/___kite___/___/___/
3.1.6 Nan ki mòd kay ou abite kounyea ?
Apatman ( ) Kay ( ) pansyon oubyen nan otèl ( ) kay akèy gratis ( )
Fanmi ( ) Chanm ( ) Lòt ( )
Presize:_____
3.1.6.1 Konbyen moun k ap viv avè w?_____Konbyen moun k ap dòmi nan menm pyès la?_____
3.1.7 Kondisyon: Lwaye ( ) (pase nan kesyon 3.1.7.2) Konpayi oubyen patwon aranje li ( ) ou menm se propryetè ( )
Si ou propyetè kay la, kijan ou te vin achte l?_____
_____
_____
3.1.7.1 ak pwop mwayen w an ( ) finansman ( )
3.1.7.1.1 Kijan eksperyans bank oubyen ajan finansye ou te ye?
_____
_____
3.1.7.1.2 Ki pyès enpòtan yo te mande ou pou w te gen pwopriyete lojman an?
_____
_____
3.1.7.2 Eske w estime li difisil pou lwe yon kay/pyès kay? Wi ( ) Non ( )
3.1.7.2.1 Eske w te oblije bay garanti oubyen fè yon depo nan men mèt kay la? Wi ( ) Non ( )
3.1.7.2.2 Konbyen moun ki mete ansanm pou peye lwaye kay la?
_____

3.2 Travay
3.2.1 Kijan ou te fè jwenn premye djòb ou nan peyi Brezil, nan ki vil epi ki travay li te ye ?
_____
Vil :_____
Travay :
_____
3.2.2 Kilès ki te jwenn djòb la pou w?
Ou menm ( ) yon zanmi ( ) yon òganizasyon oubyen yon legliz ( ) Kontak dirèk ak biznis oubyen ak konpayi a ( ) lòt ( )_____
3.2.3 Ou toujou nan menm travay la?
Wi ( ) (pase nan kesyon 3.2.5) Non ( )
3.2.4 Konbyen djòb ou gen tan pase depi lè w rive a?_____
3.2.5 Tanpri bay plis detay sou travay w ap fè kounye a nan peyi Brezil:_____
_____
_____
3.2.6 Nan travay w ap fè kounye a eske w:
Gen kontra siyen toutbon ( ) Pa gen kontra ditou men w ap travay nan yon entrepriz kanmenm ( )
Se travay otonom ( )
3.2.7 Eske travay la gen rapò ak kalifikasyon oubyen fòmasyon pa w? Wi ( ) Non ( )
3.2.8 Nan ki sektè w ap travay?
Konstriksyon ( ) Endistri alimantè ( ) Domèstik ( ) Sèvis jeneral yo ( ) Komès ( )
Machin pou koud ( ) Agrikilti ( ) Lòt, tanpri presize: _____

3.2.9 Eske w ap travay orè doub nan menm konpayi? Wi ( ) Non ( )
Eske w gen plizyè djòb nan plizyè konpayi? Wi ( ) Non ( )
3.2.10 Ou konn travay èdtan siplemantè (hora extra)? Wi ( ) Non ( ) (pase nan kesyon 3.2.11)
Konbyen èdtan siplemantè (hora extra) ou travay nan semèn nan: _____
Konpayi a peye hora extra? Wi ( ) Non ( )
3.2.10.1 Eske patwon an respekte orè travay pa w ? Wi ( ) Non ( )
3.2.11 Kijan kominikasyon andan travay ap fèt ak Ayisyen yo? Siy nan lang kreyòl ( ) Avi nan lang kreyòl ( ) Tablo ki kole nan mi nan lang kreyòl ( ). Presize : _____
3.2.11.1 Eske w konnen yon dokiman oubyen yon ti liv an kreyòl k ap èsplike dwa ou genyen?
Wi ( ) Non ( )
3.2.12 Salè e kondisyon travay la : patwon an bay ekipman pou sekirite anplwaye yo ? Wi ( ) Non ( )
3.2.11 Eske w konn jwenn lòt lajan ki pa lajan salè w ? Wi ( ) Non ( ). (Pase nan kesyon 3.2.13)
3.2.12 Eske lajan sa a deklare nan mas salaryal la ? Wi ( ) Non ( )
3.2.13 Kijan relasyon ou ye ak patwon ou yo? Zanmitay ( ) Otoritè ( ) Distan ( ) Lòt ankò ( )
3.2.14 Ki relasyon ou genyen ak kòlèg ou yo ? Zanmitay ( ) Distan ( ) Lòt ankò ( )
3.2.15 Majorite moun k ap travay avè w se : Brezilyen ( ) Lòt etranje ( ) Ayisyen ( )
3.2.16 Ou konn wè yon diferans nan relasyon ak Brezilyen e relasyon ak etranje yo ? Wi ( ) Non ( )
3.2.17 Ou konn wè yon diferans nan relasyon ak moun ki kalifye e relasyon ak moun ki pa kalifye ?
Wi ( ) Non ( )
3.2.18 Ou konn wè yon diferans nan relasyon ak mesye yo e relasyon ak medam yo? Wi ( ) Non ( )
3.2.19 Sou bagay travay la, nan ki opsyon ou ta renmen travay: Travay fòmèl (kanè siyen)( ) Travay enfòmèl (san kanè siyen) ( )
3.2.20 Eske lajan ou touche chak mwa a sifizan pou viv ? Wi ( ) Non ( )
3.2.20.1 Eske w rive sove yon ti lajan ? Wi ( ) Non ( )
3.2.20.2 Kijan ou pral sèvi ak lajan sa ou te sere a ? W ap voye lajan pou fanmi w ki nan peyi Ayiti ( )
Konbyen kòb ou konn voye pou fanmi w? ¼ salè a ( ) plis pase mwatye salè a ( )
3.2.20.3 Eske w vle achte kay pa w nan peyi Brezil ( ) Achte kay nan peyi Ayiti ( ) Lòt plasman ?
Prezise plasman yo:_____
3.2.21 Ou te chache sipò nan òganizasyon SINE oubyen nan Ministè Travay pou chache yon djòb ? Wi ( ) Non ( )

3.3 Ledikasyon

3.3.1 Ou te ale lekòl nan Brezil oubyen ou te fè kou nan lekòl peyi Brezil ? Wi ( ) Non ( ) (Pase nan kesyon 3.3.3)
Si se wi, kisa? Kou _____ Konbyen tan_____
Kou _____ Konbyen tan _____
Kou _____ Konbyen tan _____
3.3.2 Kote ou te fè kou yo se yon enstitisyon prive oubyen piblik ? Prive ( ) Piblik ( )
3.3.2.1 Konbyen tan ou te fè nan fòmasyon an ? _____

3.3.3 Ou gen timoun ki nan laj pou ale lekòl k ap viv Brezil ? Wi ( ) Non ( ). (Pase nan kesyon 3.4)
3.3.3.1 Yo ale nan lekòl brezilyen? Wi ( ) Non ( )
3.3.1.1 Se lekòl prive oubyen piblik ? Prive ( ) piblik ( )
3.3.1.2 Eske kesyon dokiman oubyen san papye te geyen enpak sou fason pou nou jwenn edikasyon ?
Wi ( ) Non ( )
3.3.1.3 Kijan nivo ti moun pa ou yo aprann nan lekòl Brezil ? Trè bon ( ) Movè ( ) Bon ( ) Sòt ( )
3.3.1.4 Yo te gen kont ak elèv parèy yo oubyen ak profesè yo ? Wi ( ) Non ( )
3.3.1.5 Yo te gen difikilte ak lang pòtigè a? Wi ( ) Non ( )

3.4 Sante
3.4.1 Ou menm oubyen yon manm nan fanmi an konn bezwen sèvis sante nan peyi Brezil ? Wi ( )
Non ( ) (pase nan kesyon 4.1)
3.4.1.1 Nan ki sitiyasyon / nan ki maladi ? _____
_____
3.4.2 Nou konn itilize sèvis sante piblik (SUS) ? Wi ( ) Non ( )
3.4.3 Eske nou gen yon plan sante? Wi ( ) Non ( )
Ou peye konsiltasyon prive ak egzamen medikal ? Wi ( ) Non ( )
3.4.4 Kijan ou trouve sèvis la ? Bon anpil ( ) Movè ( ) Bon ( ) Degoutan ( )
3.4.5 Ou konnen dwa w nan domèn sante ? Wi ( ) Non ( ) Yon ti kras ( )

KATRIÈM BLOK– FANMI

4.1 Pou kilès w ap pran responsabilite ekonomik nan fanmi w? _____
_____
4.1.1 Ki bò yo ye? Brezil ( ) Ayiti ( ) nan lòt peyi ankò ( )
4.2 Eske w te bezwen yon sipò ekonomik nan men fanmi w aprè ou te rive Brezil? Wi ( ) Non ( )
4.3 Gen yon moun nan peyi Ayiti ki sou kont ou ekonomikman ? Wi ( ) Non ( )
4.3.1 Kilès nan fanmi w k ap viv Brezil? _____
_____
4.3.2 Kilès nan fanmi ou k ap viv Ayiti? _____
_____
_____
4.3.3 Manm fanmi ki rete Brezil ap viv ak ou ? Wi ( ) Non ( )
4.3.4 Ki kote epi ki moun k ap viv Brezil la (timoun, mari, madanm, papa, manman, elatriye) ?
_____
_____
4.3.5 Manm fanmi an ki pap rete nan Brezil, nan ki peyi yo rete? _____
Si se Ayiti, nan ki vil, nan ki Depatman? _____
4.4 Geyen yon lòt manm fanmi pa w ki te vin Brezil avan w ? Wi ( ) Non ( ) (pase nan kesyon 4.6)
4.5.1 Kilès? _____
4.5 Genyen yon manm fanmi w ki te fèt Brezil ? Wi ( ) Non ( )

4.6.1 Genyen yon manm fanmi w ki gen nasyonalite brezilyèn ? Wi ( ) Non ( )
4.6 Ki chanjman ou te rive remake ki fèt lè fanmi an te fin rantre nan peyi Brezil ?
Maryaj ( ) Nouvo maryaj ( ) Moun ki te renmen separe ( ) Ti bebe ( )

SENKIÈM BLÒK – DWA POU PRESTASYON SOSYAL EPI EKIPMAN

5.1 Nan yon moman, ou te kontakte yon ajans oubyen yon biwo nan Brezil pou w ka gen enfòmasyon sou dwa ou ?
Wi ( ) Non ( ) (pase nan kesyon 5.2)
5.1.1 Si se wi, kisa ?
_____
5.2 Ou te enskri nan sekirite sosyal (INSS paiement) ? Wi ( ) Non ( )
5.3 Ki avantaj oubyen prestasyon sosyal (ou menm ak fanmi) ap benefisye :
5.3.1 Sibvansyon chomay ? Wi ( ) Non ( )
5.3.2 Alokasyon familyal pou timoun ak jèn ? Wi ( ) Non ( )
5.3.3 Konje parantal, konje matènite oubyen patènite ? Wi ( ) Non ( )
5.3.4 Alokasyon pou fanm ansent ? Wi ( ) Non ( )
5.3.5 Pansyon pou retrèt ? Wi ( ) Non ( )
5.3.6 Kou sou fòmasyon Wi ( ) Non ( )
5.3.7 Eske w gen lòt pwogram sosyal oubyen bous pou fanmi an (bolsa-família)? Wi ( ) Non ( )
5.4 Eske w remake gen diferans nan trètman y ap bay Brezilyen yo e y ap bay etranje yo nan benefis politik sosyal yo ? Wi ( ) Non ( )

SIZYÈM BLOK – SOSYABLITE NAN PEYI BREZIL

6.1 Majorite zanmi w yo nan Brezil se Ayisyen yo ye ? Wi ( ) Non ( )
6.2 Eske w gen zanmi brezilyen ? Wi ( ) Non ( )
6.3 Eske w gen zanmi lòt peyi ? Wi ( ) Non ( )
6.3.1 Ki peyi sa yo ?
_____
6.4 Moun sa yo se zanmi nan katye pa w? Wi ( ) Non ( )
6.5 Ou geyen zanmi ki zanmi etid oubyen zanmi travay ? Wi ( ) Non ( )
6.6 Kijan kontak ak fanmi w yo ye ? Wot frekans ( ) frekans ( ) ti frekans ( )
6.6.1 Ki mwayen kominikasyon ou itilize pou pale ak fanmi w epi zanmi w?
Telefòn ( ) imel ( ) Rezo sosyal yo ( ) Skype ( ) Lèt ou voye nan lapòs ( )
6.7 Kijan ou pase week-end ak tan lib ou yo nan peyi Brezil?
_____
_____
_____
6.8 Ki moun ki avè w nan aktivite sa a ?
6.9 Eske w konnen yon asosyasyon nan domèn imigrasyon Ayisyen ? Wi ( ) Non ( )
6.9.1 Kijan li rele ?
_____
6.10 Eske w asiste yon reyinyon asosiyasyon imigran deja ? Wi ( ) Non ( )
Sou kisa ?
_____
6.11 Sou kesyon lang lan: ki nivo ou pale lang pòtigè a ? Bon anpil ( ) Bon ( ) Movè ( )
6.11.1 Ou te fè jèfò pou aprann pòtigè ? Wi ( ) Non ( ) Yon ti kras ( )
6.11.2 Se yon moun pa pale pòtigè, ou konsidere se yon obstak pou viv nòmalman nan peyi a ? Wi
( ) Non ( )

SETYÈM BLÒK– EVALYASYON PWOJÈ MIGRATWA

7.1 Kèk difikilte nan peyi Brezil :
7.1.1 Travay ( )
7.1.2 Lojman ( )
7.1.3 Sante ( )
7.1.4 Fòmasyon ( )
7.1.5 Sekirite sosyal ( )
7.1.6 Lang / Langaj ( )
7.1.7 Diskriminasyon ( )
7.1.8 Lòt ( ) Tankou?
_____

7.2 Eske w te jwenn pwoblèm pou te enstale nan peyi Brezil ? Wi ( ) Non ( ) (pase nan kesyon 7.4)
7.3 Kilès ki te ede w rezoud pwoblèm ou yo nan peyi Brezil? _____
_____

7.4 Daprè ou menm, kisa pou gouvènman brezilyen ta fè pou amelyore akèy imigran yo nan peyi Brezil?
_____
_____

7.5 Gouvènman ayisyen an, èske li kapab fè yon bagay pou ede kandida ale nan peyi Brezil ? (Egzanp : nan bay yo enfòmasyon sou reyalite peyi Brezil).
_____
_____
_____

7.6 Eske w swete retounen Ayiti? Wi ( ) Non ( )
7.7 Retounen nèt ? Wi ( ) Non ( )
7.8 Eske w swete ale yon lòt kote anvan ou jwenn rezidans peyi Brezil la ? Wi ( ) Non ( )
Lè? _____ Ki kote ? _____Poukisa ?
_____

7.9 Eske w swete ale nan yon lòt kote lè w fin jwenn rezidans peyi Brezil la ? Wi ( ) Non ( )
Lè? _____ Ki kote ? _____Poukisa ?
_____

7.10 Eske w fè lide pou ta mande nasyonalite brezilyèn ?
7.11 Kisa sa vle di pou w menm lè w deside viv nan peyi Brezil ? (Kèk esperyans enpòtan)
_____
_____
_____

7.12 Eske w satisfè paske w te vini nan peyi Brezil ? Wi ( ) Non ( )
7.12.1 Poukisa?
_____
_____

7.13 Eske vwayaj la te pase jan ou te swete'l? Wi ( ) Non ( )
7.13.1 Kisa ki te pase nan plan vwayaj la ou pa t sonje anvan?

_____

International Organization for Migration (IOM)
Organisation internationale pour les migrations (OIM)
Organización Internacional para las Migraciones (OIM)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/*ENTREVISTA*

Boa noite, meu nome _____. Estou colaborando com a Organização Internacional para as Migrações – OIM em um estudo em _____ sobre a integração da população migrante haitiana no Brasil. Você foi convidado(a) e selecionado(a) para participar da pesquisa, por meio desta entrevista.

Vou fazer algumas perguntas sobre a sua migração para o Brasil, sobre sua saúde, sobre Educação, sobre sua família, entre outras.

Para o sucesso deste estudo a sua especial colaboração em participar efetivamente da entrevista é indispensável.

Esclarecemos que sua identidade será mantida em sigilo. Os resultados do estudo serão sempre apresentados como o retrato de um grupo e não de uma pessoa. Dessa forma, você não será identificado(a) quando o material ou seu registro for utilizado, seja para propósito de publicação científica ou educativa. A sua privacidade será assegurada e as gravações realizadas serão somente para utilização do estudo. Após a utilização poderão ser destruídas.

Sua participação é voluntária e muito importante. Contamos com sua colaboração. Entretanto, você poderá se recusar a qualquer momento, não havendo nenhum dano pessoal, caso sua decisão seja a de não participar.

O pesquisador responsável (Professor Duval Magalhaes Fernandes) poderá esclarecer quaisquer dúvidas sobre o estudo, bastando contato por e-mail (duval@pucminas.br).

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo. Autorizo a OIM a coletar, usar, divulgar e dispor de meus dados pessoais para os fins declarados neste documento. Declaro que:

- Fui informado sobre os objetivos desta pesquisa, motivo pelo qual meus dados serão coletados, usados, divulgados, conforme descrito acima.
- Compreendo que meus dados poderão ser usados e divulgados, além desta pesquisa, para estudos e publicações que tenham objetivos afins.
- As informações que forneci são verdadeiras e corretas, refletindo o melhor de meu entendimento.
- Tomei conhecimento do conteúdo deste consentimento informado através das declarações acima, que foram lidas/traduzidas para mim.
- Participo deste estudo voluntariamente e dou meu consentimento livremente à coleta e ao processamento de meus dados pessoais pela OIM.

_____

Nome (em letra de forma) e Assinatura da Intérprete

_____

Nome do participante (em letra de forma) e Assinatura da participante

Obrigado pela sua colaboração e por merecer sua confiança.

Data ____/____/____

OIM Organização Internacional para as Migrações

MIGRAÇÃO DE HAITIANOS PARA O BRASIL
ROTEIRO PARA ENTREVISTA DE IMIGRANTES HAITIANOS

PRIMEIRO BLOCO - Dados de Identificação

1.1 Número do questionário_____

1.2 Idade:_____

1.3 Sexo: Masculino ( ) Feminino ( )

1.4 Estado civil: Solteiro(a) ( ) Viúvo(a) ( ) Vivendo Junto ( ) Casado(a) ( ) Separado(a)/divorciado(a) ( )

1.5 Escolaridade/Grau de Instrução:_____

1.6 Nacionalidades:_____

1.7 Última cidade/Província no Haiti ou país aonde estava antes da emigração para o Brasil:_____

1.8 Qual o último trabalho que tinha no Haiti antes da emigração para o Brasil? (se mais de um listar todos)

_____

_____

SEGUNDO BLOCO - Processo Migratório

2.1 Quando saiu do Haiti? ____/____/____ 2.2 Quando chegou ao Brasil?____/____/____

2.3 Trajeto realizado até chegar ao Brasil?

Etapas

De: _____ à _____ em ___/___/___,

Tipo transporte: barco ( ) avião ( ) a pé ( ) ônibus ( ) carro ( ) (marcar a opção)

De: _____ à _____ em ____/____/____

Tipo transporte: barco ( ) avião ( ) a pé ( )ônibus ( ) carro ( ) (marcar a opção)

De: _____ à _____ em ____/____/____

Tipo transporte: barco ( ) avião ( ) a pé ( ) ônibus ( ) carro ( ) (marcar a opção)

2.4 Viajou só ou acompanhado? ( ) sozinho (passe à pergunta 2.5) ( ) Acompanhado

2.4.1 Quantas pessoas te acompanharam?

_____

2.4.2 Quem e qual seu parentesco com eles?

_____

2.5 Você recebeu alguma ajuda/assistência para fazer a viagem? ( ) Sim ( ) Não **(passe à pergunta 2.7)**

2.5.1 Quem lhe ajudou/deu assistência?

_____

2.5.2 Qual Tipo de ajuda/assistência: ( ) financeira ( ) organização da viagem. Outra, qual?

_____

2.5.3 Você pagou pela viagem? Sim ( ) Não ( ) Quanto? _____

2.6 Você ficou devendo alguma coisa da viagem? ( ) Sim ( ) Não

2.6.1 Quanto? _____ Para quem? _____

2.7 Em algum dos trajetos descritos anteriormente você teve algum problema?

Sim ( ) Não ( ) **(passe à pergunta 2.8)**

2.7.1 Com quem? ( ) autoridades da migração ( ) nativos ( ) acompanhantes

2.7.2 Qual tipo de problema? _____

2.8 Por que motivo(s) veio para o Brasil? _____

2.9 Como foi a entrada no Brasil? ( ) Visto de 3 meses

( ) Refúgio/visto humanitário na fronteira? ( ) Visto residência no consulado do Brasil?

2.10 Quanto tempo está no Brasil? _____anos _____meses _____dias _____

2.11 Você procurou levantar informações sobre o Brasil antes da viagem?

Sim ( ) Não ( ) **(passe à pergunta 2.12)**

2.11.1 Caso sim, com quem ou onde buscou informação? _____ Que tipo de

informação?_____

2.11.2 Informações sobre:

2.11.2.1 Direitos como imigrante? Sim ( ) Não ( )

2.11.2.2 Oportunidade de trabalho/emprego? Sim ( ) Não ( )

2.11.2.3 Possibilidade de conseguir o visto junto a Embaixada do Brasil? Sim ( ) Não ( )

2.12 Você procurou levantar informações sobre como e onde se regularizar ao chegar ao Brasil?

Sim ( ) Não ( )

2.13 Você conhecia alguém no Brasil antes de migrar? Sim ( ) Não ( ) **(passe à pergunta 3.1)**

2.14 Esta pessoa era seu: amigo/amiga ( ), parente afastado ( ) parente próximo – pai/mãe/irmão( ) amigo ou conhecido de outra pessoa ( )

TERCEIRO BLOCO - Políticas Públicas

3.1 Moradia

3.1.1 Ao chegar ao Brasil para qual cidade você foi?_____.

Estado_____

3.1.1.2 Sua residência nessa cidade era:

Apartamento individual ( ) Divide apartamento ( )

Casa ( )

Pensão ou hotel ( ) Casa de acolhimento gratuito ( ) Casas de família ( )
Quarto ( ) Outro ( ). Especifique:
_____
3.1.1.3 Quanto tempo morou neste local? De ___/____/____ a ___/____/____/
3.1.4 Em quantas cidades você já passou no Brasil?_____
3.1.5 Enumere estas cidades apontando a data de chegada e saída.
1ª cidade no Brasil _____. Estado_____ chegada ___/___/___ partida ___/___/___/
2ª cidade no Brasil _____. Estado_____ chegada ___/___/___ partida ___/___/___/
3ª cidade no Brasil _____. Estado_____ chegada ___/___/___ partida ___/___/___/
4ª cidade no Brasil _____. Estado_____ chegada ___/___/___ partida ___/___/___/
5ª cidade no Brasil _____. Estado_____ chegada ___/___/___ partida ___/___/___/
3.1.6 Qual é o tipo de residência que você mora atualmente?
Apartamento individual ( ) Divide apartamento ( )
Casa ( )
Pensão ou hotel ( ) Casa de acolhimento gratuito ( ) Casas de família ( )
Quarto ( )
3.1.6.1 Quantas pessoas moram com você? _____ Quantos dormem no mesmo quarto? ____
3.1.7 Modalidade: Alugada ( ) **(passe à pergunta 3.1.7.2)** Disponibilizado pelo Empregador/Patrão ( )
Própria ( ) Se própria, como adquiriu? _____
3.1.7.1 A vista ( ) Fez financiamento ( )
3.1.7.1.1 Como foi a experiência com o Banco ou agente financeiro?
_____
_____
3.1.7.1.2 Que documentos foram necessários para a aquisição da casa própria?
_____
3.1.7.2 (No caso de imóvel de aluguel) Sentiu muita dificuldade para alugar o imóvel? Sim ( ) Não ( )
3.1.7.2.1 Precisou de fiador? Sim ( ) Não ( )
3.1.7.2.2 Quantas pessoas contribuem para o pagamento do aluguel?
_____

3.2 Trabalho

3.2.1Como conseguiu o primeiro trabalho no Brasil, em qual cidade e qual era este trabalho?
Cidade:_____Trabalho_____
_____3.2.2 Quem arrumou este trabalho? Você mesmo ( ) um amigo ( ) contato de uma entidade ou Igreja
( ) Contato direto com a Empresa ( ) outro ( )
3.2.3 Você continua nesse mesmo trabalho até hoje? Sim ( ) **(passe à pergunta 3.2.5)** Não ( )
3.2.4 Quantas vezes você mudou de trabalho desde a sua chegada?
_____
3.2.5 Descreva o mais detalhadamente possível o seu trabalho atual no Brasil:

_____

_____

3.2.6 Neste trabalho você tem: Carteira assinada ( ) sem Carteira Assinada ( ) por conta própria ( )

3.2.7 O trabalho está relacionado às suas qualificações/formação profissional? Sim ( ) Não ( )

3.2.8 Qual o setor no qual você trabalha? ( ) Construção Civil ( ) Industria de alimentos ( ) Doméstico ( ) Serviços Gerais ( ) Comércio ( ) Confecção de roupa ( ) Agricultura ( )

Outro:

_____

3.2.9 Você faz dupla jornada de trabalho? ( ) Sim ( ) Não Possui vários empregos ( )

3.2.10 O trabalho é no horário: ( ) Diurno ( ) Noturno ( ) Diurno e noturno

3.2.11 Como é a comunicação interna na Empresa (com vocês)? ( ) cartazes em crioulo ( ) bilhetes em crioulo ( ) Quadro mural em crioulo Outro. Especifique: _____

3.2.11.1 Conhece algum documento/cartilha que explique seus direitos em crioulo? ( )sim ( ) não

3.2.12 Salário/condições de trabalho: O empregador disponibiliza equipamentos de segurança? Sim ( ) Não ( ).

3.2.9 Qual a sua jornada de trabalho semanal?(em caso de dois trabalhos somar as horas) ( )

3.2.9.1 Faz horas extras? Sim ( ) Não ( ) **(passe à pergunta 3.2.11)**

3.2.10 Quantas horas-extras você faz por semana? ( ) Essas horas-extras são pagas? ( ) Sim ( ) Não

3.2.10.1 O patrão (empregador) respeita o seu horário de trabalho? ( ) Sim ( ) Não

3.2.11 Você recebe algum outro pagamento além do salário? Sim ( ) Não ( ). **(passe à pergunta 3.213)**

3.2.12 Este pagamento é declarado em folha de pagamento? Sim ( ) Não ( )

3.2.13 Como é o relacionamento com os patrões? Amigável ( ) autoritário ( ) Distante ( )

Outro ( )_____

3.2.14 Como é o seu relacionamento com os colegas? Amigável ( ) distante( ) Outro ( )

3.2.15 Os colegas de trabalho são na maioria: Brasileiros ( ) Outros estrangeiros ( ) Haitianos ( )

3.2.16 Percebe diferença no relacionamento entre nativos e estrangeiros? Sim ( ) Não ( )

3.2.17 Percebe diferença no relacionamento entre “qualificados” e “não-qualificados”? Sim ( ) Não ( )

3.2.18 Percebe diferença no tratamento entre homens e das mulheres? Sim ( ) Não ( )

3.2.19 Em se tratando do seu trabalho em quais opções você prefere estar trabalhando?

Trabalho regular com descontos / Emprego formal ( )

Trabalho em que ganhe mais, embora sem carteira assinada /emprego informal ( )

3.2.20 Seu rendimento mensal é suficiente para você viver? Sim ( ) não ( )

3.2.20.1 Conseguiu economizar algum dinheiro? Sim ( ) Não ( )

3.2.20.2 Como pretende usar este dinheiro que economizou? Remessas para a família no Haiti ( )

Quanto envia para a família? ( ) ¼ do salario ( ) Metade do salario ( ) Mais da metade do salário 3.2.20.3 Pretende comprar uma casa própria no Brasil ( ) Comprar casa própria no Haiti ( ) Outros investimentos Quais?_____

3.2.21Você recorreu ao SINE/ Ministério do Trabalho para buscar emprego? Sim ( ) Não ( )

3.3 Educação

3.3.1 Você frequentou alguma Escola ou fez algum curso no Brasil? Sim ( ) Não ( ) (Passe à pergunta **3.3.3)**

Caso sim, qual? _____

3.3.2 A Escola/curso era ou é oferecida (o) por instituição Pública ou Privada? Pública ( ) Privada ( )

3.3.2.1 Qual a duração do Curso? _____

3.3.3 Você tem filhos em idade escolar vivendo aqui no Brasil? Sim ( ) Não ( ) (passe à pergunta 3.4)

3.3.3.1 Eles frequentam escolas brasileiras? Sim ( ) Não ( )

3.3.1.1 A escola do(s) filho(s) era ou é pública ou privada? Pública ( ) Privada ( )

3.3.1.2 A questão da documentação ou ausência desta impactou no acesso a educação? Sim ( ) Não ( )

3.3.1.3 Como está sendo o nível de aproveitamento escolar dos seus filhos?

Muito bom ( ) Ruim ( ) Bom ( ) Péssimo ( )

3.3.1.4 Eles tiveram dificuldades de relacionamento com colegas ou professores? Sim ( ) Não ( )

3.3.1.5 E com o idioma? Sim ( ) Não ( )

3.4 Saúde

3.4.1 Você ou alguém da família precisou utilizar os serviços de saúde no Brasil? Sim ( ) Não ( ) **(passe à pergunta 4.1)**

3.4.1.1 Em que situação/doença? _____

_____

3.4.2 Você utiliza o serviço de saúde pública (SUS)? Sim ( ) Não ( )

3.4.3 Tem plano de saúde ou paga consultas e exames particulares? Sim ( ) Não ( )

3.4.4 Como você avalia o atendimento? Muito bom ( ) Ruim ( ) Bom ( ) Péssimo ( )

3.4.5 Vocês conhecem os seus direitos em assistência a saúde? Sim ( ) Não ( ) Mais ou menos ( )

QUARTO BLOCO – Família

4.1 Membros da família por quem se sente economicamente responsável:

_____

4.1.1 Eles estão: Brasil ( ) Haiti ( ) Outro País. Qual?_____

4.2 Você depende ou dependeu (financeiramente) de algum membro da família, desde que está no Brasil? Sim ( ) Não ( ).

4.3 Alguém que está no Haiti depende de você financeiramente? Sim ( ) Não ( )
4.3.1 Quem da sua família mora no Brasil?

_____

4.3.2 Quem da sua família mora no Haiti?

_____

4.3.3 Os familiares que residem no Brasil moram com você? Sim ( ) Não ( )
4.3.4 Onde residem e quem são (filhos, marido, esposa, pai, mãe etc)?

_____

_____

4.3.5 Os familiares que não residem no Brasil, em que País reside? _____
Se no Haiti, em qual Província/Departamento? _____
4.4 Algum membro de sua família veio para o Brasil antes de você? Sim ( ) Não ( ) **(passe à pergunta 4.6)**
4.5.1 Quem? _____
4.5 Algum membro de sua família nasceu no Brasil? Sim ( ) Não ( )
4.6.1 Algum membro de sua família tem nacionalidade brasileira? Sim ( ) Não ( )
4.6 Quais mudanças familiares aconteceram com você depois de sua vinda para o Brasil?
Casamento ( ) Recasamento ( ) Separações do cônjuge-companheiro(a) ( ) Nascimento filhos ( )

QUINTO BLOCO - ACESSO A BENEFICIOS E EQUIPAMENTOS SOCIAIS

5.1 Em algum momento, você procurou algum órgão brasileiro para saber sobre seus direitos?
Sim ( ) Não ( ) **(passe à pergunta 5.2)**
5.1.1 Em caso de resposta afirmativa, qual?_____
5.2 Você se inscreveu na Previdência Social (pagamento INSS)? Sim ( ) Não ( )
5.3 Quais os subsídios/benefícios sociais de que já usufruiu (você ou sua família):
5.3.1 Subsidio de desemprego? Sim ( ) Não ( )
5.3.2 Abono de família para crianças e jovens? Sim ( ) Não ( )
5.3.3 Licença parental, de maternidade ou de paternidade? Sim ( ) Não ( )
5.3.4 Subsidio de gravidez? Sim ( ) Não ( )
5.3.5 Pensão de aposentadoria? Sim ( ) Não ( )
5.3.6 Cursos de formação (reabilitação funcional) Sim ( ) Não ( )
5.3.7 Possui bolsa-família ou outros programas sociais? Sim ( ) Não ( )
5.4 Você percebeu diferença de tratamento entre nativos e estrangeiros ao acessar as políticas sociais? Sim ( ) Não ( )

SEXTO BLOCO - Sociabilidade no Brasil

6.1 A maioria de seus amigos é do seu país? Sim ( ) Não ( )
6.2 Tem amigos brasileiros? Sim ( ) Não ( )
6.3 Tem amigos de outros países? Sim ( ) Não ( )
6.3.1 Quais países?

_____

6.4 Estas pessoas são, sobretudo, amigos do bairro/lugar de residência? Sim ( ) Não ( )
6.5 Tem colegas de trabalho/estudo que são seus amigos? Sim ( ) Não ( )

6.6 Como é o contato com os seus familiares? Alta frequência ( ) Média frequência ( ) Baixa frequência ( )

6.6.1 Meios de comunicação utilizados para contato com familiares e amigos: ( ) Telefone ( ) E-mail ( ) Rede social ( ) Skype Carta enviada pelo correio ( )

6.7 Como você passa os fins de semana e tempos livres no Brasil? _____

_____

_____

6.8 Quem o acompanha nesta atividade? _____

6.9 Você conhece alguma associação de imigrantes haitianos? Sim ( ) Não ( )

6.9.1Qual?

_____

6.10 Frequenta alguma associação de imigrantes? Sim ( ) Não ( ) Qual? _____

6.11 Em relação ao idioma. Você avalia que o seu português é: ( ) Muito bom ( ) Bom ( ) Ruim

6.11.1 Você tem se esforçado para aprender o português? ( ) Muito ( ) Pouco ( ) Mais ou menos

6.11.2 Você considera não aprender o idioma do país aonde se está vivendo ser uma barreira para o imigrante? Sim ( ) não ( ).

SÉTIMO BLOCO - Avaliação do projeto migratório

7.1 Principais dificuldades encontradas no Brasil:

7.1.1 Emprego ( )

7.1.2 Habitação ( )

7.1.3 Saúde ( )

7.1.4 Formação ( )

7.1.5 Segurança social ( )

7.1.6 Língua/Idioma ( )

7.1.7 Discriminação ( )

7.1.8 Outras ( ) Quais? _____

7.2 Você teve problemas para se regularizar no Brasil? Sim ( ) Não ( ) **(passe à pergunta 7.4)**

7.3 Quem lhe ajudou a resolver os problemas no Brasil?

_____

_____

_____

7.4 Em sua opinião, o que o Governo Brasileiro deveria fazer para melhorar o acolhimento dos imigrantes no Brasil?

_____

_____

_____

7.5 E o Governo do Haiti, poderia fazer algo para ajudar os candidatos à migração para o Brasil? (Por exemplo, divulgar no seu país informações sobre a realidade brasileira)

_____
_____
_____

7.6 Pensa em voltar para o Haiti? Sim ( ) Não ( )

7.7 Pensa em emigrar para outro destino antes de receber a residência no Brasil? Sim ( ) Não ( ) Quando? _____ Por quê? _____ Para onde? _____

7.8 Pensa em emigrar para outro destino depois de receber a residência no Brasil? Sim ( ) Não ( ) Quando? _____ Por quê? _____ Para onde? _____

7.9 Você pensa em pedir a nacionalidade brasileira? Sim ( ) Não ( )

7.10 O que significa para você estar vivendo no Brasil? (principais experiências)

_____
_____
_____

7.11 Está satisfeito em ter migrado para o Brasil? Sim ( ) Não ( )

7.10.1 Por quê? _____

7.12 A migração aconteceu da forma que você esperava? Sim ( ) Não ( )

7.12.1 O que aconteceu fora do planejado?

_____
_____
_____